

LUCIANA CODOGNOTO DA SILVA

**HISTÓRIAS DE MULHERES CATADORAS: AMBIGUIDADES,
GÊNERO E REPRESENTAÇÕES**

DOURADOS – 2011

LUCIANA CODOGNOTO DA SILVA

**HISTÓRIAS DE MULHERES CATADORAS: AMBIGUIDADES,
GÊNERO E REPRESENTAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades*.

Orientador: Prof^a. Dr^a. **Alzira Salete Menegat**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

305.43 Silva, Luciana Codognoto.
S586h Histórias de Mulheres Catadoras : ambiguidades,
gênero e representações. / Luciana Codognoto da Silva. –
Dourados, MS : UFGD, 2011.
157f.

Orientadora: Profa. Dra. Alzira Salete Menegat.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade
Federal da Grande Dourados.

1. Mulheres – Relações de trabalho. 2. Mulheres na
reciclagem. 3. Gênero feminino. I. Título.

LUCIANA CODOGNOTO DA SILVA

**HISTÓRIAS DE MULHERES CATADORAS: AMBIGUIDADES,
GÊNERO E REPRESENTAÇÕES**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora:

Alzira Salete Menegat (Dra., UFGD)

2º Examinador:

Losandro Antônio Tedeschi (Dr., UFGD)

3º Examinador:

Henrique Caetano Nardi (Dr., UFRGS)

*Às Mulheres da Associação de Reciclagem de
Presidente Epitácio, por demonstrarem que o fim
pode ser o início de toda uma Vida e o título de
muitas Histórias.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus. Por faltar-me palavras, recorro às lindas digressões poéticas de Vinícius de Moraes: “Você se fez presente em todos os momentos de minha vida e, passo a passo, pude sentir a Sua mão na minha, transmitindo a segurança necessária do meu caminho a seguir. Sua presença é qualquer coisa, como a luz e a vida e, sinto que em meu gesto, existe o Seu gesto e em minha voz, a Sua voz”.

Ao meu pai, Aparecido, por ensinar-me os valores morais e o respeito às adversidades. Sei, Pai, que embranqueci os seus poucos cabelos com as minhas viagens e as muitas noites em que te atrapalhei com os reflexos da luz acesa pela casa. Agora, prometo, por um tempo, dar-lhe mais momentos para juntos continuarmos compartilhando as nossas histórias: as suas de Pai e as minhas de Filha, construídas com muito amor.

A minha mãe, Maria. Com você, aprendi onde se encontra o verdadeiro valor e sentido do Viver. Suas sábias palavras sempre me acalentaram durante toda a vida. Sua presença, tão próxima e acolhedora, transmitiu-me a segurança necessária e o caminhar sereno, mesmo em meio às adversidades. Profunda incentivadora de meus estudos, jamais esquecerei os dias e as noites em que você me ouvia e guardava em seu coração as minhas lições de matemática e português, quando eu ainda era apenas uma criança, e depois, as muitas leituras suscitadas pela Graduação e pelo Mestrado. A você, Mãe, o meu eterno amor.

Aos meus irmãos: Orlando, Odirlei e Leandro, com quem aprendi, ao longo de toda uma vida, ser possível construir relações mais igualitárias entre os gêneros.

Em especial, agradeço a minha orientadora, professora Dra. Alzira Salete Menegat. Pessoa dócil, humana e, acima de tudo, comprometida na luta pela igualdade de gênero. Suas sábias palavras, nossas conversas, sua escuta e seu apoio foram essenciais nessa trajetória de pesquisa. Jamais esquecerei à forma como me acolheu: seu voto de confiança em mim foi fundamental para que eu conseguisse chegar até aqui. Agradeço pelos livros e pelas muitos diálogos que tivemos sobre o cotidiano. Saiba que a sua força me fortaleceu; as suas palavras me encorajaram e a sua presença acolhedora me fez o prosseguir nessa caminhada. A você, querida Professora, a minha eterna gratidão, o meu carinho e a minha admiração.

Agradeço, de maneira muito particular, as sócias e aos sócios da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Suas histórias fizeram-me refletir sobre a necessidade de um mundo mais justo e igualitário. Às Mulheres e aos Homens entrevistados que reservaram seus espaços de tempo, tão preciosos, para que eu pudesse ter acesso às suas histórias de

trabalho e vida, a minha gratidão. Agradeço ainda, os vários momentos suscitados pelas entrevistas e as muitas aprendizagens que vocês me proporcionaram nesse tempo de pesquisa. De fato, esse pouco, porém, intenso momento de convivência cotidiana fez-me refletir sobre o Tempo Presente, espaço onde a Vida Humana acontece e ganha sentido ainda maior quando nos descobrimos no contato com o Outro/a.

Ao Poder Público de Presidente Epitácio, em especial a Antonio Domingos Dal Más pelas entrevistas concedidas, empréstimo de materiais e, sobretudo pela atenção e tempo disponibilizados durante essa pesquisa. Agradeço ainda, as inúmeras vezes em que você, mesmo não podendo receber-me, fazia questão de atender-me com um leve sorriso no rosto e serenidade nas palavras.

Aos professores e às professoras do Programa de Pós-Graduação em História. Em especial, aos professores/a Dr. Cláudio Alves Vasconcelos, Dr. João Carlos de Souza, Dr. Losandro Antonio Tedeschi, Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias e Dr. Paulo Roberto Cimó, pelas experiências e conhecimentos compartilhados durante as aulas.

Agradeço à professora Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias, minha primeira professora no mestrado e incentivadora em meus estudos sobre as mulheres, pessoa a qual aprendi a admirar incansavelmente. Obrigada Professora pelo primeiro sim, pelo momento em que você acreditou em mim, mesmo quando, nem eu mesma, acreditava em meu potencial. Seus ensinamentos, suas reflexões, suas entonações de voz e sua serenidade serão lembranças que sempre cultivarei. Agradeço ainda, as suas importantes contribuições durante a qualificação da dissertação e por mostrar que, mesmo em meio a relações desiguais de poder, as mulheres sempre têm algo de muito valioso para nos ensinar.

Ao professor Dr. Losandro Antonio Tedeschi, por proporcionar-me o grande privilégio de ter sido sua aluna. Suas aulas, seus questionamentos e seu alegre jeito de ser me fizeram entender que “a seriedade não necessita estar vinculada à rigidez”. Obrigada Professor por estar presente nessa minha caminhada e por “trazer-me sempre de volta às discussões mais históricas”, mesmo quando eu, inconscientemente, me esquivava delas. Agradeço ainda, as suas contribuições nas bancas de qualificação e defesa dessa dissertação.

Ao professor Dr. Henrique Caetano Nardi, docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela participação e contribuições na banca de defesa dessa dissertação.

Aos professores Dr. Vitor Wagner Neto de Oliveira e Dr. Eudes Fernando Leite, por compreenderem as razões dessa minha caminhada.

Ao caro professor Dr. Marcelino Andrade Gonçalves, docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, quem considero um fiel amigo e incentivador dessa etapa de pesquisa. Obrigada por proporcionar-me um primeiro contato com o trabalho desenvolvido por Associações e Cooperativas de Reciclagem. Agradeço ainda, o apoio e a confiança depositada em mim enquanto psicóloga e pesquisadora em seus estudos e projetos acadêmicos.

Aos amigos e às amigas do Mestrado, turmas 2008, 2009 e 2010. As discussões em sala de aula, as conversas de corredores, os inúmeros almoços coletivos, as fotografias tiradas, os autores/as e obras debatidos e os trabalhos que juntos apresentamos enriqueceram essa trajetória de pesquisa. Agradeço a todos/as vocês! Fica ainda, o meu eterno carinho às amigas e aos amigos mais próximos: Camila, Cláudia, Fernanda, Fernando Dagata, Grazi, Ilsyane, Kátia, Layane, Luciano, Miriam, Satine e Thiago Wolfgang,

Ao Cleber, secretário do Programa de Pós-Graduação em História, pela atenção oferecida em muitos momentos de minha pesquisa.

Às amigas Fabiana, Hellen e Luciana Camargo, pelo apoio e carinho. Serei eternamente grata a vocês pela força e serenidade repassadas durante o Processo Seletivo do Mestrado. A vocês, amigas queridas, minha saudade e gratidão!

À amiga Rebeca, com quem aprendi o verdadeiro valor de uma grande e inestimável amizade. Obrigada pelo ombro, pela companhia durante essa caminhada e, sobretudo por suas palavras que, em vários momentos, acalentaram o meu coração. De verdade, posso dizer: “Você é a amiga mais certa, nas horas incertas”.

Às amigas e aos amigos do Centro Regional de Reabilitação de Nova Andradina pelo apoio de muitos momentos. Em especial, o meu carinho à Roberta Viana, Célia, Gisele Devetak, Lenilda, Luciana Hashioka, Reinaldo José e Wéllika, amigos/as que partilharam os risos e as lágrimas, vivenciadas durante todo esse tempo de pesquisa.

À psicóloga e mestra Elizete Bachi Cormelato, por me acompanhar desde o período de graduação. A você, a minha gratidão pela escuta inestimável, pelas palavras e espaço suscitado para os muitos *insights*.

À Prefeitura e à Secretaria Municipal de Saúde de Nova Andradina, pelas concessões de dias de trabalho para que eu pudesse assistir às aulas do mestrado e participar de eventos científicos durante esses mais de dois anos.

E, aos meus pacientes, que, pacientemente, compreenderam os meus muitos momentos de ausência física.

“Nessa adversidade, a questão é saber como a História irrompe na vida de todo dia. Como, no tempo miúdo da vida cotidiana, travamos o embate, sem certeza nem clareza, pelas conquistas fundamentais do gênero humano; por aquilo que liberta o homem e a mulher das múltiplas misérias que os fazem pobre de tudo: de condições adequadas de vida, de tempo para si e para os seus, de liberdade, de imaginação, de prazer no trabalho, de criatividade, de alegria e de festa, de compreensão ativa de seu lugar na construção social da realidade.”

José de Souza Martins

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o cotidiano de trabalho das sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio - ARPE, de modo a entender como esse espaço de produção tem atuado como meio de sustento financeiro e possibilidade de participação na vida pública para as mulheres envolvidas nessa pesquisa. É preciso destacar que, durante muito tempo, as mulheres estiveram relegadas ao âmbito da vida privada. Envoltas às representações que, erroneamente, as delimitaram seres frágeis, puros e maternais, elas foram esquecidas enquanto integrantes do tecido histórico e social que abrangeu, por longos períodos, uma narrativa centrada na figura masculina como sujeito universal da História. Em contraponto, o desenvolvimento de novas narrativas, dentre elas, o Movimento dos Annales (1929-1969) e posteriormente, o advento da História Cultural, possibilitaram entender pontos pouco publicizados pela História Tradicional. Essas novas abordagens historiográficas procuraram dar voz aos grupos silenciados, ao mostrar, dentre outras peculiaridades, a importância das mulheres e as suas ações específicas no âmbito da vida social. Em consonância a esses fatores, busca-se, na História do Tempo Presente, compreender como o ambiente local de manuseio dos recicláveis tem proporcionado novos significados e sentidos à vida das mulheres entrevistadas, mediante as contribuições advindas do conceito e do aporte teórico-metodológico de gênero. O recorte temporal de pesquisa abrange o período de 1999 a 2009 e o trabalho com as fontes contempla entrevistas temáticas em História Oral, a produção e a análise de imagens e a utilização de documentos de arquivos provenientes do Poder Público Municipal de Presidente Epitácio, da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio e de importantes leis ambientais sobre o processo de gerenciamento e instituição de códigos normativos voltados à deposição final de resíduos sólidos nos municípios brasileiros. Por meio do recorte temporal e das fontes supracitadas, foi possível compreender as acepções e os sentidos conferidos pelas representações, as quais permeiam as atividades cotidianas de homens e mulheres da Associação estudada. Através da manipulação da matéria considerada morta e obsoleta, as mulheres entrevistadas estão atribuindo novas direções às suas vidas em um contexto marcado por permanências, rupturas e resistências. Ao mesmo tempo, esse local de ação demarca atividades pouco reconhecidas histórica e socialmente, sendo permeado por constantes ambiguidades e situações de fronteira que, simultaneamente, refletem os aspectos positivos e negativos do trabalho feminino na reciclagem. Histórias de vida, relações de gênero e de poder, cotidiano, trabalho, divisão sexual de papéis, esfera pública e privada são, dentre outras particularidades, temas e assuntos centrais que direcionam o caminhar dialógico dessa pesquisa.

Palavras-Chave: Mulheres na Reciclagem. Relações de Gênero. Trabalho

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the everyday work of members of the Recycling Association from Presidente Epitácio (*ARPE - Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio*) so as to understand how this area of production has been a financial means of livelihood and possibility to participate in the public life for the women involved in this research. We must stress that, for a long time, women were relegated to the scope of private life. Due to the fact that they were shrouded in representations that, erroneously, limited them to fragile, pure and maternal beings, they were forgotten as far as being members of the historical and social fabric covering, which had been a narrative centered on male figure as subject universal history for long periods. On the other hand, the development of new narratives, including the Movement of the Annales (1929-1969) and later, the advent of Cultural History made it possible to understand the little publicized points by traditional story. These new historical approaches sought to give voice to the silenced groups when they started showing, among other peculiarities, the importance of women and their specific actions within the framework of social life. In line with these factors, we try to understand in the History of the Present Time how the local environment of handling with recyclable has provided new meanings and senses to the lives of the interviewed women based on contributions coming from concept and from the theoretical-methodological support. The temporal cut in the research covers the period from 1999 to 2009, and working with the sources include thematic oral interviews about Oral History, the production and the analysis of images and the use of file documents from the Municipal Public Power from President Epitácio, from the Recycling Association from Presidente Epitácio and from important environmental laws on the management process and the imposition of regulatory codes aimed at final disposal of solid waste in Brazilian municipalities. Through this temporal clipping and through the above-mentioned sources, it was possible to understand the meanings and senses conferred by the representations, which permeate the day-to-day activities of men and women from the studied Association. Through the manipulation of matter considered dead and obsolete, the interviewed women are assigning new directions to their lives in a context marked by stays, ruptures and resistances. At the same time, this place of action demarcates activities which were little recognized not only historically but also socially, and this place has been permeated by constant ambiguities and border situations which reflect the positive and negative aspects of women's work in recycling. Stories of life, gender relations and power relations, daily life, work, sexual division of the roles, public and private sphere are, among other peculiarities, central themes and issues that drive the dialogic course of this research.

Key words: Women in Recycling. Gender Relations. Work.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Antigo lixão a céu aberto do Município de Presidente Epitácio.....	58
Fotografia 2 – Trabalho na catação no antigo lixão a céu aberto do Município de Presidente Epitácio.....	59
Fotografia 3 – Aterro Controlado do Município de Presidente Epitácio.....	63
Fotografia 4 – Aterro Controlado do Município de Presidente Epitácio.....	63
Fotografia 5 – Quadro confeccionado pelas sócias/os contendo os princípios norteadores de trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.....	77

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Localização via satélite do Município e da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.....	62
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio que se apresentam como co-provedoras de suas famílias.....	35
Tabela 2 – Mulheres sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio que se apresentam como as únicas provedoras da família.....	37
Tabela 3 – Grau de escolaridade e faixa etária das mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.....	39

SUMÁRIO

Lista de Fotografias.....	11
Lista de Imagens	11
Lista de Tabelas.....	12
Introdução	14
Capítulo 1	
GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES: PERMANÊNCIAS, MUDANÇAS E DESAFIOS.....	27
1.1. A História das Mulheres e o Conceito de Gênero na Historiografia.....	29
1.2. O Corpo Feminino: da invisibilidade à narrativa histórica	43
1.3. As Mulheres no Mundo do Trabalho: continuidades e rupturas	49
Capítulo 2	
DA CATAÇÃO DO PRODUTO MORTO À PRODUÇÃO DO TRABALHO VIVO DAS MULHERES NA RECICLAGEM	56
2.1. A Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: breve história	58
2.1.1 A Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: trabalho solidário ou sociabilidade no trabalho?	70
2.1.2 O Catador Organizado Jamais Será Pisado: o papel do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem no processo de visibilidade social das mulheres recicladoras	81
2.2. A Reterritorialização do Trabalho: considerações sobre a lógica capitalista de produção e o trabalho na reciclagem	87
2.3. O Trabalho das Mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: ambiguidades e representações	93
Capítulo 3	
TRABALHO, GÊNERO E COTIDIANO: FRONTEIRAS ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO..	101
3.1. Diálogos Conceituais Acerca da Categoria Trabalho	103
3.2. Gênero e Trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: novas práticas e velhas continuidades	113
3.3. Trabalho Doméstico e Vida Familiar das Mulheres Catadoras: redefinição ou manutenção de antigos papéis?	123
Considerações Finais	131
Referências Bibliográficas	139
Fontes	144
Apêndice A – Roteiro de Entrevistas I	148
Apêndice B – Roteiro de Entrevistas II	150

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata de um estudo sobre trabalho e vida de mulheres sócias da ARPE – Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio (SP), sendo esta formada por homens e, em sua grande maioria por mulheres catadoras que, desde o ano de 2003, passaram por uma nova experiência de organização e realização coletiva das atividades de coleta e comercialização de resíduos sólidos em seu Município.

No contato com diferentes grupos de catadoras/es, optou-se pelo estudo da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, uma vez que ela tem se apresentado como um dos grupos mais estruturados da Região do Oeste Paulista, aliado ao fato dela concentrar, em seu espaço de trabalho, um percentual significativo de mulheres associadas e em cargos de liderança. Trata-se de mulheres pobres, muitas delas, provedoras ou co-provedoras de família e, em sua grande maioria, provindas das etnias negra e parda, que buscam na Associação estudada, obter o sustento financeiro e a possibilidade de participação no mundo do trabalho não restrito ao lar.

O objetivo central da pesquisa está voltado ao entendimento dos significados que norteiam o trabalho das sócias e dos sócios na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, se pautando no recorte de gênero enquanto categoria de análise. Em segundo lugar, busca-se analisar como as representações têm conferido sentidos e significados à vida dessas pessoas e, em que medida, elas têm orientado as ações cotidianas de homens e mulheres entrevistados/as.

Muitas foram as indagações que nortearam o presente estudo. A principal delas está relacionada à compreensão de que o trabalho, desempenhado pelas sócias na ARPE, tem oportunizado visibilidade para suas atuações enquanto sujeitos históricos e sociais. Na trajetória de pesquisa, ouvindo as narrativas dessas mulheres, observou-se que o trabalho com a reciclagem, mesmo sendo uma atividade social e historicamente desprestigiada e permeada por representações, tem produzido condições para uma vida mais digna a essas trabalhadoras e às suas famílias. Com as atividades que desempenham, as mulheres envolvidas nessa pesquisa estão ressignificando o conceito de trabalho, dando vida à matéria considerada morta e obsoleta, criando oportunidades sociais e melhores condições de vida para elas próprias e para os seus familiares. Portanto, o material que se apresenta na sociedade como fim, para

essas mulheres, representa o começo e o recomeço para a construção das narrativas históricas de suas vidas.

O recorte temporal de pesquisa abrange o período de 1999 a 2009, correspondendo, respectivamente, à análise das antigas formas de gerenciamento de lixo no Município – desativação do lixão a céu aberto e a construção do aterro controlado – até as configurações mais recentes de tratamento final dos resíduos sólidos recicláveis geridos pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, desde o ano de 2003. Tais aspectos permitiram uma melhor análise das circunstâncias e da trajetória trilhada pela Associação em suas diferentes etapas, participações e pessoas que dela fizeram e/ou ainda fazem parte. Já os anos de 2008 e 2009, compreendem ao período de crise financeira vivenciada pelo mercado global da reciclagem, o que, por sua vez, mostrou-se refletido na Associação estudada, tornando-se fator essencial para o estabelecimento de uma Memória Coletiva circunscrita sob a ótica feminina, permeada por lembranças de tempos de trabalho e remuneração ainda mais difíceis.

Em consonância a esses fatores, busca-se, na História do Tempo Presente, compreender importantes pontos suscitados durante essa pesquisa. Recorre-se a ela por se tratar de um tempo mais recente de análise, em que as pessoas e o contexto envolvidos estão ainda atuantes. Assim, no campo da História, foram realizados levantamentos de trabalhos e pesquisas sobre a temática investigada a partir das compreensões de Joan Scott (1992/1995), Mari Del Priore (2006), Michelle Perrot (2005/2008) e Raquel Sohiet (2003). Ademais, utilizou-se um referencial bibliográfico interdisciplinar, o que possibilitou um alargamento dos horizontes ligados a problemática estudada, advindos das contribuições da Psicologia Social e da Sociologia.

No que se refere ao contexto da interdisciplinaridade, o *Movimento dos Annales* (1929-1969), ocorrido França, causou uma verdadeira revolução na historiografia. Esta corrente histórica questionou os diversos dogmas que permeavam o ofício do historiador, se contraponto à postura tradicional de conceber e escrever a História, predominante naquele período. Os seus questionamentos contemplavam, dentre outras particularidades, o alargamento do campo documental, a inserção de novos campos de estudos para pesquisa histórica, o diálogo com outras disciplinas ligadas às ciências humanas e o rompimento com a história essencialmente política, econômica e militar, de alguns poucos privilegiados. Em suma, essa corrente é concebida como uma das grandes inspiradoras para o advento dos estudos da chamada Nova História, surgida na década de 1970.

Destarte, na construção do objeto e nas análises enveredadas, optou-se por enfatizar importantes aportes teóricos e metodológicos ligados à História Cultural. Vê-se, nesse contexto, uma contra-reação historiográfica, a qual buscou promover a discussão de temas, cujas grandes narrativas da História Tradicional haviam deixado de fora. Esse novo discurso narrativo dos acontecimentos buscou contar a história de pessoas comuns, expresso pela preocupação de como elas interpretavam o seu mundo e de como o simbolizavam.

Nessa perspectiva, a História Cultural visa enfatizar os aspectos da vida cotidiana e as formas pelas quais são construídas as relações entre as pessoas, até então, em processo de invisibilidade no fazer histórico. Busca, ainda, dar voz a esses grupos silenciados, momento em que se iniciaram os debates sobre a contribuição das mulheres para a cultura e para a sociedade, demonstrando como a sua história foi, por longos tempos, abafada pelo preconceito e pelo poder androcêntrico¹.

A ideia de ampliar o olhar sobre a História das Mulheres e, em especial daquelas que fazem referência à Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, está circunscrita, nessa pesquisa, mediante a compreensão de como se estabelecem as relações entre as sócias e os sócios na conjuntura de trabalho local com os recicláveis. Nesse contexto, observou-se um percentual significativo de mulheres, correspondendo a um número de 33 (trinta e três), ou seja, 75% dos 44 (quarenta e quatro) sócios/as que se fizeram presentes durante o momento de pesquisa na Associação, que abrangeu o período de janeiro de 2009 a janeiro de 2011².

Na referida Associação, foram observadas diversas atividades que se mostraram fortemente carregadas por marcas geradas pela divisão sexual do trabalho. É preciso destacar que a divisão sexual do trabalho tem raízes históricas e sociais e não naturais. Em outras palavras, as relações entre os sexos são socialmente construídas e, como tal, geram sentidos, ainda que, inequívocos, à vida de homens e mulheres, conforme salientaram os estudos de Souza-Lobo (1991), Rocha-Coutinho (1994) e Hirata e Kergoat (2007).

Esses processos, por sua vez, encontram-se refletidos no contexto pesquisado. Em um âmbito mais geral, o Município de Presidente Epitácio, por se tratar de uma instância turística, apresenta um número considerável de empreiteiras, fator que tem colaborado para a disseminação das “atividades tipicamente femininas e masculinas na cidade”, restando às

¹ O Androcentrismo é uma prática social que valoriza os homens e que está contida na lógica patriarcal, ainda vigente na sociedade brasileira.

² Foram entrevistados 4 (quatro) homens e 11 (onze) mulheres sócias/os da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Tais aspectos serão abordados, de maneira mais detalhada, durante a discussão do tópico **Caminho Teórico Metodológico: as fontes e os seus tratamentos.**

mulheres – principalmente, pobres e negras – trabalhos de menor prestígio social e baixa remuneração salarial. Tais fatores têm contribuído para o direcionamento delas para as atividades com os resíduos sólidos descartáveis como forma de gerir sobrevivências e adentrarem ao mundo do trabalho não restrito à esfera doméstica e de cuidados.

Nessa perspectiva, algumas categorias têm sido fundamentais para se chegar à compreensão de temas essenciais dessa pesquisa. A primeira e mais importante delas está relacionada à categoria Gênero, entendida a partir das contribuições de Joan Scott (1992/1995), que o define como um conjunto de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas, atribuídas às pessoas de forma diferenciada, de acordo com o sexo. Na visão da referida autora, o gênero ainda é concebido enquanto categoria de análise historiográfica, como fenômeno relacional e como local onde se articulam as relações de poder. Assim, ao se fazer menção ao conceito de poder, dirige-se aos entendimentos sustentados por Foucault (2000), que escreve uma história que se conecta às políticas em um nível micro, a qual ele denomina de “Microfísica”, um local onde se institui um poder *in locus*, complexo e difuso que propicia o estabelecimento e o agir das representações.

É preciso destacar que os estudos de gênero buscam realçar o caráter social das diferenças entre os sexos, não se delimitando somente ao estudo das mulheres, apesar de encontrar nelas, a sua maior abrangência de pesquisas e análises acadêmicas, suscitadas desde a década de 1980. Ao se reconhecer a existência de distintas dimensões de gênero na sociedade – homens, mulheres e das diferentes construções de identidades – optou-se em enfatizar/analisar a referência “homens-mulheres” como forma de compreender importantes questionamentos suscitados durante esse estudo. Embora, tenham sido também evidenciadas novas construções de identidades de gênero em relação às sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, esses aspectos não serão abordados de maneira detalhada, mas subsidiarão a análise em momentos significativos desse estudo.

Desta forma, a categoria gênero permite uma aproximação analítica dos elementos presentes nas relações estabelecidas entre as sócias e os sócios da Associação estudada, representadas pela divisão sexual de papéis no espaço de trabalho com os recicláveis e daqueles inerentes aos lares das pessoas entrevistadas, bem como da análise das relações de poder que recortam e atribuem significados às ações diárias desses sujeitos.

A segunda categoria de análise está pautada no estudo das Representações Sociais, amparadas nas contribuições de Lefebvre (1979) e Moscovici (2001/2005). Nessa pesquisa, elas assumem um caráter essencial, uma vez que, segundo os autores, as representações são

matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, pelas quais os sujeitos se orientam e explicam a realidade em que vivem. Por meio delas, as pessoas se relacionam e produzem, por vezes, a falsa percepção do real, conforme observado em distintos momentos dessa pesquisa, em relação às práticas sociais elaboradas sobre o trabalho de homens e mulheres na catação.

Nesse viés, cabe ressaltar que a atividade com os recicláveis não abarca um único sentido ou representação. Ao contrário, esse trabalho, conforme salientam os estudos de Medeiros e Mâcedo (2006), demarca um estado de fronteira entre o positivo e o negativo, a valorização e desvalorização de pessoas vinculadas a esse espaço de atuação profissional que, atrelado às concepções de gênero, têm possibilitado o estabelecimento e o compartilhar de ideias dúbias sobre o papel das mulheres ao longo dos tempos e das sociedades, de modo a refletir-se na vida e nas atividades cotidianas das sócias entrevistadas.

O uso da categoria Trabalho está vinculado às discussões propostas por Antunes (1995/2004), Hannah Arendt (2009) e Sarti (1996). Entendido não somente como um meio de gerir sobrevivências, como também de possibilidade de participação feminina no âmbito não restrito ao lar, o trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio tem se apresentado enquanto importante território por onde as mulheres entrevistadas passam a desvendar novas formas de vivenciar a vida. Em suma, ele tem se mostrado como um ambiente em que as mulheres catadoras compartilham experiências, comungam desejos e lutam coletivamente por melhores condições de sobrevivência, de participação social e de relações mais igualitárias de gênero.

É através das discussões sobre o Cotidiano que as categorias, anteriormente destacadas, assumem significados especiais. Ele, enquanto campo de estudo, traz visibilidade ao entrecruzamento de processos macro e microsociais e recoloca as mulheres e o seu espaço de atuação no centro do acontecer histórico, com seus avanços e contradições.

Vindo na esteira das ideias de teóricos como Michel de Certeau (1994) e Agnes Heller (1970), o cotidiano se apresenta como espaço onde as mulheres catadoras são capazes de desenvolver micro-resistências que geram, por conseguinte, micro-liberdades. Nessa perspectiva, cabe lembrar que, os indivíduos comuns não estão, de maneira nenhuma, presos ou engessados por uma espécie de membrana que envolve ações mecanicistas da cotidianidade. Ao contrário, o cotidiano se apresenta para Certeau (1994), como um espaço de criação e pólo de resistências, deslocando e subvertendo relações de poder, pautadas, nesse estudo, nos conceitos de classe e etnia e na categoria de gênero.

Moscovici (2001) salienta que o cotidiano pode ser estudado a partir das representações sociais, do resultado das interações e da comunicação entre os indivíduos. Já Martins (2000), destaca que o cotidiano não pode ser confundido com a mesmice ou rotina. Para este último autor, no cotidiano, não há nenhuma superficialidade ou banalidade, não estando ele reduzido apenas aos costumes e à repetição, mas, antes, centra-se nos aspectos que fazem referência à sociabilidade humana.

Em Martins, têm-se ainda a afirmação de que “a história é vivida e, em primeira instância, decifrada no cotidiano” (MARTINS, 2000, p.142). Em suma, é no cotidiano que podem ser, mais bem entendidos, importantes aspectos ligados ao trabalho e à vida de homens e mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio e do lugar onde são manifestadas as demais categorias de análise e o recorte temporal que subsidiaram a compreensão dessa pesquisa.

O Caminho Teórico-Metodológico: as fontes e os seus tratamentos

O recurso à História Oral é buscado aqui não somente pela insuficiência de fontes escritas ou de outros registros documentais, mas pela perspectiva mais geral adotada neste trabalho. O desenvolvimento da História Oral permitiu uma mudança de enfoque nas pesquisas históricas, ao romper com uma visão rígida da objetividade do fato histórico e ao oferecer a possibilidade de recuperação de maneiras diversas de viver a vida de diferentes pessoas e grupos, pouco publicizados na História. Estes aspectos passaram a ser contemplados a partir de novos campos de investigação, referendados pela História Cultural, donde advém o interesse dos historiadores/as em abordar os assuntos ligados ao cotidiano, à sexualidade, às práticas sociais e, posteriormente, às análises das relações de gênero no contexto historiográfico.

Paul Thompson (1992) salienta que a História Oral é construída sobre pessoas comuns que se transformam de "objetos de estudo em sujeitos da História". Os grupos de participantes ignorados tradicionalmente, como índios, negros e mulheres, passam a ser reconhecidos, incorporando suas experiências à narrativa histórica. No que se refere aos estudos das mulheres, esta perspectiva foi muito forte, pressupondo a existência de uma ação

feminina na História Tradicional que, por longos anos, foi submergida pelo preconceito e a escrita masculina.

Destarte, a escolha pela utilização da História Oral como uma das fontes a serem utilizadas nesse estudo advém da decisão de ouvir as mulheres e as pessoas direta ou indiretamente envolvidas nessa investigação, no sentido de proporcionar uma melhor compreensão de suas ações, compartilhar seus testemunhos e obter o registro das informações necessárias para o alcance dos objetivos propostos.

É preciso destacar que, a partir da década de 1960, tornaram-se frequentes as entrevistas junto aos membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de viver o mundo. Esta fase ficou conhecida como “História Oral Militante”, a qual privilegiava o trabalho com sujeitos e grupos, cujas histórias eram dificilmente estudadas. Nesse mesmo período, o depoimento oral se constituiu em uma importante fonte para produção e análise do historiador/a, o que possibilita, hoje, construir um discurso pautado no conhecimento e, sobretudo na compreensão e interpretação histórica mais completa, rica e simultaneamente, complexa.

Nessa perspectiva, pode-se salientar que o trabalho com a História Oral tem se voltado, principalmente para os temas da vida cotidiana, ao retomar assuntos ligados ao mundo do trabalho, à problemática de gênero e à construção de identidades, acentuando, significativamente, as pesquisas relacionadas ao estudo das mulheres, o que justifica a relevância de seu uso e de sua especificidade na presente pesquisa.

Em outras palavras, pode-se perceber a sua importância na historiografia, segundo as palavras de Joutard. Para o autor:

[...] oral nos revela o indescritível: toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são considerados ‘muito insignificantes’- é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita (JOUTARD, 2000, p. 33).

Nessa perspectiva, o tema “mulheres” surge como uma forma de ampliação da análise histórica, até então, pouco explorada, ou ainda, mencionada apenas de passagem por muitos historiadores. Assim, a pluralidade de possibilidades de olhares sobre o passado tem impulsionado os historiadores/as a repensarem e a se questionarem a respeito da universalidade do discurso histórico, que abrangeu, durante muito tempo, os homens em detrimento das mulheres.

Em consonância a esses fatores, pode-se dizer que o trabalho pautado na História Oral proporciona os meios para se escrever uma descrição mais densa e com relatos ricamente

tecidos, os quais apresentam a profundidade e os contornos necessários à análise e à compreensão das pessoas envolvidas nessa pesquisa, que busca, dentre outras possibilidades, analisar o cotidiano das mulheres da ARPE – Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio – averiguando em que sentido esse espaço de trabalho tem contribuído para as suas vidas em termos de sustento financeiro, de participação na vida pública e enquanto sujeitos históricos e sociais.

Inicialmente, há que se destacar a realização de leituras e fichamentos de obras e de autores importantes que fazem referência às pesquisas em História Oral, entre os principais, estão: Burke (1992), Cardoso e Vainfas (1997), Joutard (2000) e Pinsky (2005). Em seguida, foram realizados trabalhos de coleta de informações mediante a realização de entrevistas temáticas com diferentes pessoas que participam ou participaram do cotidiano e de importantes momentos da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Nesse primeiro instante, privilegiou-se a realização de entrevistas com pessoas não vinculadas diretamente à Associação supracitada, contudo, indispensáveis para se compreender pontos relevantes e obscuros, bem como direcionar a trajetória subsequente dessa pesquisa.

Nesse contexto, se considerou relevante o trabalho com entrevistas temáticas semi-estruturadas, de maneira a combinar perguntas abertas e fechadas³. Tal fato permitiu aos informantes a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto e, à pesquisadora, o alcance dos objetivos estruturados de acordo com o projeto de pesquisa. Para tanto, a estrutura referendada durante as entrevistas encontra-se em anexo a esse trabalho, com o título: Roteiro de Entrevistas I e II, desenvolvido pela pesquisadora em momentos alternados, ligados à realidade pesquisada e aos levantamentos propostos durante as orientações dessa dissertação.

Outro fator preponderante para a utilização de entrevistas semi-estruturadas refere-se à possibilidade de análise das informações coletadas, no sentido de oferecer a escuta e, por conseguinte, a compreensão dos conteúdos que permearam os depoimentos das pessoas entrevistadas nesse estudo. A partir disso, recorreu-se às contribuições de Pollak (1989) como meio de análise não somente dos conteúdos manifestos da linguagem, mas, sobretudo dos latentes que se fizeram presentes durante muitos momentos das entrevistas, visíveis tanto nas repetições de palavras quanto na externalização de sentimentos por parte das/os depoentes.

³ Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume de informações que poderão ser coletadas, obtendo assim um maior direcionamento com relação ao tema e, por conseguinte, favorecendo a intervenção do pesquisador no momento em que considerar oportuno, o que proporciona que os objetivos da pesquisa sejam alcançados mais facilmente (BONI e QUARESMA, 2005).

Ao narrar suas histórias individuais, as mulheres também evidenciaram importantes aspectos que se entrelaçaram em um momento vivido por todas elas como um marco de dificuldade e superação. Nos depoimentos externados, foram percebidos traços de uma Memória Coletiva, evocada e contada por todas elas como tempo essencial vivido pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Tais aspectos se transformaram em lembranças que reuniram aspectos objetivos de um contexto mais amplo, denominado pela História de “Memórias Coletivas”. Essas estão evidenciadas, ao longo do trabalho, mediante as principais contribuições de Maurice Halbwachs (2004) e Michel Pollak (1989).

Durante toda a pesquisa, houve a preocupação em se considerar apenas alguns aspectos que caracterizam as mulheres e os homens da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, como forma de preservar as suas identidades e as suas histórias de vida. Tendo em vista esses fatores, as/os depoentes são evidenciados pelas iniciais de seus nomes, idade, escolaridade, número de filhos/as e posição que ocupam dentro da Associação da qual fazem parte.

Quanto ao tratamento dado às entrevistas, estas foram realizadas mediante a utilização do gravador, seguido do pedido de autorização dos/das depoentes, o que proporcionou, simultaneamente, maior liberdade de expressão das pessoas entrevistadas quanto à coleta de informações necessárias ao que se pretende analisar com esse estudo. Nesse sentido, serão apresentados somente os trechos de entrevistas autorizadas pelas pessoas entrevistadas e àqueles escolhidos para enfatizar importantes momentos e fatos dessa pesquisa, sendo eles pautados nas assinaturas dos termos de consentimento, os quais se encontram sob o resguardo da pesquisadora, uma vez que, esses termos constam o nome completo das/os entrevistadas/os, fator que contribui para a quebra de sigilo de suas identidades.

As pessoas que não autorizaram a utilização de trechos de suas entrevistas, suas falas não foram relatadas em nenhum momento dessa pesquisa, mas deram subsídio à compreensão de importantes questionamentos realizados em andamentos variados desse estudo. Assim, 11 (onze) mulheres e 4 (quatro) homens entrevistados autorizaram a utilização e a publicação integral de suas falas; 1 (uma) mulher e 1 (um) homem, também entrevistados, não permitiram o relato de suas experiências nessa pesquisa e, por fim, 3 (três) sócias não desejaram conceder entrevistas. Em geral, foram realizadas 18 (dezoito) entrevistas⁴ com os

⁴ Foram realizadas 15 (quinze) entrevistas com os/as sócios/as da ARPE e 3 (três) com a Presidente da referida Associação, totalizando um número de 18 (dezoito) entrevistas.

sócios e as sócias que representam a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, de modo a abranger 15 (quinze) pessoas de diferentes idades, com tempo de atuação variada na Associação, que ocupam ou não cargos de liderança de trabalho e que apresentam distintas trajetórias de vida em relação à situação familiar (filhos/as, cônjuge e dependentes).

No que se refere ao Poder Público Municipal de Presidente Epitácio, foram realizadas 2 (duas) entrevistas com Antonio Domingos Domingos Dal Más, atual Coordenador do “Projeto Coleta Seletiva” e antigo Secretário de Planejamento do Município durante o ano de 2003, momento onde foram traçados os primeiros planos de institucionalização da Associação e a sua criação no Município. Nessa perspectiva, destaca-se que o depoente permitiu, mediante assinatura do termo de consentimento, a transcrição integral de seus relatos durante esse estudo.

Ademais, optou-se em transcrever os trechos das entrevistas a partir da norma culta da língua portuguesa, como recomendado nos estudos de Whitaker (2002), sem, no entanto, modificar o sentido das frases ou dos conteúdos relatados pelas/os depoentes. Tais aspectos assinalam uma atitude de respeito, consideração e valorização das falas das pessoas simples, entrevistados/as ao longo dessa pesquisa.

A segunda parte do levantamento de dados constitui-se na produção e leitura de imagens. Entendidas como importante fonte histórica para compreensão do cotidiano das mulheres entrevistadas, sua utilização permitiu estabelecer uma forma mais próxima de diálogo e representação da realidade de trabalho na Associação estudada.

Com este procedimento, foi possível compreender como foram construídas as formas de tratamento final e gerenciamento de resíduos sólidos no Município de Presidente Epitácio. Tais aspectos foram contemplados mediante a análise de fotografias do antigo lixão a céu aberto, desativado no ano de 1999, e daquelas referentes ao atual aterro controlado, local onde acontece a exoneração dos resíduos sólidos não-recicláveis do Município.

As imagens utilizadas nesse estudo se fazem representadas em dois grandes blocos: o primeiro se refere à análise de fotografias produzidas por Antonio Domingos Dal Más, antigo Secretário de Planejamento e atual Coordenador do Projeto “Coleta Seletiva de Presidente Epitácio”. Recorre-se a elas por se tratar de um período anterior ao momento de entrevistas e presença da pesquisadora na Associação estudada, mas relevante no que diz respeito ao entendimento de como se estruturou o processo de gerenciamento de resíduos sólidos no Município. O segundo bloco refere-se à produção e leitura de imagens realizadas pela própria pesquisadora, durante o período de observação na Associação de Reciclagem de Presidente

Epitácio, sendo elas contempladas pela trajetória cotidiana de homens e mulheres no contexto local de trabalho com os recicláveis.

Nas referidas análises, optou por enfatizar as observações e reflexões propostas por Burke (1992), Kossoy (2001) e Ciavatta (2002). Ao considerá-las como produto e fonte histórica, surge, então, a necessidade de historicizá-las, de compreender o contexto social em que elas foram produzidas e os sentidos manifestos e latentes de seus conteúdos.

Em consonância a esses fatores, é preciso destacar que, não foram evidenciados, em nenhum momento desse estudo, aspectos diretos que caracterizam os homens e as mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. O registro de suas ações em formato de imagens remete a importantes fatos evidenciados durante a trajetória de entrevistas, como aquelas referentes às normas de trabalho local com os recicláveis, bem como da análise de antigas e atuais formas de gerenciamento de resíduos sólidos no Município, as quais possibilitaram compreender os aspectos reveladores de significados e sentidos que orientam as ações cotidianas da Associação e, mais especificamente, o trabalho de homens e mulheres no contexto pesquisado.

Além das entrevistas com base em História Oral e do registro e leitura de imagens, serão utilizadas fontes documentais, dentre as quais: arquivos do Poder Executivo Municipal de Presidente Epitácio, arquivos provenientes da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio e análise de Leis advindas de importantes instâncias ambientais – federal, estadual e municipal – sobre o tratamento e disposição final dos resíduos sólidos recicláveis.

Entre os arquivos do Poder Executivo, serão realizadas análises da Lei e da Minuta da Lei nº 2.023/2006, aprovada pela Câmara de Vereadores do Município e sancionada pelo Prefeito José Antonio Furlan, em 14 de junho de 2006, a qual versa sobre o termo de parceria/convênio firmado entre Prefeitura e Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Nessa análise, intenta-se compreender como a Associação estudada tem se estruturado nos modelos propostos pela Economia Solidária e como as ações da Prefeitura, embasadas nos trâmites da referida Lei, têm possibilitado autonomia a essas/es trabalhadoras/es no espaço local de manuseio dos recicláveis.

Em um segundo momento, reporta-se aos documentos de arquivo da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, representados pela análise do Estatuto da ARPE, de 21 de março de 2003, a qual estabelece as diretrizes de trabalho da Associação no Município. A partir dele, objetiva-se verificar como são estabelecidas as relações de trabalho no espaço estudado e como a elaboração de um documento próprio tem permitido a essas/es

trabalhadoras/es uma ação política organizada no cenário local de coleta e comercialização dos resíduos sólidos.

Em último momento, analisa-se a Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos nos municípios brasileiros. Há que se destacar também a utilização de importantes leis advindas de instâncias ambientais que fazem referência ao processo de tratamento e destinação final de resíduos recicláveis na Região do Oeste Paulista, local onde se encontra a Associação referendada nessa pesquisa. Essas últimas análises se fazem representadas pelos pareceres legais vinculados à CETESB – Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental – e pelo Código Sanitário do Estado de São Paulo, ambos vinculados à Secretaria de Estado de Meio Ambiente de São Paulo.

Nesse sentido, é possível dizer que, o entrecruzamento das fontes orais, documentais e de imagens foram os elementos que, no conjunto, sustentaram a tessitura da pesquisa. A partir delas, se poderá compreender, com mais precisão, os significados que orientam as ações de homens e mulheres nas atividades locais com os recicláveis e como tais significados têm se manifestado e se tornado atuantes durante o período e o contexto analisados nesse estudo.

A Estrutura dos Capítulos

A dissertação encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro, intitulado **Gênero e História das Mulheres: permanências, mudanças e desafios**, são abordados os aspectos referentes à trajetória feminina nos espaços sociais, dando destaque especial ao recorte de gênero como forma de melhor compreender a participação de homens e mulheres no âmbito da vida privada e pública. Para tanto, evidencia-se o “não lugar” destinado às mulheres pela História Tradicional e como as novas abordagens historiográficas, representadas nessa pesquisa pelas contribuições advindas do Movimento dos Annales (1929-1969) e, por conseguinte, da História Cultural, contribuíram para um novo (re) fazer histórico e nas discussões suscitadas pelos conceitos de corpo biológico e social.

A delimitação dos espaços sociais pautados nos modelos de sujeitos feminino e masculino é outra vertente importante desse capítulo. A partir desses aspectos, procura-se observar os sentidos e os significados conferidos pelas representações na separação das

esferas privada do lar e pública do trabalho remunerado a mulheres e homens e, como tais aspectos, têm se refletido no contexto pesquisado.

O segundo capítulo, intitulado **Da Catação do Produto Morto à Produção do Trabalho Vivo das Mulheres na Reciclagem**, versa sobre a análise das formas de trabalho desenvolvidas pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio no circuito econômico dos recicláveis. Mediante o diálogo com a História Oral, a produção e leitura de imagens e a análise de documentos ligados à temática estudada, procura-se compreender como se estruturou as primeiras formas de gerenciamento de resíduos sólidos em Presidente Epitácio até a sua configuração mais recente, representada pela atuação da Associação no Município.

O segundo capítulo discorre, ainda, sobre os pressupostos ligados à Economia Solidária, avaliando, em que medida, tais princípios tem ou não se tornado atuantes na organização e estruturação da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Outra questão abordada está relacionada ao papel do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem – MNCR – e do Comitê Regional do Oeste Paulista. Nessa perspectiva, busca-se analisar como tais instâncias de trabalho com os recicláveis têm proporcionado visibilidade às mulheres catadoras e, em que proporção, elas têm atribuído novos significados e sentidos à participação feminina, não apenas como coadjuvante no trabalho, mas como mulheres líderes de atividades do grupo, do qual fazem parte.

Ainda durante esse capítulo, é realizada uma discussão sobre os aspectos que caracterizam a elaboração e a perpetuação de uma Memória Coletiva Feminina na Associação estudada, e como as representações, construídas sobre a imagem das mulheres catadoras, têm sido determinantes na delimitação de um espaço de fronteira que demarca, simultaneamente, aspectos positivos e negativos de atuação de homens e mulheres entrevistados/as nesse setor de produção.

Por fim, o terceiro e último capítulo dessa pesquisa, que tem como título **Trabalho, Gênero e Cotidiano: fronteiras entre o público e o privado**, objetiva analisar quais sentidos são conferidos pelos homens e pelas mulheres entrevistados/as em relação ao significado que a ARPE tem representado às suas vidas. Nesse momento da pesquisa, são analisados também aspectos diversos, ligados ao contexto do trabalho remunerado na Associação e daqueles inerentes ao âmbito privado do lar, tendo como finalidade principal, avaliar possíveis indícios de divisão sexual do trabalho no ambiente local de manuseio dos recicláveis e no espaço doméstico, ambos ligados à vivência cotidiana de homens e mulheres entrevistados durante esse estudo.

CAPÍTULO 1

GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES: PERMANÊNCIAS, MUDANÇAS E DESAFIOS

*Escrever a História das Mulheres é sair do silêncio
em que elas estavam confinadas [...].
As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato,
como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução,
estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento.
Confinadas no silêncio do mar abissal.⁵*

⁵ Michelle Perrot, 2008.

O presente capítulo objetiva apresentar breves análises da História das Mulheres e das Relações de Gênero vinculadas ao mundo do trabalho. Para tanto, propõe-se a discutir sobre as permanências, mudanças e desafios da trajetória feminina nos espaços sociais, para, dessa forma, criar melhores possibilidades de compreender o cotidiano de trabalho e de vida das sócias da ARPE – Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Pouco enxergadas na história brasileira que antecedeu os séculos XIX e XX, as mulheres estiveram relegadas aos papéis de mãe, esposa e à vida privada. Assim, durante o transcorrer desse capítulo, é ressaltado o “não-lugar”⁶ destinado a elas pela História Tradicional e o surgimento de novas narrativas que contemplaram pontos essenciais da vida de pessoas e grupos em processo de invisibilidade no fazer histórico. Desse modo, procura-se demonstrar como a História tratou os corpos – biológico e social – e os gêneros, de maneira a enfatizar os traços que se sobressaíram em determinados períodos, produzindo assim um refazer de metodologias de análises que, nos dias atuais, abrem caminhos para estudar a história de mulheres organizadas no processo de coleta e comercialização dos resíduos sólidos recicláveis.

A Nova História Cultural, os estudos das Relações de Gênero e das Práticas Cotidianas mostram-se fatores primordiais na elucidação de pontos pouco publicizados da narrativa histórica feminina. Esse tema passou a ser evidenciado em diferentes estudos promovidos pelas universidades brasileiras durante a década de 1980, ao destacarem o papel ocupado pelas mulheres ao longo da história, desde o âmago da vida privada até a participação ativa e direta delas no trabalho não restrito ao lar.

Em suma, as mulheres do século XXI, em especial, aquelas com as quais dialoga essa pesquisa, estão a romper com os paradigmas sexistas de forma a se constituírem personagens centrais de suas próprias histórias. Trata-se, pois, de uma narrativa em curso e de um fato que está a ser escrito e contado por elas, na medida em que buscam romper com a subversão e a invisibilidade para se inscreverem protagonistas de suas próprias ações, construídas em um contexto histórico e social.

Logo, suas narrativas começam a ser delineadas pela historiografia e, em especial, iniciam o caminhar dialógico dessa pesquisa.

⁶ Utiliza-se o recurso das aspas durante toda a pesquisa, como forma de evidenciar que as suposições destacadas não fazem referência ao fato objetivo – o real – mas demonstra a atuação das representações na vida de homens e mulheres. Em outros momentos, elas também se valem de importantes pontos que merecem ser destacados durante essa análise, de forma a atuar como um reforço de ideias.

1.1 A História das Mulheres e o Conceito de Gênero na Historiografia

Segundo Michelle Perrot (2008) escrever a História das Mulheres é sair do silêncio em que elas estiveram confinadas. Significa, antes de tudo, verificar que elas têm uma história, da qual são também personagens centrais.

Escrita fundamentalmente por homens, a narrativa histórica se absteve de incorporar às suas preocupações o feminino. Este silêncio marcou, por longos anos, a ausência das mulheres em importantes registros históricos. Ainda que a historiografia as tivesse negligenciado, as mulheres nunca estiveram ausentes de terem e fazerem parte da História. Assim, um ponto importante a ser discutido é: quando elas passaram a fazer parte das preocupações dos/das historiadores/as? E em que momento suas vozes passaram a se fazer ouvir na sociedade?

Para Le Goff (2002) a História Tradicional era, antes de tudo, obra justificada dos progressos da fé e da razão, do poder monárquico e burguês. Por isso, durante muito tempo, a escrita da História considerou o que era tido como “centro”. Nela, os papéis representados pelas elites do poder, da fortuna e da cultura, bem como a história dinástica e religiosa, eram temas merecedores de abordagem a serem pesquisados e analisados pela historiografia, onde as histórias dos povos apareciam diluídas.

Um importante momento vivenciado na historiografia se deu com a *École Annales* – Escola dos Annales (1929-1969), liderado por Marc Bloch e Lucien Febvre, a qual desempenhou um papel significativo no desenvolvimento de novas problemáticas e de novos métodos que renovaram os domínios tradicionais da história econômica e política que vigoravam, até então.

O Movimento Francês nasceu como uma resposta reivindicadora e renovada, ao assumir posições altamente críticas em relação ao tipo de história que costumava a ser realizada especialmente no ambiente acadêmico. Suas propostas se encontravam organizadas em dois eixos centrais: a da reivindicação de uma história experimental científica e a da convicção de uma unidade em construção entre a História e as Ciências Sociais. Preocupou-se ainda em resgatá-la de seu isolamento disciplinar, de modo que estivesse aberta às problemáticas e às metodologias existentes no contexto da interdisciplinaridade.

Entretanto, a grande importância proporcionada pela renovação historiográfica aconteceu com a Terceira Geração dos Annales, em 1970, com as contribuições de Fernand

Braudel, geração que buscou retratar os assuntos ligados à vida cotidiana e social. É importante destacar que a Escola dos Annales não contribuiu de imediato para a problematização das questões ligadas ao feminino. Seu ápice esteve centrado, mais precisamente, a partir da Terceira Geração do Movimento, período em que a preocupação dos historiadores esteve calcada na “História Cultural do Social” ou, em outras palavras, das práticas sociais e culturais que dão significado ao mundo e as pessoas que o constituem.

Ao direcionar as pesquisas do âmbito político para o social, a chamada *Nouvelle Historie* – Nova História – possibilitou a incorporação de novos estudos relacionados à vida privada, às práticas diárias, à família, ao casamento e à sexualidade. Chartier, em sua obra *A História Cultural: entre práticas e representações*, assinala que a História Cultural, tal como se entende hoje, “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1985, p. 19).

De acordo com Peter Burke (2005) a História Cultural originou-se no século XVIII. Para ele, esse novo modelo de redefinição da narrativa histórica está subdividido em quatro fases essenciais: a clássica; a história social da arte, iniciada em 1930; a chamada história popular da década de 1960, com Hobsbawm e Thompson e, por fim, a Nova História Cultural que concedeu maior ênfase aos assuntos da vida diária e conseqüentemente proporcionou maior abertura para os estudos das relações de gênero e das mulheres na historiografia.

Assim, a Nova História Cultural tem sido utilizada pelos/as historiadores/as para se referirem a aspectos da vida cotidiana, aos costumes, valores e modos de viver de diferentes pessoas e grupos. É nesse momento que ocorre o diálogo entre a História e as diferentes áreas do conhecimento, expresso, sobretudo pelas contribuições interdisciplinares provenientes da Antropologia, da Psicologia e da Sociologia.

Nesse cenário, os estudos históricos sobre o Cotidiano despontaram a partir das contribuições de Michel de Certeau (1994) e Agnes Heller (1970). Esses autores concebem o cotidiano como um espaço rico em significados e ações, uma vez que nele convergem-se o político, o econômico e o religioso. Em suma, todo um campo de produção simbólica humana.

É preciso destacar que os estudos históricos do Cotidiano não consistem em uma mera descrição sobre o dia-a-dia ou uma exposição factual da vida corrente. Antes, esse modelo historiográfico preocupa-se em submetê-lo a uma perspectiva analítica e inserida na dinâmica das transformações. Portanto, o Cotidiano não é um local separado da vida, onde se

age mecanicamente sem nenhum significado ou influência. Trata-se de um espaço, assim como o político ou econômico, cheio de significados sociais que faz e refaz o viver humano. Ademais, ele é visto como um fenômeno politizado, isto é, o político é trazido para o âmbito da vida diária. Seus objetos de estudos, a partir de uma perspectiva histórica, passam a ser os próprios indivíduos comuns. Não há uma preocupação em abordar as elites ou os grandes homens. Daí o porquê muitos estudos sobre o cotidiano abordarem operários, mulheres e camponeses, pessoas, até então, ocultadas pela História Tradicional.

Nessa perspectiva, a História deixa de ser uma disciplina preocupada exclusivamente com os meandros políticos, para assumir também a questão do social e a reconhecer nela os diversos poderes que o engendra. É nesse espaço gerado pelos Estudos Culturais que o Feminismo e os estudos das Relações de Gênero buscaram alterar a exclusiva universalidade do homem como sujeito da História, de maneira a oferecer um conhecimento sobre as mulheres como agentes e construtoras de suas próprias histórias. Nesse contexto, dá-se início a um novo tipo de narrativa, denominada de a Nova História Cultural e a partir dela o “Nascimento da História das Mulheres”.

Consideradas apenas na dimensão privada como mães, responsáveis pela educação dos filhos e dos aspectos ligados ao lar, as mulheres foram esquecidas como integrantes do tecido social ao serem imaginadas e representadas, em vez de descritas e contadas pela História Tradicional. E mesmo, quando existiam publicações acerca do feminino: “ignorava-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam” (PERROT, 2008, p.22).

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos. Ademais, fora dos limites da casa, restavam-lhes a vida religiosa ou a acusação de bruxaria, conforme atestam os estudos de Michelle Perrot (2005). Somente no final do século XIX, elas conquistaram o direito à educação, e muito mais tarde, o ingresso às universidades. Em meados do século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e que podem conscientemente tentar tomá-la em mãos com seus movimentos e reivindicações. Finalmente, a História das Mulheres, que sempre existiu, pôde, enfim, ser escrita na historiografia.

O Feminismo, profundamente imbricado com os movimentos políticos de 1960 e estreitamente vinculado à efervescência cultural e política deste período, buscou colocar em xeque os padrões morais, socialmente aceitos para homens e mulheres, ao desconstruir arraigados valores de família e recusar a “posição subalterna” das mulheres dentro dos espaços privado e público.

Assim, na década de 1970, as mulheres cientistas passaram a estudar e a escrever sistematicamente sobre o universo feminino no Brasil. Esses estudos conquistaram espaço nas universidades ao focar o tema trabalho e ao ter como primeiro alvo de análise as mulheres trabalhadoras e carentes. Nesse momento, as pesquisas acadêmicas estavam voltadas às situações vividas pelas mulheres nos diferentes espaços e situações de trabalho, como a existência das duplas jornadas, os baixos salários pagos a elas e a inferiorização delas nos cargos de chefias.

Os anos 1980 foram marcados pela tentativa de ampliação dos debates anteriormente vigentes. Passou-se a trabalhar com o termo Relações de Gênero, ao invés de Relações entre os Sexos. Segundo Massi (1992) foi necessário “desbiologizar” a noção de sexo e integrá-la nas questões sociais. A partir de então, as mulheres passaram a serem concebidas não mais numa rede integrada à posição binária dos sexos, mas das Relações de Gênero, social e historicamente construídas.

Segundo a Historiadora Rachel Soihet (2003) a categoria gênero, inicialmente, foi utilizada pelas feministas americanas, preocupadas em refutar o determinismo biológico, inevitavelmente expresso em termos de sexo ou de diferença sexual.

Para Scott (1995) o termo gênero surgiu na tentativa de questionar a construção ou a suposição de uma identidade preexistente das mulheres, demarcada a partir dos traços biológicos, o que contribuiu para estabelecer um significado particular e, ao mesmo tempo, dúvida a homens e mulheres na sociedade.

Assim, a questão da “diferença dentro da diferença” trouxe à tona um debate sobre o modo e a necessidade de se articular o gênero como importante categoria de análise na historiografia, o que também pode ser percebido nas palavras de Scott (1992) ao ressaltar o gênero enquanto construção social dos sexos. Desse modo, a autora adverte que:

A história das mulheres, sugerindo que ela faz uma modificação da ‘história’, investiga o modo como o significado daquele termo geral foi estabelecido. Questiona a prioridade relativa dada à ‘história do homem’, em oposição à ‘história da mulher’, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história – o Homem universal (SCOTT, 1992, p. 78).

Nas palavras da autora, a masculinidade e a feminilidade estão representadas como posições de sujeito, não necessariamente restritas aos papéis biológicos de machos e fêmeas. Este dilema se apresenta porque a diferença entre os sexos está construída nos referenciais

pautados numa estrutura da linguagem, que embute pontos de comparação que ocultam e implicam, erroneamente, posições demarcadas na sociedade.

Se antes, as mulheres foram retratadas e representadas na historiografia exclusivamente como “mães, donas-de-casa, esposas, religiosas, bruxas ou confinadas ao espaço privado do lar e às representações que as delimitavam seres frágeis”, com os Estudos Culturais e de Gênero, a categoria Mulher no singular passa a ser suprimida, de modo a surgir a categoria Mulheres no plural. Com isso, abre-se um universo mais amplo para o estudo do feminino, não mais reduzido a um modelo de sujeito universal, mas de diferentes pessoas, construídas no interior da vida cotidiana.

Assim, o cotidiano passa a ser concebido como resultado das interações e da comunicação entre as pessoas, do compartilhamento do conhecimento adquirido para a constituição de uma realidade comum e da transformação de ideias em práticas. Logo, ao se refletir sobre ele, conclui-se que as mulheres também se apresentam como protagonistas de ação e de interação nas diversas estruturas sociais pautadas nas relações de classe, etnia e gênero.

Nesse sentido, as narrativas das entrevistadas nessa pesquisa apontaram, inicialmente, para mudanças significativas no âmbito das relações de gênero. Essa variação está relacionada, sobretudo à vivência da sexualidade e da própria percepção do “tornar-se mulher”, não reduzida à questão biológica, mas como construção social que determina a constituição dos gêneros.

Assim, na trajetória de campo realizada, um número de 6 (seis) sócias da Associação pesquisada relatou vivenciar ou terem vivenciado relacionamentos homossexuais em algum momento de suas vidas. Esse fato aponta ainda para um período considerável de tempo nesses relacionamentos, o que corresponde a uma média de um a dez anos de convivência em cada um deles. Das 6 (seis) mulheres que relataram terem vivido ou ainda viverem relacionamentos afetivos com outras mulheres, 2 (duas) se relacionam ou se relacionaram amorosamente com parceira/s de trabalho e 4 (quatro) delas com mulheres não sócias da Associação.

A esse respeito, relatou uma das entrevistadas: “Eu não deixo de ser mulher, por ter caso com outra mulher. Ser mulher, pra mim, é, a cada dia, conquistar um espaço diferente” (S.S.R, 31 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

O depoimento da entrevistada remete a discussão proposta por Simone Beauvoir⁷ em relação à famosa frase: “Não nasce mulher, mas torna-se mulher”. Alude ainda o fato de que a feminilidade não está vinculada necessariamente à questão biológica dos sexos, ou ainda, à vivência da heterossexualidade, mas da forma pela qual são construídas as relações entre os gêneros. Assim, o que chama mais atenção na fala da entrevistada é o fato de associar a feminilidade com a descoberta de novas formas de vivenciar a vida e, por conseguinte, conquistar novos espaços, até então, “não permitidos às mulheres” tanto no que se refere aos assuntos ligados ao espaço público quanto à vivência da própria sexualidade.

Nas palavras de Araújo (2002, p.02) as expectativas e idealizações dos relacionamentos afetivos surgem como uma forma de redefinição na sociedade atual e [...] “novas formas de amar e se relacionar estão sendo construídas para responder às exigências de uma sociedade onde os valores e as regras econômicas e sociais estão sempre em mutação”.

Portanto, a biologização dos sexos como forma de compreender as mulheres e, sobretudo ancorá-las em seu próprio sexo passa a não mais responder sobre importantes pontos que permeiam a vida de muitas delas. Esse fato, contudo, não está relacionado somente à questão da própria sexualidade, como também das posições previamente estabelecidas a homens e mulheres como “verdadeiras e inquestionáveis” na sociedade.

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, ocorrida por volta da década de 1950, as ideias de maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte do que consistia ser a essência feminina. Nesse período, a mulher ideal era definida a partir dos papéis tradicionais de ocupação doméstica e do cuidado aos filhos, conforme apontam as historiadoras Mary Del Priore e Carla Pinsky:

A vocação prioritária da maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes (DEL PRIORE e PINSKY, 2006, p. 609).

Em contraponto, percebe-se que nas décadas subsequentes as mulheres foram produzindo rupturas nos padrões tradicionais de gênero na sociedade brasileira, as quais se mostram presentes na realidade construída/vivida pelas sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Ao buscarem o trabalho na Associação, elas procuram romper com os

⁷ BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. v.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

paradigmas sexistas que, por muito tempo, as destinaram ao espaço privado do lar e ao ideal de maternidade e casamento.

Aliado a conquista de espaços sociais no mundo do trabalho, foram evidenciadas novas configurações familiares em relação às mulheres da Associação. Esses novos padrões estão representados pela união homossexual feminina, apontada anteriormente, e de mulheres que auto-denominam mães solteiras. Há também que ser registrado um elevado número de sócias que se apresentam como co-provedoras de suas famílias, conforme apontam os dados provenientes da Tabela 1⁸:

TABELA 1: Mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio que se apresentam como co-provedoras de suas famílias.

INICIAIS	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHO/AS	CO-PROVEDORA
D.B.	23 anos	Casada	3	Esposo
D.G.G.M.	26 anos	Casada	2	Esposo
D.S.	23 anos	Casada	2	Esposo
E.H.P.	33 anos	Casada	2	Esposo
E.S.	19 anos	Casada	0	Esposo
G.D.P.	19 anos	Casada	1	Esposo
J.D.A.S.	52 anos	Divorciada	1	Filho
L.A.B.	28 anos	Casada	3	Esposo
M.A.S.	34 anos	Casada	5	Esposo
M.R.P.	43 anos	Solteira	0	Amiga
S.S.R.	31 anos	Casada	1	Companheira
S.S.	25 anos	Casada	2	Esposo
T.M.S.	18 anos	Solteira	0	Mãe
T.P.S.	20 anos	Solteira	0	Amiga

FONTE: Pesquisa de Campo realizada por Luciana Codognoto da Silva entre os meses de janeiro e dezembro de 2010.

Os dados examinados assinalam um número significativo de 14 (quatorze) mulheres que atuam como co-provedoras de seus lares. É preciso lembrar que o modelo de família que se baseia nos papéis de homem/provedor e mulher/dona-de-casa em tempo integral experimentou um declínio a partir da metade do século XX. Com o desenvolvimento tecnológico nas décadas de 1960 e 1970, abriram-se novos postos de trabalho assumidos pelas mulheres, associados à redução dos salários dos homens, possibilitando, por conseguinte, a maior participação feminina no mercado de trabalho. Esses importantes aspectos refletem, segundo Oliveira (2005), as transformações que ocorreram no contexto privado e nas relações

⁸ Foram entrevistadas 5 (cinco) mulheres das 14 (quatorze) apresentadas na Tabela 1.

de gênero, as quais têm possibilitado mudanças, ainda que, tênues, na condição das mulheres tanto no espaço do lar quanto no âmbito público da vida social.

Ademais, a Tabela 1 assinalou a presença de um modo muito particular de provisão doméstica, advinda das presenças da companheira, do filho, da mãe e de amigas, de forma a sugerir a importância do efeito combinado de gênero, geração e laços afetivos para a manutenção do lar das mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Nesse sentido, Bruschini, em seu texto *Trabalho e Gênero no Brasil nos Últimos Dez Anos* (2007), destaca as transformações no perfil da força de trabalho feminina, ocorrida desde a década de 1970. Se naquele período, a maioria das trabalhadoras brasileiras era solteira e sem filhos, agora, passa a apresentar cônjuge e filho/as, fatores também evidenciados nesse estudo, como demonstram os dados da Tabela 1.

É necessário destacar ainda que, historicamente as famílias pobres apresentavam um número maior de membros em suas genealogias. Em relação às mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio pode ser percebida, mediante os dados apontados na Tabela 1, uma diminuição considerável de filhos/a, de forma a apresentar uma ruptura dos padrões históricos e sociais de constituição das famílias pobres brasileiras.

Importante enfatizar que a inserção no mercado de trabalho tem trazido novas experiências para essas mulheres, de forma a não limitar seus horizontes à esfera privada da reprodução, mas da construção das narrativas históricas de suas vidas a partir do trabalho. Por outro lado, esse fato acena para o que Castells (1999) denominou de “crise da família patriarcal”, na medida em que o comando da casa deixa de ser função exclusivamente do homem para se tornar também espaço das mulheres, possibilitando a elas, apesar das duplas jornadas de trabalho, a participação considerável no mercado de trabalho. Esses aspectos também podem ser percebidos nas palavras de Oliveira (2005) ao enfatizar que:

O modelo de dona-de-casa em tempo integral, tão valorizado ao longo das décadas passadas e que implicava, inclusive, uma situação de *status*, experimentou um crescente esvaziamento. Em contrapartida, o espaço público do trabalho, antes domínio masculino passou a ser compartilhado por mulheres casadas e mães, que vislumbravam no exercício do trabalho remunerado uma possibilidade de realização pessoal fora do espaço privado da família (OLIVEIRA, 2005, p. 124).

Portanto, as figuras de homem/provedor e mulher/dona-de-casa em tempo integral, valorizados ao longo do tempo, vêm perdendo força, de modo que as mulheres do século XXI estão a romper com as representações de “maternidade e domesticidade como elementos essenciais direcionados ao feminino”. Esses fatores podem ser observados em relação ao

número de sócias da Associação estudada que se apresentam como as únicas provedoras de suas famílias:

TABELA 2: Mulheres sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio que se apresentam como as únicas provedoras da família.

INICIAIS	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS/A
A.S.O.	27 anos	Casada	3
D.G.M.	21 anos	Solteira	1
E.A.S.	41 anos	Solteira	0
E.G.	22 anos	Casada	1
E.S.P.	27 anos	Casada	2
L.E.S.	20 anos	Casada	2
L.F.S.	37 anos	Casada	2
M.A.T.	55 anos	Solteira	0
P.S.F.	24 anos	Solteira	1
T.L.L.	31 anos	Casada	3

FONTE: Pesquisa de Campo realizada por Luciana Codognoto da Silva entre os meses de janeiro e dezembro de 2010.

A leitura da Tabela 2⁹ aponta para um número de 10 (dez) mulheres que atuam como as únicas provedoras do lar e denota, por conseguinte, uma redefinição dos papéis familiares de gênero, não mais calcada na figura do homem provedor, mas da mulher como a responsável pelo sustento financeiro da própria família. Dentre os fatores que têm possibilitado essa redefinição de papéis estão: o desemprego e os problemas de saúde do cônjuge, a separação ou saída do “homem-provedor” do lar, a necessidade de sustento financeiro e a possibilidade de oferecer aos filhos/a uma vida mais digna, conforme assinalou uma das entrevistadas:

É o meu primeiro trabalho, que surgiu depois de uma necessidade, porque meu marido foi embora e eu tinha que pedir para o avô das minhas filhas: arruma um real, dois reais para comprar leite [...] poderia, talvez, pelo meu grau de escolaridade, segundo grau completo, arrumar outro emprego, mas eu estava passando por um período tão crítico que eu não pensava em outra situação (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

Em linhas gerais, os aspectos ligados ao sustento dos filhos/a mostram-se relevantes no que diz respeito à entrada e à permanência das mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Na narrativa da entrevistada, a possibilidade de obtenção de um trabalho com melhores condições se esbarra na necessidade iminente de sustento financeiro das filhas, após a saída do companheiro do lar.

⁹ Foram entrevistadas 6 (seis) mulheres das 10 (dez) apresentadas na Tabela 2.

Cumpra ainda ressaltar que, embora uma parcela representativa das mulheres tem ocupado, cada vez mais, os papéis de trabalhadora assalariada e provedora do lar, conforme ficou evidenciado nas Tabelas 1 e 2, muitas delas ainda apresentam dificuldades em lidar com importantes questões que fazem referência à construção histórica e social das figuras do “homem/provedor e da mulher/dona-de-casa”.

Durante momentos variados das entrevistas, percebeu-se a atuação do termo “ajuda como peculiar às mulheres”, no sentido de conferir ao companheiro o papel de referência no lar, ainda que ele estivesse impossibilitado de prover à família em termos financeiros. Assim, das 24 (vinte e quatro) mulheres que atuam como co-provedoras, ou ainda, como as únicas provedoras do sustento doméstico, 07 (sete) delas buscaram o trabalho na Associação de Reciclagem devido aos problemas de saúde ou desemprego do cônjuge.

Mas, apesar de elas serem, muitas vezes, as provedoras da família, a função de referência no lar, conforme também assinalou Oliveira (2005) continua associada, no plano simbólico, à figura masculina, conforme pode ser percebido no depoimento de uma das entrevistadas: “O meu salário eu ajudo ele. Eu pago uma água, uma luz, pago uma despesa e quando ele faz ‘bico’ o meu dinheiro junta com o dele e a gente paga as contas” (E.S.P, 27 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

A menção do termo “ajuda” pela entrevistada permite visualizar a manutenção do papel principal na família ao homem, ainda que, a provisão financeira do lar seja direcionada exclusivamente, ou em parte, pela mulher. De fato, a matriz cultural dominante ainda continua a estabelecer, em maior ou menor proporção, o desígnio de referência do lar à figura masculina, fato também salientado nos estudos de Menegat, ao fazer um paralelo sobre o cotidiano de trabalho doméstico e nos lotes das mulheres assentadas: “Essa divisão recria o sentido duplo da ‘ajuda’. As mulheres ajudam quando estão na roça e os homens ajudam quando participam dos trabalhos de casa” (MENEGAT, 2009a, p. 221).

A esse respeito, Araújo estabelece que:

[...] tais mudanças não acontecem de forma tranquila e sem resistências. Na realidade, o reordenamento mais igualitário de papéis, posições e relações envolve um enfrentamento diário de conflitos e contradições visíveis na reprodução e cristalização de práticas desiguais, no cotidiano familiar (ARAÚJO, 2009, p. 10).

Em um plano mais geral, a história das mulheres está vinculada às relações de poder, estabelecidas cultural e socialmente entre os sexos. Assim, mudanças consideráveis estão a ocorrer na vida de muitas delas, ainda que aconteçam em um ritmo lento e permeado por

resistências, parte mantida pelas próprias mulheres que, ao interiorizarem relações de saber-poder, construídas historicamente de forma desigual, mantêm e/ou mesmo potencializam a desigualdade social entre os sexos.

Nesse sentido, alguns indicadores centrais têm sido fundamentais para se pensar na desconstrução dos paradigmas naturalistas e na construção de relações mais democráticas entre os gêneros. Dentre esses indicadores, destaca-se o grau de escolaridade em elevação das mulheres que compõem o quadro de sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio:

TABELA 3: Grau de escolaridade e faixa etária das mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	Deseja prosseguir os estudos?
A.S.O.	27 anos	Ensino Médio Incompleto	Não
C.G.M.	25 anos	Ensino Médio Completo	Sim
C.S.R.	21 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim
D.B.	23 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim
D.G.G.M.	26 anos	Ensino Médio Completo	Sim
D.G.M	21 anos	Ensino Fundamental Completo	Andamento
D.S.	23 anos	Ensino Médio Incompleto	Sim
E.A.S.	41 anos	Ensino Médio Incompleto	Não
E.G.S.	21 anos	Ensino Médio Completo	Sim
E.H.P	33 anos	Ensino Médio Completo	Sim
E.S.	18 anos	Ensino Médio Incompleto	Sim
E.S.P.	27 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim
G.D.P.	19 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim
G.S.P.	22 anos	Ensino Fundamental Completo	Sim
J.C.S.	27 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
J.D.A.S.	52 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
J.S.M.	24 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim
L.A.B.	28 anos	Ensino Fundamental Completo	Sim
L.E.S.	20 anos	Ensino Fundamental Completo	Sim
L.F.S.	37 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
L.R.S.	30 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
L.S.S.	25 anos	Ensino Médio Completo	Não
M.A.S.	34 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
M.A.T.	55 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
M.R.P.	43 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
P.S.F.	24 anos	Ensino Fundamental Completo	Sim
R.D.R.	39 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
R.S.	39 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
S.S.	43 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
S.S.R.	31 anos	Ensino Fundamental Completo	Não
T.L.L.	31 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Não
T.P.S.	19 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim
T.P.O.	18 anos	Ensino Fundamental Completo	Sim

FONTE: Pesquisa de Campo realizada por Luciana Codognoto da Silva entre os meses de janeiro e dezembro de 2010.

É importante lembrar que, historicamente, os espaços de menor prestígio social, em especial, o local de trabalho com os resíduos sólidos recicláveis, eram ocupados significativamente por pessoas pobres e analfabetas. No caso estudado, ele ainda continua a ser um lugar de pessoas menos abastadas, mas vem se tornando, gradualmente, o território de mulheres com nível de escolaridade mais avançado do que se evidenciou, ao longo dos tempos.

Ainda em relação à escolaridade, foi percebido, mediante os dados assinalados na Tabela 3¹⁰, o desejo de 18 (dezoito) sócias em prosseguir os estudos, fato também evidenciado em momentos variados das entrevistas, quando as mulheres apontaram o grau de escolaridade em elevação como fator essencial para aquisição de melhores oportunidades de trabalho, com direito ao registro em carteira, salário fixo e, por conseguinte, estabilidade no orçamento financeiro da família.

Em relação ao fator idade, pode ser percebido um número considerável de mulheres jovens na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Os dados apontados na Tabela 3 revelam 20 (vinte) sócias que transitam entre os 20 e 30 anos, o que remete pensar em mercado restrito de trabalho a essas mulheres.

Diante desses dados, faz-se importante atentar para as formas de divisão sexual do trabalho, atuante no Município de Presidente Epitácio. Contudo, ela não se mostra um fator isolado para o direcionamento das mulheres para o trabalho com os recicláveis. Outro aspecto que merece destaque refere-se à questão de classe/etnia, combinação evidenciada por Saffioti, em 1976, ao fazer menção ao processo histórico e social do trabalho de mulheres pobres e negras no Brasil.

Assim, das 33 (trinta e três) mulheres que compõem o quadro de sócias da Associação estudada, 3 (três) auto-denominaram da cor branca, 10 (dez) relataram serem pardas e 20 (vinte) se denominaram provindas da etnia negra. É importante mencionar que elas “auto-reconheceram” serem das etnias branca, negra ou parda, sem que, para isso, houvesse a intervenção/reconhecimento da pesquisadora.

Contudo, esse não foi um processo fácil para a maioria delas, principalmente para aquelas que “se denominaram negras”. Em momentos variados das entrevistas, e quando questionadas a respeito de como se percebiam em relação à questão étnica, algumas apontaram serem negras “em decorrência de constar, em alguns de seus documentos pessoais,

¹⁰ Foram entrevistadas 11 (onze) mulheres das 33 (trinta e três) apresentadas na Tabela 3. O quadro faz referência ao número total de sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

a sua etnia negra”; outras se definiam como pardas e outras ainda relataram “nunca ter parado para pensar nisso”, o que vem a remeter a dificuldade para algumas delas, em lidar com as representações construídas histórica e culturalmente, acerca da figura e do lugar ocupado pelas mulheres pobres e negras no Brasil.

Em consonância a esses fatores, Ribeiro (2004), ao fazer alusão aos dados estatísticos do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – destaca que é majoritariamente maior o número de mulheres negras desempregadas ou subempregadas em todo o país, em comparação à população masculina e branca. Ainda, segundo a autora, o racismo e a sua articulação com o sexismo produzem efeitos sobre grande parte do ocultamento de mulheres negras e pobres em importantes espaços da sociedade e de sua (in) visibilidade no processo histórico.

A esse respeito, descreveu uma das entrevistadas:

Já enfrentei preconceito em serviço por ser negra. Eu cheguei, fiz ficha e entrevista para caixa de posto de gasolina [...] não que eles tenham falado, mas lá não tem gente de cor. Só tinha gente branca como você. Eu achei que poderia ser por isso, porque não tinha ninguém negra trabalhando lá (P.S.F, 24 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

Há que se destacar os conteúdos latentes na fala da entrevistada. Ela diz sobre os preconceitos velados, isto é, não expressos diretamente no discurso do empregador, mas manifestos no ambiente em que procura um trabalho remunerado. Ademais, é importante salientar o paralelo antagônico estabelecido em seu depoimento: “gente branca e ninguém negra”, o que vem a remeter a dificuldade da entrevistada em lidar com a questão étnica. Embora, ela se reconheça como mulher e negra, sua fala reproduz também os efeitos sociais referentes às questões de classe, gênero e etnia, atuantes e interiorizados e que determinam, com bastante precisão, espaços dúbios na sociedade.

Em relação ao conceito de classe, Thompson (1992) destaca:

Por classe, entendo um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura, nem como uma categoria, mas como algo que de fato acontece nas relações humanas. Mais do que isso, a noção de classe contém a noção de relação histórica [...]. Essa relação vem sempre corporificada em pessoas reais e num contexto concreto (THOMPSON, 1992, p. 67).

Assim, co-existe a tríade definida por Saffioti (1976), configurada nos pressupostos de classe, gênero e etnia em relação à construção das narrativas históricas das mulheres pobres e negras nos espaços sociais. Elas, desde o início da formação da sociedade brasileira, exerciam atividades essenciais para a vida humana e social, porém, tidas como caráter de não trabalho, pelo fato de estarem ligadas ao âmago da vida privada e ao que Hannah Arendt

(2009) denominou de atividade *laborans*, o trabalho do corpo pela sobrevivência e manutenção da vida.

É preciso destacar que os primeiros registros de trabalho das mulheres negras e pobres no país estiveram relacionados à figura da escrava, das amas-de-leite, parteiras e curandeiras, de forma a existir uma distinção entre o espaço destinado a elas e aqueles reservados às mulheres burguesas: “[...] as meninas ricas não só aprendiam a fazer bolos, doces, a costurar e bordar, mas também podiam estudar francês e piano, canto e dança, de modo a proporcionar companhia mais agradável e atraente em ocasiões especiais” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 81).

Na literatura brasileira dos séculos XVIII e XIX são encontrados inúmeros “perfis de mulheres” condizentes com a ordem que vigorava naquele período e que atribuía importante papel a atuação feminina não apenas no seio da família, mas também na sociedade. Todavia, além da distinção entre os gêneros, existia, de maneira muito arraigada, a questão de classe e etnia, de modo a apresentar uma divisão de tarefas tipicamente “masculinas e femininas, bem como de pobres e ricas e brancas e negras” na sociedade brasileira.

Esse processo que tem raízes culturais e sociais e não biológicas e naturais, teve início remoto e, historicamente, tem se cristalizado na sociedade em posições equivalentes ao discurso androcêntrico e europeu. Acrescente-se a isso, que as mulheres pobres e negras atuavam como mão-de-obra gratuita ou escrava, fator que permitiu a auto-suficiência das classes mais favorecidas, de modo a oferecer condições para o funcionamento do sistema econômico mais amplo, exterior à família, conforme assinalou Saffioti (1976) ao fazer referência direta ao papel das mulheres na sociedade de classes.

Esse fato, se vê reforçado pelas teses sobre a segmentação do mercado de trabalho que tem direcionado às mulheres, sobretudo as pobres e negras, aos grupos de “mão-de-obra secundária”, caracterizados pela instabilidade, baixos salários, desqualificação profissional e invisibilidade social. A questão estrutural sobre a natureza do trabalho feminino, evidenciada em estudos contemporâneos, como os de Saffioti (1976), têm possibilitado a problematização das formas históricas e culturais da divisão sexual do trabalho, de modo a fixá-las em termos de reprodução dos papéis sexuais, em desacordo aos de gênero.

Paralelamente a esses questionamentos, há que se considerar que a redefinição de papéis sociais de gênero desponta como uma questão central nas discussões suscitadas pelo lugar que o corpo feminino tem ocupado, ao longo da história, de forma a assumir, nos dias atuais, uma posição distinta no espaço de trabalho não restrito ao lar. Diante disso, surgem

importantes questionamentos: Qual tem sido o papel, dado ao corpo feminino, na construção social do trabalho? E em que medida ele tem transitado da invisibilidade à contemplação da narrativa histórica das mulheres?

1.2 O Corpo Feminino: da invisibilidade à narrativa histórica

O corpo tem uma história e a diferença entre os sexos ocupa uma posição central e, ao mesmo tempo, inequívoca na delimitação dos espaços destinados a homens e mulheres na sociedade. Ele é representação e lugar de Poder, como mostrou Foucault, em sua obra *Microfísica do Poder* (2000), ao ser concebido como território estratégico de atuação das representações pautadas nos paradigmas sexistas que, por sua vez, ocuparam papel essencial na escrita da história das mulheres.

O poder, salientado por Foucault, pode ser percebido ao instituir os corpos nas relações sociais. Concebido como algo difuso, ele, o poder, se exerce no adensamento das relações sexuadas e sexuais ao instituir a sociedade, o imaginário hegemônico e as representações que presidem a modelagem das práticas sociais e a utilização dos corpos: “Deve-se supor que as relações de força múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, as famílias, os grupos restritos, as instituições servem de suporte a grandes efeitos de clivagem que percorrem o conjunto do corpo social” (FOUCAULT, 2000, p. 124).

Nessa perspectiva, é possível dizer que, o poder marca/adestra os corpos, na medida em que os condiciona a determinadas condutas, ao anunciá-lo sexuado e ao fazer de sua construção social uma ordem natural que impregna características peculiares e essencialistas aos sujeitos sociais. Em suma, o corpo vai sendo adestrado e docilizado pela imposição de uma disciplina férrea que se dá em virtude da família, da Igreja, dos quartéis, dos hospitais, das prisões e dos meios de comunicação.

As marcas sobre os corpos, especialmente sobre os corpos femininos, refletem poderes diferenciados que produzem desigualdades de pertencimentos sociais entre homens e mulheres e que são históricas na sociedade brasileira. No período colonial, todo conhecimento que existia sobre o corpo feminino estava vinculado à reprodução. Assim, afirmam Mary Del Priore e Pinsky que:

O esforço da medicina em estudar o útero era proporcional ao mistério que a mulher representava como receptáculo de um depósito sagrado, que precisava frutificar. Tal mistério era refutado por uma crença geral: a fêmea não deveria ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho (DEL PRIORE e PINSKY, 2006, p. 82).

O sentido de um corpo feminino destinado à reprodução se fez presente em todos os momentos históricos. Ao se traçar uma breve análise dos olhares sobre o corpo na linha do tempo, se verá que, no período medieval, ele era concebido a partir de uma visão erótica e como oportunidade de pecado e corrupção da alma, ideia essa, que não foge muito do dualismo psicofísico sustentado por Platão, de que corpo e alma são instâncias separadas no ser humano.

Essa visão somente passou a ser superada com o desenvolvimento da ciência, no final da Idade Média e no Renascimento, quando o corpo tornou-se objeto de estudo e interesse. Nesse período, ele passou a ser concebido a partir de duas visões antagônicas que se estendiam aos ideais de beleza às mulheres e de força aos homens, sendo redirecionado para o âmbito das artes. Todavia, as concepções baseadas na anatomia dos sexos ainda prevaleceram em muitas obras de artes retratadas por diferentes artistas, dentre eles, Michelangelo¹¹.

Com a passagem do feudalismo para o capitalismo, houve uma preocupação em se desconstruir as concepções de corpo erótico. Ele, por meio do trabalho, passou a ser concebido como fonte de acúmulo do capital e reconhecido em virtude de sua capacidade reprodutiva, momento em que o trabalho manual apresentou grande importância na sociedade da época.

Na modernidade, o corpo assume uma função ligada à imagem da indústria capitalista, trazendo em si, as marcas de um corpo ideal e remodelado incessantemente. Há também que se destacar que os meios de comunicação têm contribuído para a disseminação das representações construídas sobre o corpo, ao atribuir a ele, uma dimensão de objeto que, como tal, apresenta uma função de uso e, quando é tido como “fora dos padrões culturais” passa a ser descartado e/ou subjugado da sociedade. É nesse contexto, que os corpos de homens e, sobretudo das mulheres passam a ser mercantilizados na sociedade capitalista.

Sustentado por essas concepções, Michelle Perrot (2003) destaca que o corpo feminino apresenta uma historicidade física, estética, política, ideal e material. Ele, no espaço privado, permanece oculto e no público, quando não oculto, passa a ser exibido, apropriado e carregado de significados. Assim:

¹¹ Em Michelangelo tem-se o exemplo da obra *Davi* em escultura de mármore que vem evidenciar o arquétipo de “beleza masculina” e a obra *Pietá*, de 1.499, que retrata a figura de Cristo morto estendido nos braços da Virgem Maria.

O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto de olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade (PERROT, 2003, p.13).

Há que se considerar as importantes zonas de silêncios históricos do corpo feminino, representadas, de maneira peculiar, nas doenças físicas e espirituais outorgadas às mulheres, local onde se instalaram as práticas sociais do corpo “histórico, fragilizado, nervoso e acometido por demônios”.

Trata-se de formas desapropriadas de um corpo reduzido ao silêncio de uma figuração muda, de longa duração e inscrita, por conseguinte, na construção do pensamento simbólico da diferenciação dos sexos. Esses discursos mostram-se reforçados pelas alocações políticas e médicas que, de certa forma, conferiram um caráter pragmático de espaços a homens e mulheres no contexto histórico e social.

Durante muito tempo, as mulheres foram retratadas como “seres de corpos frágeis e puros” e relegadas a um plano moral e metafísico que consistia em “ser mãe, dócil e submissa”. Tais representações, conforme apontam Soihet e Matos (2003) “transformavam as mulheres em eternas enfermas” e ordenadas historicamente ao valor natural atribuído ao útero como explicação de uma identidade universal feminina, construída em torno de um saber e de um discurso androcêntrico.

Assim, as mulheres estiveram simbolicamente representadas como “lugar, espaço e território” dos debates históricos, ao invés de serem percebidas como pessoas de ação. Esses debates, por sua vez, eram fundamentados em concepções naturalistas que se propunham a ressaltar o caráter de “passividade às mulheres e de atividade aos homens”, de forma a reduzir os corpos sociais às zonas erógenas e possibilitar, por conseguinte, uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros.

Guacira Lopes Louro (2004, p. 80) estabelece relações entre as denominadas “marcas do corpo e marcas do poder” ao questionar, até que ponto, elas não são uma invenção do olhar do outro: “[...] são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos.”

É preciso destacar que o corpo tornou-se, pela primeira vez, o centro das lutas públicas das mulheres a partir das contribuições geradas pelo Movimento Feminista de 1960. Nesse período, a figura feminina adquiriu corporeidade e o corpo das mulheres tornou-se

objeto da história. Eles anteriormente “destinados a gerar filhos e, por sua vez, portadores de uma invisibilidade histórica e social” deixaram, após décadas, de ser o lugar da “reprodução, da eroticidade e de enfermidades” para se tornarem, no caso das mulheres catadoras, instrumento de trabalho com os recicláveis.

Nas observações do trabalho diário das mulheres na Associação, bem como durante o período de entrevistas foi percebido o corpo como instrumento necessário ao trabalho na catação. Trata-se de uma ferramenta essencial, e mais ainda, do principal meio de trabalho delas em seus contatos diários com os resíduos sólidos.

Destarte, as representações sobre “maternidade, submissão, fragilidade e docilidade” passam a dar lugar à realidade de vida de mulheres que buscam se inscrever histórica e socialmente através de seus trabalhos com os recicláveis. Nesse espaço, o corpo é tido como local de força e meio de sobrevivência para muitas delas, conforme apontou uma das sócias:

Nosso serviço não é qualquer um que aguenta não. Tanto é que já passaram mais de quatrocentas pessoas por aqui. Não se adaptaram ao lixo e ao cheiro. São muito fracos, acham muito pesado o trabalho aqui, porque é aquele pique direto. Quando acham uma oportunidade melhor, com emprego registrado, eles saem (M.R.P, 43 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

Se antes, o corpo feminino esteve envolto a representações que o caracterizava “frágil”, a partir do depoimento da entrevistada o conceito de fragilidade, ao longo da história, atribuído às mulheres, se desconstrói. Em suma, as catadoras passam a questionar as teorias sexistas, até então, solidamente alicerçadas na sociedade. Esses questionamentos estão vinculados não somente ao corpo forte e material, como também ao simbólico, expresso pelas razões¹² que as levam a procurar e, sobretudo a se manterem na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Cumprir mencionar que, dos/as 44 (quarenta e quatro) sócios/as da Associação estudada, 33 (trinta e três) são mulheres, correspondendo a um percentual de 75%, o que remete a uma importante redefinição dos espaços destinados a homens e mulheres na sociedade. O trabalho na catação, considerado historicamente como “tipicamente masculino”, passa, gradualmente, a ser ocupado pelas mulheres catadoras.

Assim, quando o corpo é pensado historicamente, há uma hierarquização dos espaços que nele se configuram. Posto como “inferior” desde os tempos clássicos, ele só tinha

¹² Ressaltadas, de maneira mais detalhada, quando se aborda o item a seguir: **As Mulheres no Mundo do Trabalho: continuidades e rupturas**. Esse aspecto ainda assume relevância especial durante o segundo e terceiro capítulos dessa pesquisa.

importância à medida que se tornava o território da reprodução. No caso estudado, assume valor significativo enquanto meio de trabalho e, conseqüentemente, local por onde as catadoras perpassam do âmbito privado do lar para o público do trabalho remunerado.

Para Margareth Rago (2009) as mulheres estão a criar a sua própria linguagem, de modo a romper com o mundo das categorias e representações masculinas. Assim, novas formas de produção da subjetividade feminina estão sendo construídas, mediante uma redefinição do lugar a ser ocupado por elas na sociedade. Esses lugares, por sua vez, dissociam a definição de gênero da ideia de maternidade, disseminada ao longo do tempo. Logo, ser mulher no século XXI deixou de implicar necessariamente gravidez e parto, o que traduz uma importante ruptura da ideologia de domesticidade às mulheres.

No entanto, é necessário destacar que, o mesmo corpo, agora, percebido como forte e inscrito socialmente pelas entrevistadas, ainda continua a ser permeado por representações e estabelecido em meio a relações de poder. Este fato se inscreve na divisão sexual do trabalho, que toma o conceito de corpo biológico como modelo de referência à distribuição de espaços a homens e mulheres na sociedade.

No caso estudado, ele está representado na participação majoritária das mulheres no trabalho com os recicláveis, o que vem apontar para duas direções distintas de análise: a primeira e a mais positiva, é que as mulheres estão, cada vez mais, assumindo novos papéis sociais, de modo a se fazerem personagens ativas da história; a segunda se refere à precarização do trabalho, ressaltada nos estudos de Antunes:

A feminização do mundo do trabalho é por certo positiva, uma vez que permite avançar o difícil processo de emancipação feminina e, desse modo minimizar as formas de dominação patriarcal no espaço doméstico. Mas é também marcada por forte negatividade, pois ela vem agravando a precarização da mulher trabalhadora (ANTUNES, 2004, p. 275).

A precarização, assinalada pelo autor, faz referência à maior participação feminina em trabalhos informais e em áreas onde predominam os empregos periféricos e vulneráveis. A esse respeito, relatou uma das sócias:

Ao mesmo tempo em que é divertido, é [...] explorador, sabe. O sol quente queima as costas, dá uma dor de cabeça, dá uma sede; dona de casa que não tem paciência. Você é humilhada [...] tem hora que a gente é chamada de lixeiro (D.G.G.M, 26 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

O fragmento da entrevista vem apontar as representações, construídas histórica e socialmente em torno da figura das mulheres catadoras, bem como a precarização das formas de trabalho no processo de coleta e manuseio dos recicláveis. Estes aspectos acenam para uma

duplicidade de fatores que caracterizam o trabalho com os resíduos sólidos. De um lado, ele se apresenta como meio de vida, a condição que permite garantir a sobrevivência e a “integração” das catadoras no mercado de trabalho. De outro, não deixa de ter a conotação negativa, construída socialmente em torno do “material obsoleto e descartado”, fatores que, muitas vezes, lhes confere a denominação de “lixeiros”, conforme ficou evidenciado no depoimento da entrevistada.

Além das representações relacionadas ao corpo e ao trabalho realizado pelas mulheres catadoras, há que ser registrado as adversidades ocorridas durante o processo de manipulação dos recicláveis. Elas estão vinculadas aos fatores físicos e ambientais, como: sol, cansaço, sede, dores pelo corpo e as questões insalubres de trabalho com o material descartado, conforme assinalou uma das sócias: “Na primeira semana foi difícil acostumar com o cheiro, com o sol o dia inteiro. Eu não conseguia almoçar direito por conta do mau cheiro e das moscas. Agora, já estou acostumada” (D.G.M, 21 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

Apesar do trabalho com os recicláveis estar relacionado ao (re) aproveitamento dos materiais que, até então, seriam descartados, o lixo, propriamente dito, e os fatores desencadeados por ele também se encontram presentes no cotidiano das mulheres da Associação. Além disso, o fato de existirem ali moscas e forte odor, evidencia as precárias condições de trabalho enfrentadas pelas sócias no espaço de manuseio dos recicláveis e, por conseguinte, o local onde se inscrevem os corpos femininos nesse contexto de trabalho.

Assim, muitas conquistas foram alcançadas pelas mulheres, mas há ainda outras a serem resolvidas, em especial aquelas ligadas à construção dos conceitos de corpo sexuado que, por muito tempo, propiciou o “não-lugar” do feminino na história. Esse importante fato requer uma caminhada densa e atenta aos significados que as relações de poder entre os sexos têm proporcionado ao corpo e as delimitações de papéis atribuídos/construídos para homens e mulheres na sociedade. Nesse contexto, o conceito de gênero assume importância fundamental rumo à desconstrução das bases sexistas de compreensão dos sujeitos e das continuidades e rupturas expressas no mundo do trabalho.

1.3 As Mulheres no Mundo do Trabalho: continuidades e rupturas

Os registros mais significativos de participação feminina no mercado de trabalho brasileiro aconteceram em fins do século XIX. Entretanto, a grande maioria era de operárias que trabalhavam fora do lar. Com o advento das guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) as mulheres, em especial aquelas pertencentes às classes menos abastadas, passaram a participar diretamente da esfera pública, “antes reservada aos homens”.

Historicamente, as mulheres sempre trabalharam. Contudo, ocorreu que, sem serem remuneradas, elas ficavam “encarregadas das tarefas de reprodução” ligadas ao âmago da vida privada e, aos homens, por sua vez, as de “produção” vinculadas à vida pública social, “[...] transformando essa rígida divisão sexual do trabalho em natural, própria à biologia de cada sexo” (MASSI, 1992, p.79). Essas diferenças biológicas, apontadas anteriormente, foram tomadas pelo discurso social para explicar e manter contendas sociais e profissionais, de forma a produzir um modo muito particular de subjetividade feminina, intimamente ligada à esfera doméstica e aos ideais de maternidade.

Nos séculos XVIII e XIX, a visão elaborada e dirigida às mulheres ainda se relacionava aos papéis domésticos, ao casamento e à criação dos filhos:

O casamento, ao contrário, enobrecia a mulher e abria-se como a única possibilidade de ascensão social, em um tempo que não eram permitidas às mulheres atividades que possibilitassem sua promoção por seu esforço próprio. Apenas através do casamento e da criação de uma família, a mulher podia instituir uma atividade própria ainda que esta área fosse carente de poder político e econômico (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 83).

Nesse mesmo período, as mulheres eram tidas como “as responsáveis pelo sucesso e bom êxito do marido” mediante a demonstração de habilidades e dotes físicos, domésticos e de personalidade, os quais denotavam “serem ou não boas esposas”, seguindo assim, um modelo predominante da época em que beleza, elegância e submissão se caracterizavam como pontos máximos do que consistia ser a feminilidade.

Ao executarem a supervisão e as atividades do trabalho doméstico, as mulheres passaram grande parte do tempo, confinadas ao espaço da individualidade e da vida privada, o que conferiu para que lhes fosse atribuído, segundo Menegat (2009b) um caráter “de não trabalho”, visto que as atividades do lar não apresentavam remuneração de qualquer ordem, seja ela econômica ou de reconhecimento social.

O ideal de maternidade e de concepções ligadas ao lar não se ateve somente aos aspectos familiares como também colaborou para a formação de um princípio pedagógico que se estendeu aos primeiros registros de profissões ocupadas pelas mulheres no Brasil. Elas se mostraram carregadas de marcas geradas por representações que se estendiam, por conseguinte, às profissões assistenciais e educacionais, como as de professora e enfermeira, consideradas tipicamente “femininas” por estarem ligadas, em essência, aos papéis maternos e de cuidados.

É preciso destacar que essas representações, anteriormente descritas em relação às mulheres, são formas históricas e não naturais. Em outras palavras, as relações entre os sexos são socialmente construídas e, como tal, geram sentidos, ainda que inequívocos, à vida de homens e mulheres, conforme evidencia Maria Lúcia Rocha-Coutinho:

[...] por trás das “funções biopsíquicas” do parto e da amamentação associadas à mulher, está subjacente toda uma estratégia de poder, articulada a partir de um discurso que tenta encobrir as desigualdades entre os gêneros naturalizando-os (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 51)

É o Poder Simbólico, apontado por Pierre Bordieu (2003) como uma configuração de poder não arbitrário. Uma forma de violência, legitimada a partir do momento em que gera sentidos e significados à vida humana, criando ramificações de acordo com uma norma atuante e instituída, nesse caso, das relações entre os sexos.

Nos anos de 1950, assistiu-se no Brasil um importante crescimento urbano e industrial. Democracia e participação eram ideias fortalecidas nos discursos políticos. Contudo, as distinções entre feminino e masculino ainda continuaram nítidas. O trabalho das mulheres prevalecia cercado de estereótipos e concebido como subsidiário ao trabalho dos homens, tidos como “chefes da casa”.

Nessa perspectiva, a historiadora Margareth Rago (2006) destaca que as mulheres sempre tiveram de enfrentar barreiras no mundo dos negócios, independente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da denominada “desqualificação intelectual” ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra os obstáculos para ingressarem no mundo público.

Em meados do século XIX aconteceu uma maior participação delas no mercado de trabalho, de forma a ocuparem, significativamente, os espaços das fábricas. Todavia, essa maior participação feminina no mundo público não atenuou as representações que, por longo tempo, as manteve no espaço privado do lar e tampouco passou a ser vista como fonte de realização pessoal para muitas mulheres. Para Rocha-Coutinho isso se deve ao fato de que:

[...] o trabalho feminino era aceito pela sociedade do século XVIII apenas na medida em que complementava a renda familiar e na medida em que era necessário aos interesses da industrialização crescente no Brasil. Assim, a mão-de-obra feminina se colocava como um exército industrial de reserva, acionado sempre que necessário aos interesses do Estado. E, o Estado buscou sempre controlar a atuação da mulher, limitando-a a tipos especiais de ocupações (geralmente educacionais e/ou assistenciais e de prestação de serviços) supervisionados e/ou controlados por homens (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 95).

A divisão sexual do trabalho, já apontada por Rocha-Coutinho (1994), tem raízes biológicas e, por sua vez, passa a ser transportada para o âmbito da cultura, onde se cristaliza em valores para homens e mulheres na sociedade. Esta desigualdade possibilitou uma forma muito particular de demarcação de espaços sociais e profissionais para cada sexo, conforme apontam Hirata e Kergoat:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada historicamente e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 599).

Elisabeth Souza-Lobo (1991) salienta que a divisão sexual do trabalho está articulada às relações sociais e embutida, por conseguinte, nas práticas sociais. A assimetria nas relações de trabalho, apontada pela autora, não somente consolida diferenças, como também hierarquias de demarcação de lugares e papéis às pessoas em desacordo às noções de gênero.

Assim, a distinção entre Público e Privado é salientada por Michelle Perrot (2005) como “categorias políticas grosseiramente equivalentes ao sexo”. Representa ainda, a expressão e meio de divisão sexual de papéis e de tarefas e reprodutora de um “real remodelado incessantemente”. Desse modo:

Enraizada no simbólico, no mental, na linguagem, o ‘ideal’, a noção de ‘profissão de mulher’ é uma construção social ligada à relação entre sexos. Ela mostra as armadilhas da diferença, inventada pela natureza e exigida em princípio organizador, em uma relação desigual (PERROT, 2005, p. 258).

Na visão de Hannah Arendt (2009) os termos Público e Privado se relacionam a importantes territórios de expressão das representações, sobretudo as que tangem à concepção de feminino e masculino nas esferas da sociedade. Ao realizar uma análise mais remota dos termos público e privado a partir da concepção grega, a autora ressalta, de um lado, o público como um meio de referência à construção da identidade e expressão do sujeito e, de outro, enquanto espaço que poderá ser escutado por todos/as, ao apresentar máxima publicidade e tornar-se comum às pessoas:

[...] o termo público significa o próprio mundo, à medida que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntica a terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos habitam o mundo feito pelo homem (...). A esfera pública, enquanto mundo comum reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer (HANNAH ARENDT, 2009, p. 62).

Sob outro prisma, o Privado é definido por Hannah Arendt (2009) como local de privação e necessidade, bem como espaço pertinente à manutenção da vida, a do labor, tido como o trabalho do próprio corpo pela sobrevivência física. Enfim, o privado, nas palavras da autora, remete aos fatos e a coisas que devem ser escondidas e ocultadas da e na sociedade.

Diante de tudo isso, há que se destacar a nítida divisão sexual do trabalho, atuante em Presidente Epitácio. Por se tratar de uma instância turística, o Município apresenta um número considerável de empreiteiras, fator que tem direcionado para a divisão das atividades “tipicamente femininas e masculinas” as mulheres e aos homens epitacianos/as.

Essa classificação pode ser observada na análise da trajetória profissional das mulheres que compõe o quadro de sócias da Associação estudada. Das 33 (trinta e três) mulheres, 04 (quatro) relataram ser a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio o seu primeiro emprego; 26 (vinte e seis) sócias, que já haviam tido empregos anteriores ao trabalho na Associação de Reciclagem, apontaram terem exercido, em sua grande maioria, atividades ligadas ao cuidado de crianças, de pessoas idosas, de domésticas ou diaristas e, por fim, 3 (três) sócias relataram terem trabalhado também em áreas não ligadas à esfera doméstica e de cuidados¹³.

Ademais, destacaram, em caráter de unanimidade, não terem apresentado plano de previdência social, ou ainda, carteira assinada, tanto em relação aos trabalhos anteriores quanto o atual da Associação. Esse fato remete a informalidade de atuação profissional em relação às mulheres entrevistadas nessa pesquisa.

No que se refere aos motivos que as levam a procurar e, sobretudo a permanecerem na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, estão a falta de possibilidades de melhores empregos com plano de previdência social e registro em carteira, o desemprego do companheiro, a necessidade de sustento financeiro dos filhos/a e o fato de “auto-reconhecerem independentes” a partir do momento em que obtêm o seu próprio dinheiro mediante o trabalho com os recicláveis.

¹³ Em indústrias frigoríficas, no trabalho de corte de cana em uma Usina de Açúcar e Alcool da região e como aprendiz profissional em supermercados do Município.

Além disso, a situação de desemprego no Município aparece como elemento fundamental para o direcionamento dessas pessoas para a atividade de catação, haja vista que o trabalho com os recicláveis se constitui em uma importante forma de obtenção de renda, que garante a sobrevivência das mulheres catadoras e de suas famílias. Esses aspectos podem ser evidenciados no depoimento de uma das mulheres entrevistadas:

A gente procura a associação devido à dificuldade, à falta de dinheiro. Tem outra coisa: Epitácio é uma cidade pequena e não tem outra coisa. Até pra trabalhar de doméstica está difícil aqui. Porque, é como elas falam: se lá está difícil e aqui está ruim, se eu for sair vai ficar pior. Antes pingar do que secar. Vai tirar de onde pra comer? Aqui, pelo menos, é pouquinho, mas tem. (M.R.P, 43 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

O fragmento da entrevista vem apontar o trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio enquanto espaço de sustento financeiro para as mulheres e para seus familiares. Ele se apresenta como alternativa de remuneração frente à insuficiência de empregos em outras áreas no Município. Ademais, a fala “é melhor pingar do que secar”, ressaltada anteriormente, permeou muitos outros momentos das entrevistas e depoimentos das sócias da Associação, ao transparecer que, apesar das adversidades presentes no trabalho com os recicláveis, ele tem garantido a sobrevivência para muitas delas.

Trata-se não de um desejo, mas do direcionamento delas para o trabalho com os resíduos sólidos, posto que, as poucas possibilidades de emprego remunerado, principalmente para as mulheres pobres e, majoritariamente, das etnias parda e negra, somado às necessidades enfrentadas por elas em relação ao sustento da família, se apresentam como fortes condicionantes para a entrada e a permanência delas na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Assim, o trabalho com os recicláveis é apontado em caráter de unanimidade pelas sócias como meio necessário ao próprio sustento e provisão financeira da família, não evidenciado, em nenhum momento das entrevistas, o investimento de desejo por parte das mulheres em tê-lo buscado como atividade remunerada para suas vidas.

Sob outro prisma, o trabalho doméstico remunerado, presente na trajetória profissional de grande parte das sócias da Associação, não se mostrou relevante em termos de reconhecimento, ou ainda, do desejo delas em voltar a desenvolvê-lo em outro momento de suas vidas. Nesse contexto, o trabalho na Associação tem se apresentado além de um importante meio de sobrevivência, a possibilidade de rompimento da ideia de “domesticidade às mulheres”, seja ela remunerada ou não, conforme assinalou uma das entrevistadas:

Trabalhei de doméstica, mas não gosto. Prefiro, mil vezes, trabalhar aqui [...] tem gente que, ainda você tem sorte de pegar uma pessoa boa para trabalhar, mas tem umas patroas enjoadas que, quanto mais você faz, acha que você não faz [...] O serviço doméstico também não é ruim não, mas eu não gosto de trabalhar como doméstica, porque eu não gosto muito de fazer o serviço doméstico, só na minha casa mesmo, só quando eu estou em casa. (E.S.P, 27 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

Nas palavras da entrevistada, o trabalho doméstico, ainda que remunerado, aparece interligado à ideia de não reconhecimento, de forma a assumir um caráter de “não trabalho”, ou ainda, de uma atividade invisível, voltada à vida privada e à noção de privacidade, conforme evidenciou os estudos de Hannah Arendt (2009).

Na prática, o que se observa é que as mulheres estão em busca de novos papéis sociais não mais calcados na esfera doméstica, de modo a estabelecerem um novo entendimento sobre si e sobre a sua participação no mundo do trabalho. Assim, o que foi “posto como verdade a ser seguida pelas mulheres” passou a ser questionado por elas, ao descobrirem que, muitos desses papéis, não preenchiam suas necessidades individuais, conforme ficou evidenciado na fala a seguir:

Antes eu era mãe, dona-de-casa e esposa. Depois separei do marido. Então, de repente, comecei, a partir da associação, catar material, pegava algum material e guardava na minha mãe. Hoje eu me habituei: eu não conseguiria, hoje, ser só mãe e dona-de-casa e não ter o trabalho da associação. (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

Pode ser percebida uma ruptura das práticas sociais relacionadas ao papel das mulheres nos espaços privado e público mediante o depoimento da entrevistada. Se antes, o casamento, o lar e a educação dos filhos definiam as mulheres como “um ser para os outros”¹⁴, a saída delas do espaço privado para o público lhes confere uma nova identidade enquanto protagonistas de sua própria história, não mais reduzida “aos outros”, mas tendo a si mesmas como finalidade da própria existência biológica e social.

Em suma, a análise das fontes mostrou uma nova face das mulheres entrevistadas, não mais confinada ao espaço doméstico, mas de pessoas ativas no mundo do trabalho não restrito ao lar. Esse fato ainda permite novos questionamentos, que serão suscitados, com maior propriedade, durante o último capítulo desse estudo.

Nessa perspectiva, Scott (1995) alerta para a necessidade de se avançar ao encontro de uma teoria que além de denunciadora, possibilite a real transformação do estatuto de vida das mulheres, estatuto esse, que ainda necessita mudanças mais concretas, sobretudo no

¹⁴ Conceito ressaltado por Michelle Perrot no texto: Os Silêncios do Corpo das Mulheres (2006).

âmbito da vida pública, lugar onde as relações de poder ganham maior força de manifestação e que pode gerar a desconstrução de velhos paradigmas.

Trata-se, pois, do que Michelle Perrot (2008) já pronunciara sobre a escrita feminina enquanto “narrativa em curso, processo histórico e acontecimento em construção” no qual, gradativamente, as mulheres, em especial, as enunciadas durante essa pesquisa, buscam construir relações mais igualitárias entre os gêneros, ao apresentarem como cenário para suas atuações o cotidiano de trabalho com os recicláveis.

Logo, estudar o cotidiano significa observar a relação entre as pessoas em um determinado território, onde se edificam as relações de poder, de comunicação, interação, conflitos e negociações. É nesse lugar que se desenvolve as diferentes práticas sociais e suas respectivas sociabilidades através dos tempos, contexto pelo qual as mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio estão a construir em meio a contradições, avanços e recuos pessoais e sociais, mas que indicam novas possibilidades no viver delas, aspectos esses que serão possíveis observar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

DA CATAÇÃO DO PRODUTO MORTO À PRODUÇÃO DO TRABALHO VIVO DAS MULHERES NA RECICLAGEM

*O catador organizado jamais será pisado!
Pela construção do Poder Popular¹⁵!*

¹⁵ Lema de Mobilização do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem – MNCR.

O segundo capítulo desse estudo propõe-se a discutir sobre a formação, trajetória e organização do trabalho desenvolvido pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, uma vez que esta tem se apresentado como importante espaço onde, as mulheres entrevistadas nessa pesquisa constroem, cotidianamente, as narrativas históricas de suas vidas.

Nessa perspectiva, busca-se entender como foram construídas as formas de gerenciamento de resíduos sólidos no Município, contempladas pela análise do antigo lixão a céu aberto, desativado no ano de 1999, até a compreensão de importantes aspectos relacionados ao trabalho feminino na Associação estudada. Abarca ainda, o papel do Poder Público Municipal na organização das atividades com os recicláveis, ao apresentar como ponto de partida, a análise das estruturas de poder – política, sexista e de classe – que engendram o cotidiano das mulheres entrevistadas.

Ademais, intenta compreender se a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio caminha em direção aos princípios do trabalho solidário ou se revela um lugar socializador, que promove a integração e a sociabilidade das catadoras nos limites físicos da reciclagem. Estes aspectos serão contemplados no diálogo com a História Oral, na produção e leitura de imagens e na análise de documentos provenientes da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, do Poder Público Municipal e de Leis advindas de importantes instâncias ambientais.

Outra vertente desse capítulo refere-se ao papel desempenhado pelas instâncias organizativas de trabalho com os resíduos sólidos. Mediante as contribuições geradas pelo Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem - MNCR e pelo Comitê Regional do Oeste Paulista, procura-se analisar como eles influenciaram (ou influenciam) a gênese e o curso de atuação feminina na Associação supracitada.

Por fim, busca-se desenvolver uma reflexão sobre como se estabelecem as representações sociais no ambiente local da reciclagem e em que sentido elas criam significados ao cotidiano das mulheres catadoras, interpelada por momentos de crise no ambiente de trabalho, superação e estabelecimento de uma memória coletiva, circunscrita sob a ótica feminina em um contexto marcado por continuidades, rupturas, resistências e projetos de uma vida melhor.

2.1 A Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: breve história

O Município de Presidente Epitácio, local onde está instalada a Associação, está circunscrito na Região do Oeste Paulista, em proximidade com os Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná. Sua população estimada é de 39.298 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 1285,2 km². Seus setores econômicos mais produtivos são o comércio e a prestação de serviços, de maneira a se apresentar também como pólo de visitação turística.

Ao ser caracterizado estância turística¹⁶, o Município desenvolveu ações de gerenciamento de resíduos sólidos em todo o seu perímetro urbano e rural. Até o mês de junho de 1999, a destinação final do lixo era realizada em um lixão a céu aberto, localizado na Avenida Marginal Juliano Ferraz Lima, a 200 metros da margem do Rio Paraná, conforme evidenciam as fotografias 1 e 2:

FOTOGRAFIA 1: Antigo lixão a céu aberto do Município de Presidente Epitácio.



FONTE: In: DAL MÁZ, 2003, p.73.

¹⁶ O Município de Presidente Epitácio recebe o título de “estância turística” devido à presença de rios, orlas, parques e demais atributos ligados à cultura e ao lazer, presentes em larga escala em todo o perímetro municipal.

FOTOGRAFIA 2: Trabalho na catação no antigo lixão a céu aberto do Município de Presidente Epitácio.



FONTE: In: DAL MÁZ, 2003, p.73.

Pode-se perceber, nas análises das fotografias 1 e 2, como era desenvolvido o trabalho na catação no Município até o ano de 1999. Ele era marcado por espaços insalubres de atuação e pela presença de homens e mulheres no contato diário e direto com o lixo. Nesse sentido, a fotografia 2 vem revelar uma simultaneidade de figuras: de um lado, o lixo, propriamente dito, e de outro, uma catadora em busca de sua sobrevivência em meio a um cenário degradante, onde sujeito e matéria morta se apresentam como extensão de um único ambiente e perpetrado por uma dupla marginalização: o descarte material e o social.

Nessa perspectiva, entende-se como definição para o termo lixão os seguintes aspectos:

Um **lixão** é uma área de disposição final de resíduos sólidos sem nenhuma preparação anterior do solo. Não tem nenhum sistema de tratamento de efluentes líquidos - o chorume (líquido preto que escorre do lixo). Este penetra pela terra levando substâncias contaminantes para o solo e para o lençol freático. Moscas, pássaros e ratos convivem com o lixo livremente no lixão a céu aberto, e pior ainda, crianças, adolescentes e adultos catam comida e materiais recicláveis para vender.

No lixão o lixo fica exposto sem nenhum procedimento que evite as consequências ambientais e sociais negativas.¹⁷

Esse método de disposição final de resíduos é o mais antigo e inadequado para a deposição do lixo gerado pela população de um município. Isto porque, além de propiciar grande dano ao meio ambiente e à saúde humana, ele se revela como espaço onde acontece a precarização ainda mais acentuada do trabalho de homens e mulheres na catação.

Assim, por razões ambientais e econômicas aconteceu, em junho de 1999, a desativação do lixão a céu aberto de Presidente Epitácio, uma vez que ele se apresentava como entrave para o desenvolvimento social e turístico do Município. Este fato tinha como justificativa a localização do lixão, situado ao lado do loteamento Portal do Lago, conjunto residencial de alto padrão, e também próximo à Associação Recreativa dos Funcionários da CESP – Companhia Energética do Estado de São Paulo – e da Orla Fluvial, um dos principais cartões postais da cidade.

Esses três fatores serviram de subsídio para a elaboração de estudos sobre novas formas de gerenciamento de resíduos sólidos em Presidente Epitácio, norteados por questões econômicas e ambientais, uma vez que o lixo do Município tinha como destino final o local próximo ao bairro onde residiam pessoas com maior poder aquisitivo e pela proximidade aos lugares que conferiam ao Município o *status* de instância turística. Nesse momento, a preocupação do Poder Público, em relação às pessoas que desenvolviam atividades no antigo lixão, ainda se apresentava de maneira secundária, se comparados aos três fatores, anteriormente mencionados.

A partir da desativação do lixão a céu aberto, a Prefeitura desenvolveu estudos para a execução de formas mais adequadas para a deposição do lixo gerado na cidade. Essas ações foram contempladas com a construção de um aterro controlado, situado na Estrada Vicinal Presidente Epitácio/Caiuá, km. 5, com área territorial de 96.800 m², local onde é realizado, atualmente, o processo de exoneração dos resíduos não-recicláveis do Município.

É preciso destacar que, com o novo sistema de gerenciamento de resíduos, ocorreu a proibição do trabalho anterior na catação, fato que provocou um problema de ordem social em relação aos catadores/as que desenvolviam essa atividade há mais de vinte anos no antigo lixão municipal. Nesse momento, a questão social despontou como uma “preocupação modesta” do Poder Público, já que, muitas pessoas, impedidas de desenvolverem suas

¹⁷ Organização Não Governamental Lixo.com. (Disponível em http://www.lixo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&jd=144&Itemid=251). Acesso em 19 de dezembro de 2010.

atividades na catação anterior, passaram a não mais terem espaços para proverem seu sustento financeiro, antes gerado pelo trabalho precário no lixão.

Com o objetivo de resolver esse impasse, a Prefeitura buscou desenvolver estudos para a implantação do Projeto de Coleta Seletiva em seu território. O primeiro passo foi a realização do cadastro das pessoas que tinham atividade no antigo lixão, os/as catadores/as, e, posteriormente, daquelas que desenvolviam as atividades de catação nas ruas da cidade, os/as denominados/as carrinheiros/as. O cadastro inicial contava com 48 nomes, sendo 20 deles carrinheiros/as e 28 ex-catadores/as das ruas da cidade.

Faz-se importante destacar que, as pessoas cadastradas para o novo sistema de gerenciamento de resíduos do Município não prosseguiram na Associação. Dentre os motivos alegados estavam a não-adaptação ao trabalho organizado sob a regência de horários e normas preestabelecidas pelo grupo. Como forma de resolver esse problema e para evitar possíveis conflitos, foi firmado um acordo entre os catadores informais e os organizados, ressaltando que o material reciclável recolhido na Avenida seria destinado somente aos/as carrinheiros/as e dos bairros residenciais do Município, aos/as associados/as da ARPE.

Nesse contexto, foi instituída, em 21 de março de 2003, a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, momento em que foram traçados seus primeiros planos de trabalho no Município e elaborado o seu Estatuto interno. Por meio do convênio com o Comitê da Bacia Hidrográfica do Pontal do Paranapanema - CBH-PP e de recursos provenientes do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo foi instalado e equipado o refeitório para os membros da ARPE e construído um barracão de 200 m² na área pública do aterro controlado, espaço cedido pela Prefeitura Municipal para a instalação da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, como demonstra a imagem 1:

IMAGEM 1: Localização via satélite do Município e da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio



FONTE: GOOGLE MAPS, 2009¹⁸.

A leitura da imagem evidencia, respectivamente, através das demarcações em preto e vermelho, a área central do Município e a localização da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, lugar onde se encontram geograficamente as mulheres integrantes dessa pesquisa. Apesar de ser disponibilizado um ônibus que leva diariamente os/as catadoras da área central da cidade à Associação, outros fatores fazem com que seja ainda significativa a distância entre eles. Trata-se de uma fronteira que perpassa os limites físicos de espaço geográfico e de territorialidade, e se constitui, sobretudo, em uma linha simbólica entre o que deve estar separado, ou seja, “o forte odor, as moscas, insetos e as pessoas que trabalham com o material descartado”, da esfera pública, a *pólis*¹⁹.

Cumprir mencionar que tanto os homens quanto as mulheres catadoras foram “dirigidos/as para esse ambiente de trabalho”, na medida em que a falta de possibilidades de emprego com garantias de estabilidade e melhores condições de trabalho e salário os/as levam a buscar na Associação uma alternativa de sobrevivência e sustento financeiro para si e para

¹⁸ Disponível em: http://maps.google.com/maps?f=q&source=s_q&hl=pt-. (Acesso em 20 de maio de 2010).

¹⁹ Em Hannah Arendt (2009) a *pólis* faz referência ao espaço de constituição do Sujeito Político – personagem de maior expressividade no âmbito da vida pública, local onde ele é escutado e visto por todos. Tal conceito foi formulado pela autora, tendo como base os pressupostos da filosofia grega.

os seus familiares. Além de serem “dirigidos/as para o trabalho na catação”, há que se considerar o local onde realizam cotidianamente suas atividades, caracterizado pelo mesmo ambiente em que está situado o aterro controlado do Município. Nele, acontece a deposição final do lixo não-reciclável, conforme evidenciam as análises das fotografias 3 e 4:

FOTOGRAFIA 3: Aterro Controlado do Município de Presidente Epitácio.



FONTE: Produzida por Luciana Codognoto da Silva em 28 de março de 2010.

FOTOGRAFIA 4: Aterro Controlado do Município de Presidente Epitácio.



FONTE: Produzida por Luciana Codognoto da Silva em 28 de março de 2010.

Nos anos de 2005 e 2006, o Índice de Qualidade de Aterro de Resíduos - IQR, avaliado pela Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental – CETESB – apontou o conceito 7,4 para o aterro controlado do Município de Presidente Epitácio. Em 2007, esse valor decaiu para 5,6 em uma escala com variação entre 0 e 10. Essas últimas demarcações demonstram a necessidade de novas medidas para melhor adequação do aterro e, principalmente, do local onde as mulheres desenvolvem suas atividades locais com os recicláveis.

A esse respeito, relatou em entrevista, o coordenador do Projeto Coleta Seletiva do Município:

Eu acho que o barracão de coleta seletiva, o local adequado é dentro do ‘aterro sanitário’ mesmo. O que precisa é que os ‘aterros sanitários’ sejam administrados de forma correta, o que não acontece [...] Para você fazer um licenciamento ambiental para um ‘aterro sanitário’, você tem que ter obrigatoriamente: uma área com alambrado, com uma portaria controlada para entrada dos veículos que vão entrar nesse ‘aterro sanitário’, para não jogar qualquer coisa, como animais mortos [...] mas acaba indo, até na própria reciclagem, por mais que a gente faça toda uma campanha ambiental, as pessoas ainda colocam restos de comida. Mais ou menos, de 8 a 10% do material que chega à Associação, não é reciclável [...]. A questão de o barracão ser junto do aterro, em minha opinião, é o ideal, mas precisa que o ‘aterro sanitário’ esteja bem administrado, porque se ele for administrado nos moldes em que foi informado para a CETESB, quando foi pedido o licenciamento, não tem problema nenhum para o catador. Porque no sistema de valas, que é a maioria no interior dos estados, o sistema de valas é uma vala que o caminhão coletor despeja o lixo nessa vala e imediatamente já passa a ser enterrado. (Antonio Domingos Dal Más. Coordenador do “Projeto Coleta Seletiva” do Município de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

Ao fazer alusão às fotografias registradas do aterro controlado do Município e ao depoimento do entrevistado, pode-se verificar as precárias e insalubres condições de trabalho, pelas quais homens e mulheres desenvolvem as suas atividades no âmbito local dos recicláveis. Assim, as sócias e os sócios encontram-se em contato com o lixo e com os fatores desencadeados por ele – fortes odores, insetos e riscos à saúde – variáveis importantes que contribuem para o agravamento da invisibilidade social e para a manutenção da precarização do trabalho nesse setor de produção.

Nessa perspectiva, faz-se necessário destacar a distinção dos termos “aterro controlado e aterro sanitário”, amplamente discutidos em momentos variados desse capítulo. Em relação ao termo “aterro sanitário”, pode-se entendê-lo como:

[...] disposição adequada dos resíduos sólidos urbanos é o **aterro sanitário** que antes de iniciar a disposição do lixo teve o terreno preparado previamente com o nivelamento de terra e com o selamento da base com argila e mantas de PVC, extremamente resistente. Desta forma, com essa impermeabilização do solo, o lençol freático não será contaminado pelo chorume. Este é coletado através de drenos de PEAD, encaminhados para o poço de acumulação de onde, nos seis primeiros meses

de operação é recirculado sobre a massa de lixo aterrada. Depois desses seis meses, quando a vazão e os parâmetros já são adequados para tratamento, o chorume acumulado será encaminhado para a estação de tratamento de efluentes. A operação do aterro sanitário, assim como a do aterro controlado prevê a cobertura diária do lixo, não ocorrendo à proliferação de vetores, mau cheiro e poluição visual²⁰.

Durante as entrevistas, observou-se que tantos os sócios/as quanto o Poder Público de Presidente Epitácio nomeavam o aterro controlado do Município como “aterro sanitário”. Tendo em vista esses fatores, optou-se por enfatizar a distinção entre esses dois termos, segundo definições de importantes instâncias ambientais. A partir delas, salienta-se que o Município de Presidente Epitácio dispõe somente do aterro controlado, caracterizado por ser um empreendimento intermediário entre o lixão e o aterro sanitário. Ele recebe essa denominação por não contemplar todas as exigências de controle de impermeabilização do solo para a deposição final do lixo, embora se apresente de maneira compensatória em termos econômicos e ambientais, quando bem gerido pelo Poder Público Municipal.

Nesses termos, entende-se como definição para o conceito aterro controlado, os seguintes aspectos:

[...] o **aterro controlado** é uma fase intermediária entre o lixão e o aterro sanitário. Normalmente é uma célula adjacente ao lixão que foi remediado, ou seja, que recebeu cobertura de argila, e grama (idealmente selado com manta impermeável para proteger a pilha da água de chuva) e captação de chorume e gás. Esta célula adjacente é preparada para receber resíduos com uma impermeabilização com manta e tem uma operação que procura dar conta dos impactos negativos tais como a cobertura diária da pilha de lixo com terra ou outro material disponível como forração ou saibro. Tem também recirculação do chorume que é coletado e levado para cima da pilha de lixo, diminuindo a sua absorção pela terra ou eventualmente outro tipo de tratamento para o chorume como uma estação de tratamento para este efluente²¹.

Portanto, o fator “controlado” deve permitir o cumprimento dos padrões mínimos de não exposição de resíduos, de forma a já serem cobertos após a sua deposição no solo. Nesse sentido, a análise das fotografias 4 e 5 demonstraram que o aterro controlado do Município não tem recebido o tratamento adequado para o seu funcionamento e, principalmente, para se encontrar situado na mesma localidade, a quatro metros, do ambiente onde os homens e as mulheres da ARPE realizam as suas atividades.

²⁰ Organização Não Governamental Lixo.com. (Disponível em http://www.lixo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&jd=144&Itemid=251). Acesso em 19 de dezembro de 2010.

²¹ Idem

Tendo em vista esses aspectos, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente de São Paulo vinculada à CETESB – Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental – estabelece o seguinte parecer sobre a disposição de resíduos sólidos nos municípios:

Cabe às prefeituras e administradores de aterro manter fiscalização intensiva para barrar a presença de catadores, que é proibida nestes locais, pois além de dificultar o bom andamento dos trabalhos nos locais correm riscos de acidentes. Além de infecções e doenças provenientes do lixo, a circulação de tratores e caminhões nos aterros é grande e podem provocar acidentes graves, com a circulação indevida dos catadores, principalmente crianças (Parecer sobre a Disposição de Resíduos Sólidos nos Municípios do Estado de São Paulo – SP. Secretaria de Estado de Meio Ambiente de São Paulo)²².

Em consonância a esses fatores, o Código Sanitário do Estado de São Paulo prevê que:

[...] qualquer sistema individual ou coletivo, público ou privado, de geração, armazenamento, coleta, transporte, tratamento, reciclagem e destinação final de resíduos sólidos de qualquer natureza, gerados ou introduzidos no Estado, estará sujeito a fiscalização sanitária competente, em todos os aspectos que possam afetar a saúde pública. Os projetos de implantação, construção, ampliação e reforma de sistemas de coleta, transporte, tratamento, reciclagem e destinação final de resíduos sólidos deverão ser elaborados, executados e operados conforme normas técnicas estabelecidas pela autoridade sanitária competente, nesse caso, a CETESB. (Código Sanitário do Estado de São Paulo. Título I. Seção II - Dos Resíduos Sólidos)²³.

Assim, os órgãos fiscalizadores do Estado de São Paulo, em conformidade com as legislações vigentes sobre a disponibilização dos resíduos sólidos dos municípios, apontam para a necessidade de que sejam criadas novas medidas de gerenciamento e adequação de tratamento do lixo nas cidades, bem como de melhores condições de trabalho para as pessoas que atuam na cartografia dos recicláveis.

Nesse sentido, ficaram ratificadas nos textos de ambas as legislações, da CETESB e do Código Sanitário do Estado de São Paulo, a responsabilidade conferida ao Poder Público Municipal no tratamento adequado dos resíduos gerados em todo o seu perímetro urbano e rural, cabendo às Prefeituras, ações e medidas de fiscalização de possíveis infrações ambientais e sociais, sobretudo no que diz respeito à presença de pessoas em áreas dos aterros controlados ou sanitários.

Em âmbito Federal, a Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos e confere aos municípios, a responsabilidade quanto ao destino

²² Disponível <http://www.cetesb.sp.gov.br/Solo/residuos/historico.asp>. (Acesso em 19 de dezembro de 2010).

²³ Disponível em <http://www.cetesb.sp.gov.br>. (Acesso em 20 de dezembro de 2010).

e o gerenciamento adequado do lixo produzido em todo o seu perímetro territorial. Segundo a referida Lei:

Os aterros sanitários são feitos exclusivamente às custas do Município. São, portanto, e à primeira vista, bens públicos municipais de uso especial. O produto depositado nestes locais é, também, e como não poderia deixar de ser, bem público municipal, proveniente da coleta de coisas abandonadas, jogadas fora (Artigo 3 da Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010)²⁴.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a responsabilidade pelo destino e tratamento final dos resíduos gerados pela população de um município é, como qualquer outra produção, um bem público municipal. Assim, os apontamentos transmitidos por instâncias, como a CETESB e as referidas leis, chamam a atenção para a resolução de problemas ambientais e, sobretudo, sociais que o lixo poderá trazer às pessoas ligadas a esse cenário.

Tendo em vista esses fatores, a CETESB tem procurado levar os municípios do Estado de São Paulo a assinar Termos de Ajustamentos de Conduta – TACs, visando estabelecer formas e destinos mais adequados aos resíduos descartados. Logo:

Os (TACs) são títulos executivos extrajudiciais que são estabelecidos de comum acordo com as administrações municipais, definindo prazos e atividades a serem realizadas pelos municípios, para a regularização ambiental das instalações de destinação de lixo em operação (CETESB, 2002, p. 10).

De maneira geral, as TACs buscam proporcionar às Administrações Municipais procedimentos e ações de regulamentações das formas pelas quais se realiza o destino final do lixo nas cidades. No percurso das entrevistas com uso de História Oral com as sócias/os e o Poder Público Municipal, foram percebidos que, a aplicação dos Termos de Ajustamento de Conduta levou a Prefeitura de Presidente Epitácio à desativação do lixão a céu aberto, no ano de 1999 e, a partir disso, a construção do aterro controlado, local onde, atualmente, é realizada a exoneração dos materiais não-recicláveis do Município.

Nesse sentido, há que se destacar que, embora a TAC tenha tido um importante papel na ruptura das antigas formas de gerenciamento do lixo em Presidente Epitácio e também nas novas configurações percebidas durante essa pesquisa em relação à formação da Associação, ela ainda está longe de se apresentar como projeto político-social que leve em conta a situação histórica e cultural do/a catador/a na sociedade local.

A esse respeito, Gonçalves (2006) alega que os/as catadores/as, muitas vezes, são colocados à margem dos debates e ações de adequação das formas de gerenciamentos de

²⁴ Disponível em http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei12.305-2010?OpenDocument. (Acesso em 18 de dezembro de 2010).

resíduos sólidos, em grande parte dos municípios brasileiros. Em relação às sócias/os da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio este fato não se mostra como algo novo, a partir do momento em que se compreende que eles e elas foram “colocados” no mesmo espaço onde está situado o aterro controlado, uma vez que não participaram do projeto de implantação da área do aterro e do local onde realizam os seus trabalhos.

Quando questionados a esse respeito, as sócias e os sócios relataram, em grande parte, ser esse um problema de localização, distância física, financeiro ou de saúde pública, conforme pode ser evidenciado nos depoimentos de duas mulheres entrevistadas:

Olha, a gente até comenta que fizeram o barracão distante da cidade [...] A gente sempre reclamou nesse ponto, mas na época que eles fizeram o projeto, colocaram junto com o ‘aterro sanitário’ [...] O aterro é ao lado do barracão, para nós há uma dificuldade muito grande porque a gente acaba tirando do dinheiro de despesa da Associação para pagar moto-táxi. Tem três meses que a gente pagou R\$ 1.029 reais de moto de pessoas que vem doente, que passa mal ou quando precisa ir para o barracão é a despesa que a gente tira do próprio pessoal (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

Tem vários pontos, por ser no mesmo espaço facilita o depósito dos rejeitos no aterro. Em questão de saúde, o cheiro do aterro é muito mais forte que o do reciclável. Tem dia mesmo que, quando chove muito, quando a vala está aberta até a máquina ir lá para aterrar o cheiro é muito forte (M.R.P, 43 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

No primeiro depoimento, as questões que fazem referência à localização da Associação mostram-se vinculadas à distância e ao aspecto econômico. Já no segundo, pode ser evidenciada a preocupação com a qualidade de trabalho e sua ligação com os possíveis problemas de saúde, ocasionados pela má-disposição do aterro. De fato, as combinações das narrativas vêm demonstrar o receio dessas pessoas em perder o pouco que se tem – os ganhos financeiros gerados pela Associação – e o bem maior da vida humana – a saúde física – de forma a surgir, esporadicamente, a questão social do trabalho e as condições por ele propostas nas preocupações das/os sócias/os da ARPE.

De forma geral, a disposição do aterro controlado no mesmo espaço onde está localizado o barracão da Associação, não foi percebida como uma questão relevante para as mulheres e os homens da ARPE. Quando indagados/as a esse respeito, a maioria dos/as entrevistadas/os alternava suas narrativas em duas frases: “Eu não consigo responder”, ou “Não vejo como um grande problema”. Em apenas uma das entrevistas, um dos homens sócios expressou-o como uma questão social:

É afastado [...] é deselegante, até desumano, porque aqui nós corremos vários tipos de riscos: é cobra, aranha, escorpião. Têm o lixo, a sujeira, os animais. A gente corre riscos. Ficamos desprotegidos. Uma falta de respeito pelo ser humano (W.D.T, 26 anos. Sócio da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

Das irregularidades percebidas nos locais de manuseio dos recicláveis, a presença dos/as catadores/as em ambientes insalubres mostra-se como uma anormalidade muito antiga e, ao mesmo tempo, atuante e difícil de ser desvinculada do contexto da reciclagem. Essa realidade se mostra presente em grande maioria dos municípios brasileiros, em especial, aqueles que fazem referência à Região do Oeste Paulista. Na entrevista, esses fatores estão enfatizados no “correr riscos”, vinculados à saúde e ao reconhecimento da falta de condições mínimas para a realização do trabalho no âmbito local dos resíduos sólidos.

Sob outro prisma, há que se registrar que, de 8 a 10% dos materiais recolhidos pela ARPE, são resíduos impróprios para serem reciclados. Dentre esses resíduos estão o isopor, não comercializado pela Associação e os produtos em estado de putrefação: animais mortos, restos de comida, “bitucas” de cigarro, fraldas descartáveis e produtos de higienização íntima, já utilizados. Esses fatores estão exemplificados no depoimento de uma das entrevistadas:

A sociedade não vê assim. Ela acha que você trabalha com lixo porque você está suja, que você pegou em uma sujeira maior ali. Eles confundem a gente com o lixo e mal sabem que eles que colocam coisas sujas no material: fralda descartável, e a gente sabe que isso é lixo e a gente acaba pegando e não falando nada pra eles. Isso não é falta de conscientização, eu levo mais para o lado da humilhação, porque se eu coloco certa sujeira dentro do material reciclável e o meu vizinho coloca tudo limpinho, porque eu conscientizei esse e aquele não, se os dois foram avisados? Então, é a forma de pensar de cada um (S.S.R, 31 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

A narrativa de uma das sócias da Associação permite aferir que, apesar do alcance de 75% de adesão da população epitaciana ao Projeto Coleta Seletiva, muitos caminhos ainda se fazem necessários a percorrer nessa mesma direção. Caminhos que devem ser trilhados rumo a melhores condições de trabalho e, sobretudo, de participação social a essas pessoas. Mesmo com todos os esforços destinados à campanha de educação ambiental no Município, “a conscientização” mostra-se ainda como conquista a ser atingida, em longo prazo, pela Associação. Já a humilhação, apontada pela entrevistada, é percebida como decorrente da não separação do material – lixo e reciclável – amplamente apontada pelas sócias e os sócios em momentos variados das entrevistas.

Em Presidente Epitácio, o material reciclável é recolhido pela ARPE uma vez por semana no perímetro urbano – em cada casa de um determinado bairro – e a cada quinze dias nas áreas rurais, mediante a troca dos sacos verdes. No barracão, os resíduos passam por uma

triagem e, logo após, são separados. Outra parte, como os plásticos, alumínio e os metais são prensados e estocados em cargas para o carregamento e venda do que foi coletado mensalmente pelas/os sócias/os no Município.

Apesar de todo o trabalho de educação ambiental realizado nos bairros e de porta em porta pelos/as associados/as, com a distribuição de panfletos explicativos e a participação da população em palestras ministradas por professores/as e estudantes envolvidos durante o momento de instituição da Associação no Município, nem todos/as os/as moradores/as das áreas onde há o serviço de coleta seletiva fazem a separação criteriosa de seus resíduos. Conforme ressaltado anteriormente, de 8 a 10 % do material destinado à reciclagem, fazem referência aos produtos não-recicláveis ou em estado de deterioração.

Dentre os materiais recolhidos pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, em grande número e possíveis de serem reciclados e comercializados estão: o plástico, o papelão, o vidro, os metais e o alumínio. Eles estão representados pelos seguintes produtos: as garrafas pet, caixas de leite longa vida, enlatados, materiais plásticos, cobre e os papéis e papelão, recolhidos em grande quantidade. Há, ainda, resíduos provenientes de alguns comércios, hotéis e pousadas da região que geram um aumento nos rendimentos dos sócios e das sócias da Associação por serem recolhidos em maior proporção.

Em síntese, pode-se afirmar que a Associação tem propiciado a mudança na situação ambiental do Município, ao instituir um novo elemento no circuito econômico local da coleta e comercialização de resíduos recicláveis. Contudo, ela ainda não tem encontrado maneiras de ir além dessa nova forma de organização do trabalho, a qual tende a perpassar a visão de reciclagem enquanto uma questão ambiental ou de ganhos simbólicos e financeiros ao Poder Público e/ou às pessoas que sobrevivem da coleta e da venda desses materiais.

É preciso pensar esse local de atuação como um importante ponto social que abriga e, ao mesmo, marginaliza os/as catadores/as, na medida em que demarca espaços desprestigiados, mas necessários ao sustento de homens e mulheres da Associação. Nessa perspectiva, entende-se que esses novos sujeitos partem de ações coletivas e de caráter reivindicatório em busca de melhores condições de trabalho e vida, de maneira a constituírem novos pertencimentos sociais.

2.1.1 A Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: trabalho solidário ou sociabilidade no trabalho?

A Economia Solidária caracteriza-se por ser um modelo diferenciado daquele proposto pela lógica capitalista de produção, uma vez que, ela tem, como um de seus pressupostos, a valorização da pessoa humana e o combate à competição individualista. Entretanto, foram constatados, durante essa pesquisa, importantes conceitos que ora convergem, ora divergem de muitos princípios seguidos pelo trabalho solidário. Nessa perspectiva, pergunta-se: A Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio tem como base de seu trabalho os pressupostos advindos da Economia Solidária ou ela tem se caracterizado enquanto local de trocas dialógicas, atuando sob a forma de sociabilidade no trabalho?

Diante desse contexto, Singer (2005) caracteriza a Economia Solidária como fonte de cidadania fundamentada nos direitos humanos, nos valores culturais, sociais e ambientais. Sendo ela baseada no princípio da equidade da riqueza produzida, suas práticas visam transformar o econômico em social, ao apresentar como finalidade a participação da sociedade nas relações de produção e organização da riqueza.

Esse novo modelo de trabalho surgiu no Brasil em resposta à crise de 1980, momento em que muitas indústrias entraram em processos de falência, o que resultou no aumento considerável do desemprego no país. A questão crucial desse processo estava em levar aos trabalhadores/as os princípios solidários no sentido de possibilitar-lhes à igualdade no mundo do trabalho, expresso pelo direito ao voto individual, poder de decisões em grupo e a participação direta nas relações trabalhistas.

Nessa perspectiva, o termo Economia Solidária pode ser entendido a partir das contribuições de Singer:

A Economia Solidária surgiu historicamente como reação contra as injustiças perpetradas pelos que impulsionaram o desenvolvimento capitalista. Foi assim desde a Primeira Revolução Industrial e continua sendo hoje, quando o mundo passa pela terceira crise. A Economia Solidária não pretende opor-se ao desenvolvimento, que mesmo sendo capitalista, faz a humanidade progredir. O seu propósito é tornar o desenvolvimento mais justo, repartindo seus benefícios e prejuízos de forma mais igual e menos casual (SINGER, 2004, p. 11).

Considerando essas concepções, a Economia Solidária aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável, com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante o crescimento econômico compartilhado pelos seus participantes, sem distinção de gênero,

idade e etnia, o que significa considerar o ser humano em sua integralidade, como pessoa e finalidade das atividades econômicas.

Para Sousa (2008) esta nova forma de organização do trabalho passou a ganhar espaço social na medida em que se buscou alternativas de superação da crise, provocada pelo desemprego. Nestes termos, a concepção teórica de Economia Solidária começou a despontar no Brasil durante a década de 1980, sendo prioritariamente consolidada na segunda metade dos anos 90, momento em que houve a sua disseminação nos debates sociais e políticos em relação às novas formas de organização do trabalho.

Há que se destacar que essa onda solidária ganhou impulso no Brasil durante o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva que institucionalizou, a partir de seu primeiro mandato, uma política centrada nos pressupostos de uma economia voltada ao social. Com o objetivo de possibilitar a divulgação e o desenvolvimento da Economia Solidária no país, foi instituída, pelo Governo Federal, a Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, tendo como diretor responsável o economista Paul Singer e, em 2003, foi criado o Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. A partir desse momento, essa nova forma de organização passou a alcançar um *status* de política pública no Brasil.

A criação do SENAES, pelo Governo Federal, fez referendar os encaminhamentos que vinham sendo conduzidos no âmbito social, uma vez que, anterior a esse período, as iniciativas de uma economia voltada à erradicação da pobreza passaram a ganhar impulso no país frente as ações de vários segmentos e grupos sociais, entre eles: os Movimentos Populares, Ongs, Igrejas e Incubadoras que apoiavam, dentre outras possibilidades, a constituição e a articulação de debates e estratégias de combate ao desemprego, de incentivo à geração de emprego e renda e, sobretudo de promoção de ações políticas contra a denominada “vulnerabilidade social”. Logo, esse setor tem se constituído em uma importante resposta da sociedade às mudanças nas relações de trabalho, disseminadas pela lógica capitalista.

É necessário destacar que o meio acadêmico também se mobilizou em torno da discussão dos pressupostos solidários, que repercutiu na instituição, em 1990, da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – ITCPs. Esse empreendimento tinha como objetivo assessorar as camadas pobres da sociedade através da formação, capacitação e inserção de cooperativas e associações em distintos ramos no mercado de trabalho brasileiro. As ITCPs estavam integradas à Unitrabalho – Fundação voltada à Assessoria e aos Estudos do Movimento Operário no Brasil e encontram-se

vinculadas, atualmente, à Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Mundo do Trabalho.

Destarte, entidades, como: a Cáritas, vinculada ao órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, a Federação das Cooperativas de Trabalho – Fetrabalho e a Fundação de Órgãos para a Assistência Social e Educação – FASE, no estado do Rio de Janeiro mostraram-se como órgãos essenciais para a difusão da Economia Solidária no país. Em relação aos movimentos sindicais que apoiaram os empreendimentos solidários encontram-se: a Unisol, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e a Agência de Desenvolvimento Solidário – ADS, da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

Assim, ao ser realizada a explanação sobre a teoria e a prática da Economia solidária em meio a um contexto histórico e socialmente constituído, esses fatores permitirão aferir sobre alguns encaminhamentos efetivados em relação às formas de trabalho atuantes na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Primeiramente, serão realizadas análises de pontos importantes dessas reformulações, haja vista que, a concepção teórica sob a qual fundamenta essa pesquisa, colide com muitos dos pressupostos solidários, amplamente percebidos em momentos variados dos depoimentos das/os entrevistadas/os.

Em princípio, pode ser percebida a desvinculação às características de Economia Solidária, ao se fazer menção ao processo de formação e estruturação da Associação de Reciclagem em Presidente Epitácio. Em entrevista, o coordenador do Projeto Coleta Seletiva do Município destacou que:

A excelência aqui da coleta seletiva é justamente o apoio do Poder Público Municipal aos catadores. São poucos os municípios que dão apoio como a Prefeitura de Presidente Epitácio dá. **Além da Prefeitura de Presidente Epitácio ter formado esse sistema, porque ele foi feito meio que na contramão: a formação natural de uma cooperativa ou associação de catadores são eles se organizarem e depois procurar o Poder Público para pedir ajuda.** Aqui, em Presidente Epitácio, aconteceu o contrário: o Poder Público Municipal que procurou os catadores para serem parceiros, inclusive até na formação da personalidade jurídica deles, contribuindo, até hoje, mediante o custeio de despesas mensais da Associação (Antonio Domingos Dal Más, coordenador do “Projeto Coleta Seletiva” do Município de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2010, no Complexo Administrativo Municipal de Presidente Epitácio – SP/ grifo nosso).

A partir da entrevista ficou evidenciado o papel do Poder Público Municipal no processo de constituição e estruturação do trabalho desenvolvido pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Esse fato está consolidado em um termo de parceria/convênio entre ambas as partes, Prefeitura e Associação de Reciclagem, expresso na Lei Municipal nº 2.023/2006, aprovada pela Câmara de Vereadores do Município e sancionada pelo prefeito José Antonio Furlan, em 14 de junho de 2006.

A análise do documento municipal ratifica que: “O presente convênio objetiva oficializar as obrigações e responsabilidades das partes conveniadas no sistema de coleta seletiva de lixo no município de Presidente Epitácio” (Minuta da Lei Municipal nº 2.023/2006, de 14 de junho de 2006. Cláusula Primeira - Do Objeto. p. 01).

Nessa perspectiva, o termo de parceria/convênio estabelece, na Cláusula Segunda da Lei Municipal nº 2.023/2006, os seguintes pontos referentes às atribuições do Poder Público local:

- I - Concessão de uso para a ARPE do Barracão de Triagem, 2 (duas) prensas hidráulicas, 1 (uma) esteira de catação, refeitório com todos os seus equipamentos, balança para caminhão e triturador de galhadas, localizados no aterro sanitário e uma sala com linha telefônica (ramal) no Complexo Administrativo da Rua São Paulo;
- II - Fornecimento de água potável (poço semi-artesiano já existente);
- III - Fornecimento de energia elétrica para o barracão, refeitório, balança e triturador de galhadas;
- IV - Fornecimento de um caminhão Truck com motorista para transporte dos materiais recicláveis para o Barracão de Triagem;
- V - Fornecimento dos sacos plásticos, com capacidade para 100 litros, na cor verde, conforme a necessidade (aproximadamente 45.000 por mês);
- VI - Campanhas de educação ambiental na rede de ensino e veículos de divulgação;
- VII - Confecção de folders, banners ou outros materiais de divulgação do sistema de coleta seletiva;
- VIII - Ajuda de custo em viagens para capacitação dos membros da ARPE ou palestras em outros municípios, desde que sejam de interesse mútuo;
- IX - Transporte dos membros da ARPE (ida e volta) para o Barracão de Triagem no aterro sanitário, de segunda-feira a sábado;
- X - Apoio dos técnicos da Prefeitura no que for possível e necessário para o bom funcionamento do sistema;
- XI - Manutenção das instalações prediais e dos equipamentos desde que não sejam danificados por dolo (Cláusula Segunda – Das Obrigações da Conveniente. Lei Municipal nº 2.023/2006, de 14 de junho de 2006. p. 01/02).

Em relação às atribuições referentes à Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, pode-se verificá-las na análise do Artigo 4 do Estatuto da ARPE, de 21 de março de 2003, que prevê os seguintes pontos sobre o trabalho de homens e mulheres na coleta seletiva do Município:

- I - desenvolver sistema de coleta seletiva de resíduos;
- II - promover o voluntariado;
- III - sistema complementar e alternativo de assistência social;
- IV - desenvolver atividades de beneficiamento, processamento e tratamento de resíduos;
- V - desenvolver as atividades e unidades de produção e trabalho junto as associação de bairro e comunidades carentes;
- VI - integrar as atividades com demais instituições do terceiro setor;
- VII - desenvolver modelo de sustentabilidade;
- VIII- organizar atividades como: treinamentos, cursos, seminários, feiras, exposições, desfiles e eventos;
- IX - desenvolver programas de apoio aos profissionais;
- X - proteção ao meio ambiente;
- XI - coleta e trabalho com resíduo industrial;

XII – desenvolver atividades de alfabetização de adultos;
XII – Apoiar e desenvolver atividades desportivas e de lazer (Artigo 4 – Das Finalidades da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Estatuto da ARPE, elaborado em 21 de março de 2003. p. 02).

Desse modo, é possível perceber a via de contramão aos pressupostos da Economia Solidária em relação à formação e à configuração do trabalho desenvolvido na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, uma vez que, os empreendimentos nela realizados, não se apresentam de forma autônoma, mas, dependentes, principalmente dos recursos financeiros lá aplicados pela Gestão Pública Municipal. Estes aspectos foram observados durante as entrevistas, quando as sócias e os sócios relataram as dificuldades geradas pela falta de condições materiais e físicas de trabalho no manuseio dos recicláveis. A esse respeito, assinalou um dos entrevistados:

A gente faz um serviço que é bom pra sociedade. Ajuda a Prefeitura, apesar de que, a Prefeitura não ajuda muito a gente. A gente está só com uma prensa, a outra está quebrada; tem umas três semanas que está quebrada. A gente liga lá pede pra vir, mas eles não vem arrumar. Esse mês passado já atrasou o pagamento, esse mês vai atrasar também, com uma prensa só, não dá conta (E.R.F, 39 anos. Sócio da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

Nas palavras de Sousa, os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria “[...] não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos em ação” (SOUSA, 2008, p. 56). Desse modo, afirma-se o contraponto às ideias apregoadas pela Economia Solidária em relação à narrativa do entrevistado, na medida em que a falta de condições materiais de trabalho e, conseqüentemente, o apoio externo advindo da Prefeitura de Presidente Epitácio auxiliam no processo de obtenção de renda dessas/es trabalhadoras/es e não a alteração das correlações de força existentes no mercado de trabalho local dos recicláveis.

Considerando esses aspectos, faz-se importante salientar as palavras de Singer (2005) acerca da Economia Solidária. De acordo com o autor, essa nova prática busca resgatar a unidade do processo de produção, onde os/as trabalhadores/as seriam proprietários/as dos meios que utilizam para a realização de seus trabalhos. Ademais, ela apresenta, como um de seus princípios, a autonomia, possibilitando às pessoas e aos grupos marginalizados construir seus próprios caminhos, rumo ao desenvolvimento de uma sociedade mais democrática.

Ao se fazer menção à autogestão, pode-se ressaltar uma ruptura aos princípios de “Propriedade coletiva dos bens de produção” e de “Dimensão econômica”, enquanto características da Economia Solidária vinculada à Associação estudada, já que o trabalho

solidário tem como meta fundamental propiciar a independência dos/as trabalhadores/as, de modo a fazerem deles/as os/as próprios/as donos/as dos meios de produção e finalidade das atividades econômicas.

De acordo com o documento analisado, ficou evidenciado que os princípios solidários, em relação à Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, ainda não conseguem adentrar o espaço perpetrado pela dimensão econômica. Esse aspecto não faz referência somente à Associação estudada, como também aos grupos de catadores/as em geral, uma vez que necessitam de apoio financeiro para gerir suas atividades com os recicláveis. Tal apoio é estabelecido, em grande parte, por ações de Universidades, Igrejas e Ongs. Nessa pesquisa, essas ações ganham forma sob um termo de parceria/convênio, cabendo ao Poder Público Municipal o custeio de grande parte dos insumos gerados pela Associação e esta, por sua vez, a realização da coleta e a comercialização dos resíduos sólidos no perímetro territorial do Município.

Portanto, é nesse jogo de forças que tendem a desaparecer os laços da solidariedade, tanto na organização geral quanto local do trabalho na catação. Apesar de a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio se constituir como instituição juridicamente legalizada mediante o número de Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ – e da elaboração e seguimento de um Estatuto que rege a organização do trabalho local e interno com os recicláveis, a autogestão, enquanto princípio solidário e também lema amplamente mencionado pelas sócias e os sócios, que esbarra no aspecto financeiro, marca do capitalismo. Assim, o termo de parceria/convênio firmado entre Prefeitura Municipal e ARPE deveria permitir aos/as associadas/os uma maior autonomia no trabalho, o que, de fato, não acontece, por se tratar de uma estrutura complexa e que estende a sua territorialidade para além da questão social.

Em suma, trata-se de um grupo específico de trabalhadores/as que se apresenta no mercado de trabalho desprovidos/as de capital, mas como uma importante marca que caracteriza as suas atuações na catação, a força de trabalho. Assim, a falta de dinheiro, a ausência de infraestrutura e os baixos rendimentos financeiros tornam-se fatores essenciais para a mobilização coletiva desses/as trabalhadores/as. Por meio do trabalho em grupo, essas pessoas buscam novas formas de lidar com a desigualdade social, tornando-se um espaço de entendimento da realidade em que estão inseridos, de maneira a darem importantes passos rumo a desmitificação das armadilhas e artimanhas geradas pelo sistema capitalista.

No que diz respeito às experiências de organização interna da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, pode-se afirmar a existência de relações mais solidárias entre seus membros, mediante a importância dada ao coletivo, à compreensão dos diferentes limites físicos que cada associada/o apresenta com relação à execução do trabalho e a “repartição dos ganhos e não ganhos”²⁵.

Outro ponto significativo refere-se às atividades geridas pela Associação. Nessa perspectiva, destaca-se a formulação do Estatuto elaborado pelas sócias e os sócios, contendo as normas e os regimento norteadores das atividades do grupo como movimento social e espaço de trabalho, segundo demonstra a fotografia 5:

FOTOGRAFIA 5: Quadro confeccionado pelas sócias/os contendo os princípios norteadores de trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.



FONTE: Produzida por Luciana Codognoto da Silva em 23 de abril de 2010.

Na análise da fotografia 5, pode ser evidenciado importantes aspectos ligados à organização solidária, expressos nas frases que evidenciam o “Companheirismo”, o “Trabalho Coletivo”, a “Participação”, a “Compreensão” e a “Democracia”. Ao mesmo tempo, o quadro apresenta uma orientação severa e tradicional, como aquela expressa nas frases: “Não falte, pois sua falta pode não fazer falta”; “Não devemos desacatar líderes de atividades”; “Não

²⁵Nesse ponto, constatou-se uma divergência: trata-se da divisão sexual do trabalho, presenciada entre as sócias e os sócios da Associação e que contribui para a discrepância salarial entre eles a partir de uma perspectiva de gênero. Esses aspectos serão enfatizados ao longo do terceiro e último capítulo dessa pesquisa.

devemos enrolar no trabalho” e “Não devemos chegar atrasado”, estabelecendo, por conseguinte, uma ambiguidade na construção desses termos, que denotam o desejo e também a dificuldade dessas/es trabalhadoras/es em superar as formas de trabalho pautadas no sistema capitalista.

Nesse contexto de buscas pela sobrevivência e visibilidade social, essas trabalhadoras têm procurado se organizar através de grupos, ou ainda, em associações e cooperativas que primam pelo trabalho de coleta e triagem de materiais recicláveis, às vezes, aliado a Programas de Coleta Seletiva, como presenciou o caso estudado. Somando-se a isso, há que se destacar o papel essencial do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem na estruturação e organização do trabalho de pessoas e grupos ligados às experiências de coleta e comercialização de resíduos sólidos em todo o país, em especial da Associação apresentada nesse estudo. Neste caso, institucionalizar-se pressupõe mais que documentar-se. Implica a construção de um lugar que seja comum a um grupo de pessoas, até então, em estado de marginalização e invisibilidade social. Sendo assim, o Estatuto da ARPE permite aos/as seus/suas associados/as uma ação política organizada no cenário proposto pela lógica capitalista.

Ademais, outro ponto importante, apontado no quadro anterior, refere-se aos tópicos “não fazer sexo no horário de trabalho” “e álcool e drogas”. Quando questionadas a esse respeito, as entrevistadas relataram terem presenciado, no início de seus trabalhos na Associação, cenas envolvendo relações sexuais – hetero e homossexuais – entre parceiros/as de atividades no ambiente de trabalho da Associação. Quanto ao uso de drogas e álcool, pode-se dizer que tais comportamentos foram recorrentes entre as mulheres e, sobretudo entre os homens da ARPE. Segundo relatos da presidente da Associação, muitos sócios compareciam ao ambiente de trabalho sob efeitos de drogas e álcool. Esses fatores serviram de subsídio para a elaboração de normas de conduta dos associados/as da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, culminando em pontos específicos de comportamento aceitáveis e/ou reprováveis no ambiente de trabalho, segundo consta do Estatuto da Associação e, mais especificamente, pode ser observado no quadro confeccionado pelas sócias/os, apontado na análise da fotografia anterior.

Em relação ao princípio da solidariedade, ele se expressa nessa pesquisa mediante a contemplação do trabalho como espaço de manifestação real de vida dessas trabalhadoras. Em suma, ele se apresenta não somente como um meio para se conseguir viver, mas passa a ser um elemento de revelação da vivência cotidiana delas no manuseio dos recicláveis. Nesse

ambiente são construídas relações de identificação, ao compartilharem experiências, comungarem desejos e lutarem por melhores condições de vida, segundo evidencia o depoimento a seguir:

Tem gente aqui que não tem o que comer (chorou). Porque é duro você não ter o que comer, olhar dentro da marmita do outro e ver só arroz puro, não ter nenhum ovo. Acho que isso faz a gente se apegar aqui: ver as dificuldades e passar todo mundo junto (M.R.P, 43 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

Percebe-se que as mulheres catadoras recriam o espaço de trabalho grupal a partir das necessidades surgidas na adesão a um código que delimite seu grupo de referência. Nesse caso, a Associação da qual fazem parte se apresenta como sendo um lugar de existência não somente das mulheres, como também busca fomentar novas forças produtivas e novas relações de produção. Nessa perspectiva, as mulheres entrevistadas buscam, mediante os seus trabalhos na Associação de Reciclagem, justificar, legitimar e dar sentido a todos os seus esforços na busca por dignidade, o que significa “ter o que comer e, sobretudo o que ser enquanto pessoas e grupo social”.

Nesse sentido, a identificação surge como elemento fundamental na organização e estruturação do trabalho desenvolvido pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, uma vez que é na coletividade que as sócias e os sócios se deparam com os mesmos objetivos em relação à busca pelo sustento de si e da família, bem como da propagação de esforços rumo a melhores condições de vida e visibilidade social.

No que diz respeito à realização de cursos e treinamentos sobre os pressupostos disseminados pela Economia Solidária, foram evidenciados que os mesmos acontecem mediante a ação do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem, em parceria com o Comitê Regional do Oeste Paulista, do qual a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio integra desde o ano de 2003.

Assim, faz-se importante destacar que somente as mulheres que ocupam cargos de liderança na ARPE apresentam um contato e um aprofundamento mais íntimo com os pressupostos do trabalho solidário. Em eventos e seminários organizados pelo MNCR ou/e pelo Comitê Regional, duas sócias, representadas pela presidente, tesoureira e/ou secretária comparecem aos cursos, sendo responsáveis, posteriormente, em repassar as informações às demais mulheres e homens da Associação. Entretanto, quando questionados/as a respeito do que consistia ser a Economia Solidária e sobre a sua aplicabilidade nesse setor de produção, muitos sócios e sócias relataram “não saber responder sobre esses assuntos”. Ademais, os

membros com menor tempo de atuação na Associação (até um ano) afirmaram, em caráter de unanimidade, “não terem ouvido falar sobre o tema Economia Solidária em nenhum momento de suas vidas”.

Cabe lembrar que, a capacitação para autogestão se inicia com as ações externas de grupos em busca de formação profissional, contemplada em eventos, seminários e cursos ligados às SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária – ou de outros órgãos ou instâncias a ela vinculadas em âmbito nacional, estadual ou municipal. Em consonância a esses fatores, as sócias e os sócios da Associação estudada, em especial as líderes de atividades, relataram não terem realizados cursos, ou ainda, formações sobre Economia Solidária, externas ao Movimento Nacional dos Catadores, como aquelas oferecidas pela SENAES e/ou outros órgãos competentes.

Ainda em analogia à solidariedade, as mulheres e homens catadores não podem, muitas vezes, contar com essa prática em relação à sociedade capitalista, uma vez que, a venda de tudo o que foi coletado pela Associação se efetiva na negociação proposta e vivenciada no momento atual pelo mercado da reciclagem. Sem poder de negociação, essas/es trabalhadoras/es se deparam diretamente com as oscilações do mercado, o que, conseqüentemente, propicia momentos de crise em seus espaços de trabalho, como evidenciado durante os anos de 2008 e 2009²⁶. Nesse período, houve uma diminuição considerável dos rendimentos da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, ocasionada pela queda do valor dos recicláveis em âmbito nacional e local, colaborando, por conseguinte, para que muitos associados/as abandonassem o trabalho que desenvolviam há anos.

Nesse sentido, pode-se afirmar, mediante as análises do Estatuto da ARPE e da Lei Municipal nº 2.023/2006, bem como de entrevistas ligadas à História Oral e da bibliografia proposta sobre o tema, que a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio se pauta em alguns princípios ligados ao trabalho solidário, expressos pela coletividade, a “repartição dos ganhos e não ganhos” e a solidariedade existente entre os seus membros. Somando-se a isso, o norteamento das atividades coletivas – regras, direitos e deveres – apontados pela elaboração e legalização de um documento próprio, o Estatuto, possibilita a esse grupo uma ação política organizada no cenário de trabalho com os recicláveis, mais do que a autogestão enquanto princípio apontado pela Economia Solidária.

²⁶ Esses aspectos serão abordados, de maneira mais detalhada, ainda nesse capítulo, quando será enfatizado **A Reterritorialização do Trabalho: considerações sobre a lógica capitalista de produção e o trabalho na reciclagem.**

Apesar de a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio apresentar autonomia interna no gerenciamento das formas de trabalho desempenhadas em seus limites físicos, os fatores “Dimensão econômica” e “Propriedade coletiva dos bens de produção”, ainda se apresentam permeados por sérias fragilidades e nuances. Essas questões fazem referência à necessidade de apoio financeiro que a Associação ainda necessita receber do Poder Público Municipal, uma vez que se trata de um grupo específico de trabalhadoras/es em processo de consolidação e afirmação social, espaço onde as premissas solidárias precisam ser atingidas em maior complexidade.

Nessa construção, o grupo estabelece uma co-dependência com o Poder Municipal, apresentando, por sua vez, dificuldades de uma organização coletiva interna e externa. Por isso, todos os encaminhamentos que chegam são aceitos, sobretudo aqueles referentes ao aspecto financeiro. Nessa perspectiva, destaca-se, mediante as análises desenvolvidas durante essa discussão, que a Associação estudada caminha segundo alguns princípios solidários, mas não com uma perspectiva fundante de estruturação do trabalho pautado no modelo proposto pela Economia Solidária. Já a sociabilidade se apresenta como uma das características centrais que permeiam as relações entre as sócias e os sócios da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

2.1.2 O Catador Organizado Jamais Será Pisado: o papel do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem no processo de visibilidade social das mulheres recicladoras

É preciso destacar que em meados da década de 1980, os/as catadoras/es começaram a se organizar em associações e cooperativas em busca do reconhecimento da atividade de catação enquanto profissão. Nos anos 90, com o apoio de instituições não-governamentais, foram incorporados novos parceiros²⁷ que, aliado ao fortalecimento de reivindicações suscitadas durante esse período, proporcionaram a criação do Movimento Nacional dos

²⁷Grupos ligados a Organizações não-governamentais dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. A Igreja Católica também apresentou importante participação nesse processo mediante ações da Cáritas, vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Catadores de Reciclagem – MNC²⁸, o qual tem se apresentado como um importante movimento social na luta por melhores condições de trabalho e valorização de pessoas e grupos ligados às experiências de coleta seletiva de todo o país.

A esse respeito, a socióloga Maria da Glória Marcondes Gohn (2008) destaca o papel essencial dos Novos Movimentos Sociais no cenário capitalista. Segundo ela, tais movimentos se caracterizam como “a expressão concreta da classe trabalhadora em movimento”, constituída a partir de uma identidade e interesses em comum entre as pessoas que o compõe. Logo, são concebidos como:

[...] expressão de uma ação coletiva e decorrente de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que ao se organizarem em articuladores e articulações, formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações (GOHN, 2008, p. 14).

Assim, as condições impostas pela divisão capitalista de trabalho social têm certamente grande relevância para a compreensão e surgimento dos Novos Movimentos Sociais Populares. Eles mostram-se inovadores, na medida em que realizam questionamentos das estruturas em que estão inseridos e ao propor novas formas de arranjo à sociedade política: “Eles são fenômenos históricos, existirão enquanto a humanidade não resolver seus problemas básicos – desigualdades sociais, opressão e exclusão” (GOHN, 2008, p. 19-20).

Gonçalves (2006), em sua tese de doutorado, intitulada *O Trabalho no Lixo*, ressalta que a ação coletiva de trabalho na catação foi, inicialmente, estimulada por agentes ligados à Igreja Católica, que desenvolviam atividades com moradores de rua e com catadores em condições precárias no Estado de São Paulo. Por meio de ações organizativas de trabalho, esses agentes buscaram formar e instituir um espaço de lutas frente à realidade de marginalização social que se encontravam as/os catadoras/es. Assim:

[...] a formação do movimento nacional dos catadores tem sua origem nas ações da Igreja católica, que através do trabalho desenvolvido com moradores de rua de algumas das capitais dos estados brasileiros durante a década de 80, tinham como objetivo melhorar minimamente as condições de existência desses trabalhadores [...] Grupos ligados à Igreja entenderam que uma melhoria efetiva na vida dos trabalhadores catadores poderia ocorrer a partir da organização do trabalho de forma coletiva, através da criação de associações e cooperativas de catadores que pudessem colocá-los em condições mais favoráveis no mercado dos recicláveis,

²⁸Para maiores informações, visitar o site do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem. Disponível em: <http://www.mncr.org.br>.

especialmente melhorando as condições de trabalho e possibilitando o fim da exploração de intermediários (GONÇALVES, 2006, p. 243).

Dessa forma, homens e mulheres buscam construir as suas histórias, ao demarcarem sua área de atuação frente à conquista do reconhecimento do trabalho na reciclagem como categoria profissional, oficializada pela Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, no ano de 2002.

O fato de constarem na CBO poderia tornar-se indicativo de melhores condições de trabalho e vida a esses/as trabalhadores/as, de forma a inseri-los/as, em maior escala, no âmbito das políticas públicas. Contudo, o que se observa é uma condição oposta. Conforme apontam estudos recentes, como os de Medeiros e Mâcedo (2006), os riscos à saúde, os preconceitos sociais e as condições precárias de trabalho, aliadas à má-remuneração contribuem para o agravamento da precarização do trabalho na catação e, por conseguinte, do processo de (in) visibilidade social nesse setor de atuação profissional.

Nesse cenário de mobilizações, foi realizada em 7 de junho de 2001, a Primeira Marcha Nacional da População de Rua. Nesse evento, foram apresentadas à sociedade e às autoridades responsáveis pela implantação e efetivação das políticas públicas, reivindicações e propostas de criação e direcionamento das ações governamentais e políticas de Estado para a melhoria das condições dos/as catadores/as e dos/as moradores/as de rua em geral. Essas concepções mostraram-se vinculadas à luta pela regulamentação da profissão de catador/a, uma vez que o movimento tem buscado, desde a sua criação, lutar por formas mais dignas de trabalho no âmbito dos recicláveis, tendo em vista a busca do resgate social da categoria, que tem como lema de mobilização: “O catador organizado jamais será pisado! Pela construção do Poder Popular!”

Nesse contexto, o Movimento se apresenta como local de estabelecimento da identidade política dos/as catadores/as, ao possibilitar uma direção alicerçada para os questionamentos e reivindicações de homens e mulheres em questão, conforme relatou uma das entrevistadas:

O Movimento faz isso: ele luta pela nossa categoria, embora, nós tenhamos consciência que o movimento somos nós mesmos. A gente tenta unir as cooperativas e associações criando força pra poder chegar lá em cima e falar assim: nós temos tantas pessoas, nós estamos há tantos anos e pretendemos isso (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

Ao apresentar como principal diretriz a adoção e a consolidação de políticas públicas voltadas ao trabalho com os recicláveis, o Movimento Nacional tem possibilitado aos/as

trabalhadores/as catadores/as o acesso aos programas de financiamentos e empreendimentos direcionados a geração de emprego e a distribuição de renda.

Alude, ainda, a institucionalização de associações e cooperativas, instrumentalizadas para o trabalho com os resíduos sólidos, bem como a estruturação das já existentes, como evidenciou a entrevistada ao afirmar que “o Movimento Nacional tem se apresentado um elo entre as catadoras e as suas necessidades”, concretizado na participação efetiva e coletiva de um fazer reivindicatório. Logo, perceber-se como um todo, mediante os ideais de um grupo constituído em torno do trabalho com os recicláveis, lhes permite adquirirem forças na luta por melhores oportunidades de emprego e de reconhecimento social.

Assim, com o intuito de fortalecer a estruturação do MNCR foram pensados e articulados os Comitês Regionais dos Catadores, de modo a se apresentarem como elementos fundamentais no processo político de trabalho com recicláveis, do qual a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio e outros grupos instituídos da Região do Oeste Paulista têm participado ativamente.

A proposta de formação dos Comitês Regionais teve início com as principais deliberações provenientes do I Primeiro Congresso Latino-Americano de Catadores, realizado no ano de 2001, no Estado do Rio Grande do Sul. Nesse evento, ficou instituído que, a formação dos Comitês Regionais ficaria sob a responsabilidade dos militantes presentes no Congresso, que retornariam as suas bases e iniciariam a sua organização, tendo como objetivo principal instituir, ampliar e fortalecer os alicerces do MNCR no interior dos estados. Esses comitês estariam ligados a uma Comissão Estadual, por sua vez, vinculada à Comissão Nacional, de forma a permitir uma estrutura política e coletiva mais sólida e ampliada do Movimento Nacional.

Nesse período, os membros das Cooperativas de Assis e Presidente Prudente deram início às ações de formação do Comitê Regional do Oeste Paulista²⁹, do qual a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio integra, desde o ano de 2003. O Comitê tem proposto realizar um calendário de reuniões, ocorridas a cada dois meses, entre as Associações e Cooperativas que agregam o Oeste Paulista. Essas reuniões são, atualmente, realizadas nos locais onde existe um grupo de catadores/as constituído ou que se encontram em vias de

²⁹ Formado por catadoras e catadores dos seguintes empreendimentos: Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Ourinhos - Recicla Ourinhos; Associação dos Catadores de Palmital - ACIPAL; Associação dos Catadores de Maracá - ASCAM; Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio - ARPE; Cooperativa de Catadores de Assis e Região - COOCASSIS e Cooperativa dos Catadores de Lixo de Presidente Prudente - COOPERLIX (Disponível em <http://mncr.org.br>. Acesso em 12 de dezembro de 2010). Além das Associações e Cooperativas supracitadas, somam-se a elas os grupos de catadores organizados dos municípios de Rancheira, Regente Feijó, Martinópolis, Álvares Machado, Presidente Venceslau e Junqueirópolis.

estruturação. O objetivo principal dessas reuniões consiste em promover momentos de trocas de informações e de mobilização política dos/as catadores/as em seus municípios.

Na fala da presidente da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, o Comitê Regional do Oeste Paulista tem atuado como ambiente de trocas dialógicas e de debates sobre assuntos atuais ligados ao trabalho de coleta e comercialização dos resíduos recicláveis. Nesses espaços são debatidos, dentre outras particularidades, os seguintes aspectos:

[...] toda reunião do comitê a gente pega uma pauta do que a gente vai discutir. Saiu o novo Plano Nacional de Resíduos que fala sobre incineração, a contratação de cooperativas e associações para prestação de serviço para o município, a questão do material reciclável de grandes geradores que não doavam para as cooperativas. Temas que estão circulando no momento [...] as leis que estão sendo criadas, as políticas públicas (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

Cada uma das experiências, apontada pela entrevistada, permite visualizar a aproximação dos/as catadores/as com o Movimento Nacional. Ela acontece por intermédio dos centros regionais e se tornam o conduto por onde são canalizadas as discussões sobre as necessidades laborais e de vida de pessoas e grupos ligados às experiências de coleta seletiva da região.

É importante destacar que, a organização das sócias e dos sócios em Associação, bem como as suas participações no Comitê Regional tem lhes oferecido as vias para a construção de conhecimento e de atuação política de uma nova territorialidade no trabalho com os resíduos recicláveis. Esse fato, conforme apontam os estudos de Gonçalves (2006), estabelece uma base mínima para a formação de uma (nova) sociabilidade entre o grupo de catadoras e os demais setores da sociedade, potencializando um repensar do contexto, do qual as mulheres têm participado ativamente.

Durante muito tempo, se pensou que seria difícil mobilizar as mulheres trabalhadoras, porque se considerava “irregular e provisória” a sua inserção no mercado de trabalho. Em contraponto, foi percebida em Associações e Cooperativas que integram o Comitê Regional do Oeste Paulista a concentração expressiva de mulheres, tanto em relação ao número de sócios/as quanto em cargos de liderança. Na Associação dos Catadores de Maracá - ASCAM, durante o período de 2009 e 2010, foi registrada somente a presença feminina dentro do ambiente de trabalho³⁰, fato também evidenciado em relação à Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, nos anos de 2008 e 2009.

³⁰ Informações provenientes da entrevista realizada com Antonio Domingos Dal Más em 08 de janeiro de 2010, no Município de Presidente Epitácio.

Esses aspectos mostram-se essenciais na análise da atuação feminina em cargos de trabalho que tem como cenário principal a coleta e o manuseio dos resíduos sólidos recicláveis. Trata-se de uma forma de trabalho paradoxal, uma vez que tem sido permeado por representações, atuando também como meio por onde as mulheres catadoras passam a gerir sobrevivências e a se constituírem protagonistas de suas histórias, mediadas por um processo coletivo de atuação profissional.

Assim, o Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem, em interação permanente com o Comitê Regional do Oeste Paulista, têm proporcionado a passagem da invisibilidade das mulheres catadoras para um modo muito particular de atuação feminina dentro do espaço de trabalho com os recicláveis, ao oferecer um caminho de visibilidade e de (re) construção do papel ocupado pelas mulheres na história e, sobretudo, nos espaços públicos e de lideranças políticas. Esses aspectos podem ser analisados no depoimento da presidente da Associação:

O Movimento Nacional pediu uma reunião aqui em Epitácio. Teve uma reunião do comitê regional e nessa reunião do comitê, a própria representante do comitê conversou e passou várias experiências para o grupo. Abriu o horizonte do grupo eles passaram a enxergar que a catação não era só colocar o dinheiro no bolso, mas tinha várias outras situações, como a Associação [...] Nessa reunião o próprio grupo apontou: nós queremos você como presidente, e eu disse: Ah, eu não sou capaz! Eu tinha um mundo muito restrito e não tinha noção se eu poderia fazer alguma coisa maior (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada 08 de outubro em de 2010).

O trabalho na Associação, em parceria com o MNCR e o Comitê Regional do Oeste Paulista, tem contribuído para a constituição de uma ação de grande expressão na conjuntura da reciclagem no Município. Esses fatores têm permitido, ainda que, de forma gradual, a participação considerável das mulheres no mercado de trabalho não somente como trabalhadoras e integrantes de um coletivo, como também de líderes de atividades. Logo, ao ser apontada pelo grupo como candidata a ocupar o cargo de maior liderança na Associação – a presidência – a entrevistada passa a descobrir novos horizontes, bem como potencializar novas capacidades, até então, não descobertas.

Portanto, as diversas formas de inserção das mulheres em meios antes impensáveis para elas, como o mercado de trabalho, cargos de liderança e, nesse estudo, a direção da Associação de Reciclagem, vem resultar uma tendência a mudanças na vida de muitas delas. Há, ainda, a relevante discussão sobre os estudos de gênero e de classe na análise da trajetória feminina no mercado de trabalho e no papel ocupado por elas no contexto histórico. Nessa perspectiva, as pesquisas sobre o cotidiano vêm propiciar visibilidade ao entrecruzamento de

processos macro e microssociais, ao recolocar as mulheres e o seu meio social no centro do acontecimento histórico, com seus avanços e contradições.

A esse respeito, Sader (1988) ressalta que é a partir das experiências coletivas que grupos, até então, marginalizados, adquirem presença no campo social e político. Tais presenças acontecem com a manifestação de interesses e vontades, de direitos e práticas que os caracterizam e os conduzem ao estabelecimento de uma participação direta no acontecimento histórico. A partir disso, o autor entende que:

O novo sujeito é social; são os movimentos populares em cujo interior, indivíduos, até então dispersos e privatizados, passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas (SADER, 1988, p. 10).

Em suma, a apreciação e a crítica das fontes utilizadas nessa pesquisa permitiram aferir que o MNCR, juntamente com o Comitê Regional do Oeste Paulista, tem atuado de maneira significativa nas formas de trabalho desenvolvidas pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Ademais, tem possibilitado às mulheres dessa Associação romperem paradigmas rumo à construção de seu protagonismo em relação à vida cotidiana e, em um âmbito mais geral, no processo histórico de trabalho pautado nos limites da reciclagem.

É certo que ainda necessitam ocorrer mudanças consideráveis nas formas de trabalho e vivência dessas mulheres. Porém, o que se tem observado durante essa pesquisa é que, as manifestações provenientes das instâncias organizativas de trabalho com os recicláveis, como o Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem e o Comitê Regional do Oeste Paulista, têm atuado de maneira direta na vida e no modo como as mulheres entrevistadas se apresentam no mundo do trabalho e na vida pública, passando de coadjuvantes para integrantes de um tecido social, em busca de um (re) fazer histórico, pautado em relações sociais e de gênero mais democráticas.

2.2 A Reterritorialização do Trabalho: considerações sobre a lógica capitalista de produção e o trabalho na reciclagem

O trabalho das mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio se insere na lógica da reestruturação das relações de produção. Consequência do rápido avanço do capitalismo, esse modelo tem gerado um novo padrão que tem reorientado o conjunto das relações sociais atreladas às concepções de classe e de gênero.

É preciso destacar que a expansão das atividades informais no país difundiu-se em meio a um forte apelo ideológico, no sentido de legitimar as práticas laborativas e camuflar os conflitos de classe, até então, existentes na sociedade brasileira. Nesse contexto, o desemprego se apresentou, e ainda continua a se mostrar, como uma impossibilidade estrutural a ser enfrentada pelos próprios limites da lógica capitalista.

Nos anos de 1990, assistiu-se no Brasil, um elevado índice de desemprego, o qual acarretou profundas mudanças nas formas de trabalho, marcadas pelo crescente número de empregos informais, sem registro em carteira e instabilidade financeira e temporal dos/as trabalhadores/as. Nesse mesmo período, a mundialização do capital emitiu efeitos complexos e contraditórios ao afetar desigualmente homens e mulheres, como ressaltam os estudos de Hirata (1998). Segundo a autora, houve, em relação ao emprego masculino, uma estagnação e, até mesmo, uma regressão. Já o emprego e o trabalho feminino remunerado cresceram durante esse período. Apesar de ocorrer um aumento da inserção das mulheres trabalhadoras, tanto nos espaços formal quanto informal do mercado de trabalho, ele se traduz majoritariamente, em áreas onde predominam os empregos periféricos e vulneráveis.

Na América Latina, particularmente após a reestruturação produtiva e a presença neoliberal, o fator desemprego passou a ser ainda mais acentuado. A precarização não ocorreu somente em relação à força de trabalho feminina, pois quando se analisa os dados apontados nas pesquisas de Bruschini e Lombardi (2002), verifica-se que as alterações no âmbito da vida profissional também atingiram os homens trabalhadores, ainda que, de forma menos intensa.

Faz-se importante ressaltar que a tendência à feminização do trabalho e a sua acentuada precarização continua a se manter atuante no Brasil. Nesse cenário, a atividade das mulheres catadoras surge como alternativa frente ao estado de desemprego e a falta de opções de ingresso no mercado de trabalho formal, conforme atestam os depoimentos das entrevistadas durante essa pesquisa. Esse fato corrobora com a ideia de que, a falta de perspectivas e qualificação profissional tem proporcionado “o direcionamento de homens e, sobretudo de mulheres para as atividades locais de manuseio de resíduos sólidos”, como forma de gerir sobrevivências para si e para seus familiares.

Nesse contexto, Antunes (1995) assinala que a precariedade refere-se à atividade mal-remunerada e pouco reconhecida, estando ela vinculada à instabilidade de emprego e à restrição de direitos sociais. Esses fatores estão demonstrados no depoimento de uma mulher entrevistada: “Eu só penso na minha velhice: que eu não tenho filho, não tenho alguém; do trabalho, de não ter uma aposentadoria. É isso que eu penso, mas sigo confiando em Deus!”

(M.R.P, 43 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

As questões apontadas na entrevista vêm evidenciar a perspectiva de vida pessoal e profissional da depoente, caracterizada pelo tempo presente e pelo espaço de produção da vida material e simbólica, a qual passa a ser permeada pelos rendimentos financeiros de seu trabalho com os recicláveis. Considerando esses aspectos, ressalta-se que o trabalho na catação não conta com um quadro fixo de salários e plano de previdência social, conforme ficou evidenciado na fala da entrevistada, o que remete à instabilidade e à informalidade de atuação nesse setor de produção.

Sendo assim, um ponto que merece destaque em relação ao trabalho na reciclagem refere-se às condições pelas quais as trabalhadoras realizam as suas atividades, marcadas, muitas vezes, por ambientes insalubres de atuação e pelos baixos rendimentos financeiros. Nesse sentido, há que se destacar importantes indícios de divisão de trabalho na Associação pesquisada, marcada pela separação do material que é aproveitável e com teor menor de contaminação, os recicláveis, e os produtos mais degradantes e que oferecem riscos à saúde humana.

Esse último refere-se aos materiais provenientes de indústrias³¹, coletados pela Associação, em grande número. Os mesmos necessitam serem lavados após coletados, pelo fato de apresentarem um alto grau de produtos químicos em suas embalagens e pela própria deterioração do material que chega envolto à presença de insetos e de fortes odores. O manuseio desses materiais é realizado, diariamente, por duas sócias (fixas) da ARPE, que procedem às atividades de lavagem e triagem desses resíduos. Em relação às condições de trabalho nesse setor de atuação na Associação, uma das entrevistadas destacou:

Ah, eu já estou acostumada. A primeira vez eu falava: eu não vou não, por conta do cheiro, é um cheiro muito forte e das moscas. Mas a gente precisa desse material! Ele não vem limpo, porque a gente lava tudo aqui. E Deus me livre eles pararem de mandar, porque a gente depende deles, porque dali a gente tira um dinheiro bom. Até que eles nos ajudam ainda! (E.S.P, 27 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

³¹ Material proveniente, em grande parte, de um frigorífico da região. Ele é composto de embalagens plásticas que necessitam serem lavadas após coletadas, devido à presença de produtos químicos e em decorrência do odor provocado pelo sangue acumulado há dias no interior dessas embalagens. Elas se apresentam em meio a insetos, entre os mais comuns, as moscas, e cheiro forte provocado pelos resíduos químicos e pelos compostos que restaram após a sua utilização na indústria. Esse tipo de material corresponde a 40% da renda mensal da Associação. Por isso, muitos sócios/as se dedicam a essa atividade como forma de aumentar os seus rendimentos mensais.

Apesar de inúmeros avanços, ocorridos no âmbito do trabalho local com os recicláveis, especialmente, após a desativação do lixão a céu aberto do Município e, conseqüentemente, da formação da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, as más-condições de trabalho, circunscritas sob o ângulo da insalubridade e da precarização, continuam ainda muito presentes no contexto pesquisado.

Nessa perspectiva, faz-se importante destacar que, as sócias já enfrentaram crises, como as que marcaram os anos de 2008 e 2009, quando seus rendimentos alcançaram uma média de duzentos reais por associada/o, a cada quarenta dias de trabalho. Esses fatores colaboraram para o estabelecimento de uma Memória Coletiva do grupo de mulheres da Associação, evocada como um marco de dificuldade.

Nos depoimentos externados pelas entrevistadas, observou-se que o momento de crise envolveu a todas elas, produzindo lembranças comuns, o que remete pensar em trabalhos mais recentes, que se debruçam no entendimento da relação entre História e Memória. Nessa pesquisa, os conceitos e as aplicações sobre Memória Coletiva são entendidos a partir das contribuições de Maurice Halbwachs (2004) e de Michel Pollak (1989).

A questão central desse conceito na obra de Halbwachs (2004) consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Para o autor, esse fato é o que garante a coesão no grupo, esta unidade coletiva, concebida como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros. Assim:

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p.55).

Portanto, a memória apóia-se sobre o passado vivido. Em Halbwachs (2004), a memória histórica é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes nas experiências de pessoas ou de grupos. Ela também se apresenta de forma contínua e concebida a partir da pluralidade – Memórias Coletivas.

Assim, com base na literatura existente sobre o tema e em pesquisas realizadas, pôde ser percebida, principalmente, durante o período de 2008 e 2009, a presença majoritária de mulheres na Associação estudada, de modo a tornar-se a precondição para o estabelecimento de uma Memória Coletiva em relação às sócias entrevistadas nessa pesquisa. Tal memória mostra-se ligada ao período de crise financeira, vivenciada de maneira global pelo mercado da

reciclagem. Esse acontecimento obteve uma repercussão especial no trabalho desenvolvido pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, levando a queda dos rendimentos dos sócios/as. Durante aquele período, a Associação registrou somente a presença feminina nos diversos trabalhos, o que nas palavras de uma das entrevistadas representou: “Somos guerreiras”; “A gente segura mais o trem do que os homens” (D.G.G.M, 26 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

Desse modo, o estabelecimento da Memória Coletiva do grupo feminino mostrou-se intimamente vinculado ao fator econômico. Com a queda nos rendimentos e, conseqüentemente, a saída dos homens da Associação, as mulheres passaram a assumir todas as funções de manuseio dos recicláveis. A partir desse momento, elas passaram a se reconhecerem fortes não somente em relação ao fator físico do trabalho, mas, sobretudo, em relação às questões emocionais ligadas à atividade precarizante e mal remunerada de coleta e comercialização dos recicláveis. Esses aspectos foram evidenciados em outros momentos das entrevistas, quando as sócias utilizavam palavras ou frases, como: “guerreiras”; “segurar o trem”; “é melhor pingar do que secar”, entendidas como slogans e que remetem a uma força coletiva feminina, organizada em formato de estratégia para permanecerem em tempos de crises e buscarem saídas para a situação de dificuldade, diferente da atitude dos homens, que preferiram deixar a Associação durante o período considerado crítico.

Destarte, dentre os motivos que colaboraram para a manutenção das mulheres na Associação estava a necessidade de sustento financeiro da família, em especial dos filhos/as, como relatou uma das entrevistadas:

A necessidade é igual dentro de casa, mas a mulher ela pensa muito nos filhos [...] Teve homens que ficaram com a gente no período bom, quando a gente estava ganhando bem e depois eles não conseguiram, não resistiram, saíram. E depois eles viram que lá fora também estava difícil, pediram para voltar. Mas o que leva a mulher a ficar? É a família, os filhos. A gente tem uma maioria das mulheres aqui que pensam muito nos filhos [...] Eu não tinha como falar para vocês para ficarem na Associação e passarem fome junto comigo e com a líder de atividades, mas dizíamos: vamos segurar e tentar ficar para poder levantar a Associação (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

Nessa perspectiva, é possível afirmar, mediante a análise dos depoimentos em História Oral e de memória do grupo feminino, que as mulheres associadas à ARPE se submetem mais a atuação em empregos precários do que os homens sócios da mesma Associação. Em outras palavras, as oportunidades de emprego oferecidas às mulheres não são suficientes para absorver o mercado de trabalho formal na cidade, “restando a elas” atividades

de menor prestígio social e remuneração salarial, mas que se tornaram, segundo muitas delas, necessárias ao sustento financeiro de suas famílias.

Em consonância a esses fatores, a Memória Coletiva se apresenta nessa pesquisa, como um olhar ao passado de dificuldades e o outro, ao tempo presente de superações femininas, uma vez que, as mulheres externaram em seus depoimentos, os problemas e as limitações financeiras e sociais que marcaram o período de crise financeira em seu espaço de trabalho.

Segundo Pollak (1989) estas memórias, até então, marginalizadas abrem novas possibilidades no terreno fértil da História Oral. Desse modo, não se trata de lidar somente com os fatos sociais, mas de analisar como eles são solidificados e dotados de certa duração e estabilidade histórica. Nesse estudo, a durabilidade e a estabilidade da memória feminina registram-se enquanto uma visão positiva “apresentada e dirigida a elas” durante um período, percebido nos depoimentos, como marcante na trajetória de trabalho da Associação da qual elas fazem parte. Em relação a esses aspectos, externou uma das entrevistadas:

Teve um tempo que não teve nenhum homem na associação. Por quê? Porque eles chegam em casa, tem a família, a mulher está dentro de casa e ele chega com duzentos reais para poder pagar aluguel, água, ele não resiste a pressão. As mulheres que ficaram na Associação naquele período, eu dizia: está aqui o dinheiro, vai dar duzentos reais e elas diziam: antes pingar do que secar. Eu tenho três filhos em casa; a outra, é avó de família: tenho que manter a minha filha que está grávida dentro de casa, não tem como trabalhar, tenho mais três netos e se eu não tivesse os duzentos? Então, o homem não resiste tanto a pressão de chegar em casa e ver água pra pagar, aluguel e a mulher já pega aquele dinheiro e segura aquela pressão e tenta barrar as outras situações, até melhorar aquela situação. Como as mulheres são fortes, até no trabalho, para fazer cargas em 5 mulheres com 350 quilos; delas segurarem a pressão e acharem que duzentos reais ainda dá para dar de comer aos filhos (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

A memória, como produto social e fruto de um sistema inscrito sobre determinadas características ou fatos sociais, espaciais e temporais, constitui-se nas relações entre as pessoas que compartilham ou assimilam informações passadas e que se perpetuam, ao longo do tempo. Na narrativa da entrevistada, a lembrança de um tempo de dificuldades passa a ser evocada como sinônimo de força feminina, de modo a se apresentar como um “deslocamento de valores”, haja vista que é, a partir dos sinais da precariedade do trabalho, que as mulheres se reconheceram sozinhas e, simultaneamente, providas de forças para enfrentarem os obstáculos sociais e financeiros do trabalho na Associação de Reciclagem.

Ademais, é importante enfatizar que o registro da Memória Coletiva Feminina não se mostra estritamente vinculado à questão financeira ou de classe. As relações de gênero

atuaram nesse contexto, uma vez que, na fala da entrevistada, os sócios homens não resistiram à pressão de se manterem na Associação durante o período de crise financeira. Se, por um lado, as representações sobre as mulheres continuam atuantes em muitos contextos da sociedade, sejam eles ligados à esfera privada ou pública, do outro lado, há que se registrar que os homens, em menor escala, também carregam as marcas geradas por representações, na medida em que a construção cultural “lhes confere o poder de referência e provisão financeira da família”. Tais conceitos, apesar de contestados nessa pesquisa, se mantêm atuantes na sociedade e, por sua vez, respondidos em muitas famílias brasileiras e, em especial, ficaram refletidos nesse estudo, durante o período de crise financeira vivenciada pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Em outras palavras, as mulheres entrevistadas negam a construção social que produziu representações de fragilidade e docilidade como sinônimos do feminino. Em contraponto, elas se mostram fortes para o trabalho e ao prosseguimento das atividades na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio; já os homens sócios “se escondem por trás das representações de provedores e chefes da casa”, de forma a não permanecerem nesse setor de produção quando surgem melhores possibilidades de emprego, e mais especificamente, quando enfrentaram crises financeiras, como aquelas que perduraram durante dois anos consecutivos nos trabalhos locais da reciclagem.

Em suma, a análise das fontes possibilitou uma nova compreensão sobre o papel desempenhado pelas mulheres e, concomitantemente, das transformações ocorridas no âmbito das relações de gênero nessa pesquisa. Ainda que se manifestem de maneira gradual e branda na vida de muitas dessas mulheres, seus efeitos mostram-se refletidos a partir de uma Memória Coletiva, a qual repercute todo o processo de trabalho feminino na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Se antes, as mulheres eram tidas como “seres frágeis e destinadas ao confinamento privado”, agora, elas passam a responder de maneira crítica a essas suposições, como pessoas fortes para o trabalho, ao prosseguimento das atividades locais na reciclagem e ao questionarem o papel das teorias sexistas. Logo, as relações de gênero assumem importância essencial na análise do papel ocupado pelas mulheres na sociedade e, por sua vez, na reterritorialização do trabalho desempenhado por elas na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

2.3 O Trabalho das Mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: ambiguidades e representações

Nessa pesquisa, os estudos das representações sociais assumem um caráter essencial. Isto porque, elas instituem e criam significados ao trabalho de homens e, sobretudo de mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Apesar de não se apresentarem como fato³², elas têm possibilitado um terreno fértil para a formação de um conhecimento compartilhado e elaborado socialmente, onde as questões de classe, etnia e de gênero encontram-se interligadas e refletidas no contexto de trabalho local com os recicláveis.

Dessa forma, entende-se por representações, os conceitos cunhados nas concepções de Falcon (2000), Lefebvre (1979) e Moscovici (2001/2005). Em relação a sua fundamentação etimológica, Falcon concebe as representações: “[...] provindas da forma latina *repraesentare* – fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma ideia, por intermédio da presença de um objeto” (FALCON, 2000, p. 45).

Nos estudos de Durkheim (1970), há a preposição de distinção entre as representações coletivas – objeto da sociologia – e as representações individuais – objeto da psicologia, de forma a separá-las em categorias distintas de análise e não como elementos que se interligam para explicar determinados fatos. A partir de Moscovici (2005), elas assumem uma terminologia social, concebidas pelo autor de *Representações Sociais*.

A teoria proposta por Moscovici consiste em desvendar a forma pela qual pessoas e grupos constroem, assimilam e utilizam um determinado saber. Para ele, a representação social é formada a partir da epistemologia popular, com base no senso comum, que reelabora e cria imagens referentes aos conhecimentos da vida cotidiana, ao atribuir-lhes um sentido, que nem sempre se apresenta como verdadeiro na sociedade.

Nessa perspectiva, é preciso destacar que a atividade de catação mostra-se permeada por constantes ambiguidades, uma vez que as condições precárias e informais de trabalho e remuneração propiciam o estabelecimento e o compartilhar das falsas percepções do real sobre esse espaço de produção. Estes aspectos contribuem para a consignação de novas práticas sociais, atuantes no cotidiano das mulheres entrevistadas, posto que, de um lado, possibilita uma visão positiva de sobrevivência de muitas trabalhadoras que se encontravam

³² O Fato corresponde ao Real, o objetivo e visível aos olhos. Em outras palavras, a realidade, propriamente dita.

marginalizadas e sem alternativas de subsistência e de outro, não deixa de apresentar a conotação negativa, elaborada e dirigida à imagem das mulheres catadoras.

Inicialmente, há que se destacar que um número de 12 (doze) mulheres da Associação realiza o trabalho de coleta dos materiais recicláveis nas ruas de Presidente Epitácio. Esse processo consiste na troca dos sacos verdes, representado pela entrega do utensílio vazio pelas sócias e, por sua vez, do saco contendo os recicláveis por parte da população. Elas são atendidas, em grande parte, pelas chamadas “donas-de-casa”, denominação designada pelas associadas para se referirem às mulheres epitacianas que as recebem na ocasião de coleta dos resíduos sólidos. Este momento assinala a interação e o contato direto delas com a população e caracteriza-se pela formação e o compartilhar de ideias sobre o trabalho feminino no âmbito local dos recicláveis, de forma a transparecer as contradições de classe, de gênero e de etnia, atuantes no mercado de trabalho do Município.

Ao saírem pelas ruas da cidade, as sócias se apresentam vestidas com o uniforme da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Semelhante ao de funcionários de empresas convencionais, o uniforme proporciona às mulheres recicladoras um *status* de trabalhadora que geralmente lhes é negado quando circulam pelas ruas com roupas humildes. Ademais, ele tem produzido efeitos simbólicos importantes para muitas delas, no sentido de oferecer-lhes o sentimento de pertença a um espaço de produção e, por meio dele, a possibilidade de perceber “quem realmente são”, enquanto mulheres e trabalhadoras, conforme relatou uma das entrevistadas:

O uniforme é minha armadura. Eu me sinto munida para estar diante da dona de casa, chegar a um órgão público ou em alguma empresa privada e dizer: eu sou uma trabalhadora! Sou catadora! Estou aqui representando a minha Associação [...] Somos reconhecidas como as “verdinhas” (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

O fato de se apresentarem à sociedade com o uniforme da Associação da qual fazem parte, lhes proporciona sair do anonimato. Logo, serem reconhecidas como “as verdinhas” lhes confere uma identidade de grupo, bem como força necessária para enfrentarem os preconceitos existentes em relação ao trabalho na catação.

Nessa perspectiva, o uniforme é tido como um registro profissional das mulheres no espaço de trabalho do Município. Este fato lhes permite a atenuação das representações, de forma a não serem vistas socialmente como as “relegadas às zonas mais selvagens da cartografia urbana – as lixeiras, as ruas e os guetos” – mas, trabalhadoras, grupo e movimento social. Estes aspectos visam desconstruir a velha e generalizada imagem das mulheres

recicladoras enquanto “indigentes, perigosas e pedintes”, para aquela ligada a um grupo organizado de pessoas vinculadas ao trabalho com os resíduos sólidos.

É importante salientar que a atividade feminina na catação não apresenta uma única representação ou sentido. De acordo com Medeiros e Mâcedo (2006), o trabalho com os recicláveis abarca tanto os aspectos positivos quanto os negativos e abrange uma relação ambígua que direciona para uma fronteira que demarca a valorização e, ao mesmo tempo, a desvalorização de pessoas que desenvolvem suas atividades laborais nesse setor de produção.

Esses aspectos podem ser observados a partir do uso do uniforme pelas sócias da ARPE, que também tem sentido de marca social de um determinado grupo. Ele, ao mesmo tempo em que confere visibilidade às mulheres catadoras, passa também a acentuar olhares negativos, isso porque, representa espaços e condições sociais vivenciados por elas. As verdinhas, conforme se evidenciou no depoimento da entrevistada, são, por vezes, associadas ao lixo, ao descarte, às pessoas das quais se deseja ficar longe, porque podem não ser confiáveis ou porque não detém capital, segundo ressaltou uma das sócias:

A gente chega com a nossa camiseta em uma loja, eles olham diferente. Você vai fazer um crediário, eles sempre ficam com um pé atrás, preconceito: é o visual, o que eles vêem, porque um catador de material reciclável que trabalhou o dia inteiro chega com o uniforme sujo, com uma manchinha, não maquiada ou bem penteada em uma loja. Isso acontece muito, até aconteceu com uma sócia nossa que foi em uma loja e queria ver um eletrodoméstico, um DVD, eu acho. Ela estava com a camiseta da associação, de bicicleta e com os materiais pendurados na bicicleta e a menina da loja disse: aqui não tem nada pra você! Vai lá à banquinha do Paraguai que lá deve ter alguma coisa que sirva para você comprar. Tanto que depois, ela foi com o marido dela, em outro dia, tomada banho, bem arrumada, visualmente bem e comprou aquilo que ela queria. Eu também já tive alguns preconceitos não falados e não ditos, mas visíveis da gente chegar a um lugar e a pessoa te olhar diferente e até demorar para te atender ou te atender de má vontade. Teve até lugar que eu desisti e fui embora (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

É a “exclusão social” de que fala Martins (2002), quando diz que as pessoas estão em estado de marginalização: algumas de processos produtivos e por isso ficam a perambular em busca do que fazer para sobreviver; outras, à margem de melhores possibilidades e da certeza do que possuem para viver a vida e, outras ainda, de seus sonhos, conforme ficou evidenciado em relação à compra do DVD por uma das sócias da Associação.

Assim, o uso do uniforme pelas mulheres da ARPE se apresenta em meio a múltiplas ambiguidades, posto que, por um lado, valoriza o trabalho desenvolvido por elas e, de outro, demarca lugares e atividades pouco reconhecidas pela sociedade. Em outras palavras, trata-se de um ambiente construído em torno de representações sobre o real de vida dessas mulheres.

Tais representações se constituem, ao mesmo tempo, como falsas e verdadeiras, que amarram e abrem brechas para a transformação social, conforme aponta Lefebvre (1979).

De acordo com Moscovici (2001) as representações sociais se apresentam sustentadas por um conhecimento popular, visto como privilégio de um grupo reduzido que impõe certeza aos demais e lhes retira o direito de avançar para um estágio mais elevado de conhecimento e atuação. Nesse caso, trata-se não do fato objetivo, mas da percepção que a sociedade apresenta do real de vida dessas mulheres, construído em meio a um saber manifesto socialmente, que delimita espaços de visibilidade às catadoras e, se torna também, instrumento de valor que atribui significados peculiares e, ao mesmo tempo, dúvida à vivência delas no trabalho com os recicláveis. Em relação a esses aspectos, assinalou uma das entrevistadas:

A gente escuta esse tipo de coisa: as lixeiras estão passando; na reciclagem só tem ‘candango’; só tem mulher feia! Tudo o que não presta está na reciclagem. A gente escuta essas coisas! [...] Tem gente que faz de tudo para judiar da gente: esses dias, peguei um saco que só tinha tijolo e porcarias também: papel higiênico usado, fralda de criança. Nessas coisas a gente é humilhada (L.F.S, 37 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

Assim, corrobora-se com Lefebvre (1979), quando destaca que a força das representações reside na capacidade de estabelecer vínculos inexistentes no plano da realidade, ao dissimulá-los de seu contexto real. Essas questões podem ser percebidas nas palavras da entrevistada, ao fazer referência à frase: “tudo o que não presta está na reciclagem”. Desse modo, parece haver uma simultaneidade de imagens que caracterizam os recicláveis como matéria desprovida de valor, suja e danosa, e as mulheres que atuam em seus limites de trabalho, as quais “emanam e evocam todo o mal social, isto é, a sujeira, o feio e a pobreza”, expressões redundantes e não detentoras da verdade, que produzem significados para a elaboração e o compartilhar do senso comum sobre o trabalho feminino no âmbito local da reciclagem.

Faz-se necessário destacar que as sócias da ARPE encontram-se diariamente em contato com o que é descartado, inutilizado e indesejado pela sociedade, fatores que contribuem para o agravamento de sua invisibilidade social. O desenvolvimento de suas atividades é permeado por vulnerabilidades e precariedades, as quais revelam riscos eminentes de contrair doenças e exposição a ambientes em que predominam odores, insetos e baixa remuneração.

Diante disso, há que se registrar a existência de relações de poder pautadas não somente nas questões de classe, de gênero e de etnia para a elaboração e perpetuação dessas

representações, como também da “atuação velada do Poder Político”, nesse contexto representativo. Nessa perspectiva, as ações da Prefeitura de Presidente Epitácio, orientadas no direcionamento dessas pessoas para o trabalho no mesmo espaço físico do aterro controlado da cidade, contribuem para uma dupla situação de invisibilidade social em relação ao ambiente onde se encontram os corpos e, por sua vez, as expectativas e projetos de vida das catadoras.

Estes aspectos podem ser evidenciados na obra *Vigiar e Punir*, de Foucault (1987), quando o autor destaca a relação existente entre capitalismo, corpo e disciplina:

[...] Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] Não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica - movimentos, gestos, atitude, rapidez. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. São o que podemos chamar as disciplinas. (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Este fato acena para a formação e perpetuação de um conhecimento compartilhado socialmente que elabora e cria significados dúbios ao trabalho dessas mulheres. Logo, é preciso destacar que, o ambiente onde os/as catadores/as desenvolvem suas atividades com os recicláveis tem, em maior ou menor proporção, propiciado um terreno fértil para a formação e atuação das representações, as quais têm dificultado o processo de rupturas que visam revelar as contradições presentes na realidade de trabalho local na reciclagem.

Nesse sentido, há que se destacar que o núcleo das representações, dirigidas às mulheres da ARPE, está relacionado ao lugar onde está situado a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, uma vez que, lixo e catadores/as encontram-se diretamente em contato, colaborando para a disseminação das denominações “lixeiros, candangos e trabalhadoras do lixo”, que, como tal, não equivalem ao real, mas tornam-se aceitas e propagadas socialmente, conforme ficou evidenciado nos depoimentos das mulheres entrevistadas nessa pesquisa.

Diante desse enovelamento, encontram-se os novos estudos realizados pela Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio para a construção de um aterro sanitário, a ser instalado em uma área distante do local onde, hoje, está em funcionamento o aterro controlado do Município. A esse respeito, apontou em entrevista Antonio Domingos Dal Más: “O caso de Epitácio hoje está atípico, porque as últimas valas já chegaram ao barracão [...]. Acabou a área, não tem onde enterrar o lixo, quatro alqueires terminados” (Antonio

Domingos Dal Más, coordenador do “Projeto Coleta Seletiva” de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

Apesar dos estudos já avançados para a construção de um novo aterro no Município, o objetivo do Poder Público Municipal, segundo ficou evidenciado na entrevista, parece associado, prioritariamente, à construção de um novo espaço para a deposição final do lixo gerado na cidade, de maneira que, a preocupação social para com as condições de trabalho das/os catadoras/as ainda continua a permanecer como plano secundário de investimento de políticas públicas.

Mesmo diante desse contexto social em que o jogo de forças apresenta contradições infundáveis, acredita-se que as trabalhadoras catadoras podem ser protagonistas de ações transformadoras, uma vez que o trabalho desempenhado por elas, além de alvo de representações, passa a ser enxergado, por uma parcela da população epitaciana, como fundamental no processo de diminuição dos problemas causados pelo lixo e dos fatores desencadeados por ele. Em relação a esses aspectos, ressaltou uma das sócias: “Tem gente que trata a gente ótimo: chegam a dar até Coca-Cola e café; chamam a gente para sentar” (M.A.S, 34 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 23 de abril de 2010).

Há momentos em que as mulheres da Associação são percebidas, pela população local, como pessoas fortes para o trabalho com os recicláveis. Nesse contexto, o corpo feminino passa a ser intuído como sinônimo de força frente às adversidades ambientais e sociais da atividade cotidiana com os resíduos sólidos, conforme relatou uma das entrevistadas: “Tem gente que trata bem e perguntam: nossa filha, como você aguenta esse sol? Quer uma água? Senta e descansa” (D.G.G.M, 26 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada no dia 08 de março de 2010).

Com o reconhecimento ou a percepção do real, ainda que tênue de seus trabalhos como uma atividade social e ambientalmente relevante, as entrevistadas dessa pesquisa têm conquistado, aos poucos, suas identidades enquanto mulheres e trabalhadoras. Todavia, esse processo acontece de forma lenta e com um alcance em longo prazo, em decorrência das adversidades que permeiam seus trabalhos e, sobretudo, na ruptura das marcas geradas por representações, conforme advertiu uma das entrevistadas:

Embora, a gente sofra alguns preconceitos e não tenha reconhecimento, trabalhar na Associação e saber todo benefício que a gente traz para o município é muito bom e eu sei que lá na frente, a gente vai ser reconhecida por isso, obrigatoriamente (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

Nessa perspectiva, entende-se que essas mulheres estão ressignificando o conceito de trabalho, atribuindo importância para uma atividade que, historicamente foi e ainda continua a ser desprezada e, mesmo, pouco considerada como trabalho, devido à situação de rejeição utilitário e de desprestígio social para quem faz uso diário do que é tido como obsoleto.

Portanto, o trabalho feminino na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio se apresenta permeado por ambiguidades, caracterizado por um estado de fronteira que demarca o positivo e o negativo, a inclusão e a marginalização, a valorização e a desvalorização. Trata-se de um trabalho que, ao mesmo tempo em que oferece às mulheres as condições para o sustento de si e de seus familiares, propicia também um movimento constante que tem gerado um conhecimento comum que, ao ser criado e apropriado socialmente, passa a ressignificar elementos que solidificam a falsa percepção do cotidiano delas com os recicláveis.

A partir disso, entende-se que rupturas estão sendo produzidas mediante um processo de desconstrução de um falso saber criado e apropriado socialmente, agora, reelaborado e dotado de novos significados e sentidos pelas mulheres entrevistadas nessa pesquisa. Porém, esse processo tende a acontecer de forma gradual e lenta, a partir do momento em que se entende que esse espaço vem contribuindo não somente para gerir sobrevivências, como também para se tornar o lugar de vivência de novas relações sociais, muitas delas, mediadas pelo desejo igualitário de gênero e de participação direta dessas trabalhadoras na sociedade, princípios que serão explicitados durante o próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

TRABALHO, GÊNERO E COTIDIANO: FRONTEIRAS ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

*Eu não conseguiria, hoje, ser só mãe e dona-de-casa e,
não ter o trabalho da Associação!*³³

³³ E.H.P, 33 anos. Sócia e Presidente da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio – ARPE.

Este capítulo objetiva evidenciar os significados que orientam as ações de homens e mulheres nos contextos privado do lar e público do trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Nesse sentido, busca-se entender como as/os entrevistadas/os conciliam vida familiar e trabalho remunerado e, como as relações de gênero e de poder recortam e atribuem sentidos às interações sociais estabelecidas nos limites físicos das atividades diárias com os recicláveis. Para tanto, serão retomados os conceitos de gênero e de divisão sexual do trabalho, apontados durante o primeiro capítulo, para, então, melhor analisar os objetivos propostos durante esse terceiro momento de reflexão da pesquisa.

É preciso destacar que, durante muito tempo, as mulheres estiveram relegadas ao âmbito privado do lar. Envoltas às representações que, erroneamente, lhes atribuíram uma imagem de sexo frágil, de indefesa e dependente da figura masculina, as mulheres do século XXI, em especial, as entrevistadas nessa pesquisa, estão a questionar a sua real posição na sociedade, ao desconstruírem o sentido negativo conferido pelas representações por meio da prática cotidiana com os recicláveis.

Nessa perspectiva, o Movimento Feminista do século XX apresentou considerável impacto no desenvolvimento de novas percepções que contemplaram a História das Mulheres e os estudos das Relações de Gênero. Desigualdades, anteriormente aceitas, passaram a ser socialmente deslegitimadas e as que, por sua vez, foram tidas como “verdades inquestionáveis”, passaram a ser passíveis de novos questionamentos.

Embora, se tenha tido importantes conquistas com relação à situação feminina nos espaços públicos, surge a necessidade de novas análises sobre a forma pela qual elas acontecem. Ao assumir esse pressuposto, pergunta-se: é possível falar em relações de gênero mais igualitárias dentro dos limites de trabalho na Associação estudada? Ou as práticas tradicionais de divisão sexual do trabalho ainda continuam a permear a vida e as atividades de mulheres e homens entrevistadas/os?

Utilizando-se das contribuições teóricas propostas por Bordieu (2003), Martins (1997/2000), Sarti (1996), Saffioti (1976/1994) e Scott (1992), esse capítulo busca responder esses questionamentos, até então, suscitados, bem como intenta refletir sobre o significado da categoria trabalho para as sócias e os sócios da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, no sentido de compreender, em que medida, ele tem atribuído (novos) sentidos e direções às suas vidas.

Por fim, ao se considerar o trabalho não somente um meio de gerir sobrevivências, como também um local que propicia o estabelecimento de novas práticas e pertencimentos

sociais, pode-se dizer que, a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio tem se apresentado como importante ambiente de manifestação real de vida das mulheres catadoras. Nela, as mulheres estão construindo condições para que tenham vida, gerem seus sustentos e, mais, se constituam trabalhadoras e sujeitos sociais.

Diante de tudo isso, inicia-se esse capítulo com o seguinte questionamento: Afinal, o que é então, trabalho?

3.1 Diálogos Conceituais Acerca da Categoria Trabalho

O trabalho, assim como é entendido hoje, passou por reformulações ao longo dos tempos e das sociedades. Etimologicamente, as palavras que mais se aproximavam dele – *labor e opus* – evidenciavam a pena física e moral, consequências do pecado original, ou ainda, uma forma de oferenda a Deus por todo o esforço humano, o *opus Dei*, tido como a liturgia dos monges.

Enquanto definição, Albornoz concebe-o como: “[...] a ação de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de um esforço rotineiro e repetitivo sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável” (ALBORNOZ, 1994, p. 09).

Hannah Arendt (2009) designa, por sua vez, três atividades relacionadas à condição humana o labor, a ação e o trabalho. O labor é definido pela autora como a atividade relacionada ao processo biológico do corpo, ou ainda, o trabalho do corpo pela sobrevivência. Enfim, a condição humana do labor é a própria vida. A ação corresponde à atividade exercida diretamente entre as pessoas, sem a mediação das coisas ou da matéria. Logo, ela está representada pela condição humana da pluralidade, o que diferencia o ser humano de qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir. Em relação à terceira atividade referente à condição humana, o trabalho, Hannah Arendt ressalta que:

[...] é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade (HANNAH ARENDT, 2009, p. 15).

As três atividades, o labor, a ação e o trabalho e, as suas respectivas condições, a vida, a pluralidade e a mundanidade estão intimamente relacionadas à existência humana. O labor assegura a sobrevivência do indivíduo e de sua geração; a ação proporciona condições para o estabelecimento da memória, isto é, da história do sujeito; e o trabalho, acompanhado de seu produto, o artefato humano, oferece certa materialidade, permanência e durabilidade ao tempo e às necessidades de homens e mulheres.

Na visão de Sarti (1996) o trabalho é concebido muito mais que um instrumento de sobrevivência material, visto que ele constitui o substrato da identidade, condição que proporciona a autonomia, a afirmação, a imagem positiva de si e a escrita social do ser humano.

Sob essa perspectiva, pode-se perceber o significado do trabalho na vida de uma das mulheres da Associação enquanto:

Meu sustento [...] É você ser independente, porque a partir do momento em que você tem o seu dinheirinho, você se torna uma pessoa independente, não depende de ninguém. Antes de trabalhar eu dependia da minha mãe, hoje não; com o meu dinheiro eu posso comprar o que ela comprava pra mim antes (D.G.G.M, 26 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

No depoimento da entrevistada, o trabalho atua como meio que a possibilita trilhar um caminho “rumo à independência”, não somente em termos econômicos, mas, sobretudo de espaço onde ela busca satisfazer suas próprias necessidades mediante a participação em uma atividade coletiva e remunerada.

Nas palavras de Saffioti (1976, p. 39) “[...] a atividade trabalho, nas diferentes formas que assume ao longo da história, não é senão o resultado histórico de lutas do ser humano com a natureza no processo social de produção de sua vida”. Assim, o trabalho para as mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio corresponde ao momento onde elas não somente buscam gerir sobrevivências, como também se torna o local por onde reedificam as suas relações sociais e sua própria percepção em relação à vida cotidiana:

O trabalho me faz bem, porque quando estou parada em casa, desempregada, eu começo a pensar nas coisas: começo a pensar em uma conta, em uma coisa ou outra e acabo ficando muito estressada em casa. Então, eu tenho que trabalhar. Ser independente. O trabalho é bom porque, ao mesmo tempo, em que você trabalha você ganha o dinheiro. Um dos motivos da gente trabalhar é o dinheiro também. É uma experiência que eu não tinha. Hoje, eu sei mexer com vários materiais, eu não sabia o que era nada disso. É bom pra cidade, porque ela fica organizada, porque a gente está limpando ela (E.S.P, 27 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

Percebe-se na narrativa da entrevistada uma série de elementos importantes que se interligam pelo exercício do trabalho. Primeiramente, como possibilidade de se constituir ser social e histórico por meio de uma atividade coletiva e remunerada; segundo, por lhe proporcionar transcender do espaço privado do lar para o público da Associação, o que lhe permite se perceber como pessoa ativa, dotada de valores e capacidades; terceiro, pela necessidade material, onde ele se concretiza como meio de sobrevivência nesse mundo social fortemente recortado pela diferenciação de classe e gênero; e, por último, um espaço, onde as mulheres se percebem a realizarem ações que beneficiam o Município do qual fazem parte.

Nas entrevistas e no comportamento diário das atividades desenvolvidas pelas sócias na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio foram recorrentes os comentários que fazem referência ao trabalho enquanto espaço que as propicia entrar em contato com novas visões de mundo, compartilhar experiências e comungar desejos e sofrimentos, atuando como uma espécie de “bengala”, a qual lhes oferece suporte para enfrentar as adversidades da vida. A esse respeito, eis que ressaltou uma das sócias: “Eu converso bastante com todas aqui da Associação e elas me ajudam muito. Se eu não estivesse aqui, já tinha feito alguma besteira, uma bengala onde eu me apoio” (L.F.S, 37 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

A trajetória de vida da entrevistada remonta uma série de dificuldades sociais vivenciadas na família. Nessa perspectiva, o espaço de trabalho, representado pela Associação de Reciclagem, atua como local onde ela consegue recarregar as forças para enfrentar os obstáculos da vida. Ao comparar seu local de atuação profissional com uma bengala, instrumento que oferece suporte a quem está debilitada/o, a entrevistada relata dois episódios de comportamento suicida que apresentou logo após enfrentar sérias dificuldades na família, no sustento financeiro e no relacionamento com as filhas:

Meu momento de felicidade é quando eu estou aqui (chorou). Se eu não estivesse aqui com as meninas, eu tinha feito uma besteira: já tentei dois suicídios quando descobri que a minha filha mais velha engravidou e a mais nova entrou no mundo das drogas e da prostituição (L.F.S, 37 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

Saviani (2002), em paralelo com trecho da entrevista, ressalta que a pessoa, muitas vezes, busca no mundo do trabalho novos papéis e responsabilidades que deem sentidos a sua vida. Esses significados, por sua vez, tornam-se necessários para ela a partir do momento em que os recursos provenientes da vida humana se esvaem com os infortúnios que enfrenta cotidianamente. Assim, o ambiente de trabalho da Associação tem representado, para muitas

dessas mulheres, um local de partilha dos sofrimentos e um território por onde canalizam seus impulsos e externalizam seus sentimentos, ao atuar como meio de catarse na elaboração de seus conflitos.

Em outro momento de entrevista, percebe-se ainda o ambiente da Associação como local de refúgio para algumas delas em relação aos problemas que vivenciam em suas famílias e no âmbito privado do lar. Ao responder sobre o significado do trabalho em sua vida, uma das sócias o relatou enquanto: “Prazer, [pausa] rua. **Fugir de casa**, esse é o motivo, **fugir de casa**, dos problemas” (M.A.S, 34 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 23 de abril de 2010/ grifo nosso).

Diante do trabalho, a entrevistada estabelece uma fronteira que a faz perpassar o âmbito privado do lar. Nessa perspectiva, o termo “fugir de casa”, repetidos duas vezes em um pequeno trecho de entrevista, evidencia que, o lugar que deveria se apresentar como um local de aconchego e de segurança denota aparentar um ambiente que aprisiona e do qual a entrevistada parece fugir. Logo, o lugar que, historicamente possibilitava as pessoas se sentirem mais seguras – a casa – passa a se tornar, especialmente para as mulheres entrevistadas, um local de cativo ou em outras palavras, de privacidade, conforme evidenciou Hannah Arendt (2009).

Nas palavras de Sarti (1996, p. 76) “[...] o trabalho pode lhe proporcionar a gratificação de pelo menos, sair de casa – uma atividade que a reitera do confinamento doméstico”. Nesse sentido, “fugir de casa” implica atenuar o pensamento em relação aos problemas que acontecem dentro de seus espaços físicos e simbólicos e onde o espaço público, representado pelo trabalho que exercem na Associação, lhes confere olhar para novos horizontes, não mais restritos à manutenção da família, mas como local onde passam a reiterar o sentido da vida humana e mais especificamente do tornar-se mulher:

O trabalho me abriu uma fronteira que eu não conhecia. Eu achava que a minha vida era do portão para dentro da minha casa, com minhas filhas. Hoje, eu vejo que tem um mundo lá fora, com várias pessoas, situações e personalidades. Muita coisa para aprender (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

O rompimento do isolamento no lar e a participação na esfera pública são aspectos primordiais que implicam no reconhecimento de novos horizontes e novas formas de vivenciar a vida para a entrevistada. Alude, ainda, a busca por um caminho pelo qual passa desvendar e, concomitantemente, participar do contexto social, não mais reduzida ao plano doméstico e à maternidade.

Assim, o trabalho na Associação, ainda que, marginalizado em muitos contextos da sociedade, representa o espaço de lutas coletivas dessas mulheres em favor da manutenção da vida, um local de trocas dialógicas e de reprodução dos anseios de um grupo que busca, dentre outras possibilidades, o reconhecimento social, conforme apontou uma das entrevistadas:

O trabalho pra mim hoje está no sangue, porque eu tenho uma meta. A minha meta na Associação enquanto catadora de material reciclável é ser reconhecida enquanto profissional. Então, o trabalho além de ir para rua, pegar material, vender esse material não é só o meu sustento, mas vou em busca do reconhecimento da minha categoria, reconhecimento do que eu faço, porque o catador de material reciclável hoje sofre preconceito de algumas pessoas. Catador de material reciclável não é reconhecido como profissional. Hoje, ser reconhecida como profissional, vai além do dinheiro, o trabalho é um pouquinho da minha vida, faz parte de mim. O trabalho não é só vir pegar o meu dinheiro, mas ajudar no reconhecimento pela nossa categoria de trabalho não só como sócia e mulher, mas pelas mulheres e até pelos homens da Associação. Buscar a valorização, porque certas pessoas acham que o que fazem para gente está bom demais e o dinheiro que a gente pega está bom para casa. A gente quer reconhecimento econômico e social. O trabalho, então, é mais que um meio de sustento da família, é estar na militância (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

A própria configuração do trabalho, apresentada na entrevista, evidencia os anseios de reconhecimento, valorização e participação na vida pública para essas mulheres, o que, por sua vez, assume maiores dimensões na vida humana. Implica a busca do torna-se mulher, construtora e protagonista de sua própria história. Alude, ainda, a busca pelo reconhecimento enquanto pessoa, grupo e movimento social que tem construído suas histórias a partir de uma trajetória de buscas pela sobrevivência e pela possibilidade de combater os paradigmas sexistas que, por muito tempo, negligenciaram a participação das mulheres no âmbito do trabalho não restrito ao lar.

Nesse sentido, trabalhar não deriva tão somente o sinônimo de sobrevivência física. Implica mais do que isso: significa desenvolver-se social e humanamente, o que proporciona a satisfação de outras necessidades que não se reduzem somente aos aspectos financeiro e/ou de subsistência, mas também permite a objetivação de sua escrita histórica e social. Logo, a constante busca pela valorização e pelo reconhecimento como mulheres, trabalhadoras e pertencentes a um grupo social, lhes proporcionam fazer parte do “combate, da participação e atuação”, enfim, da “militância” por melhores condições de trabalho e vida.

Em consonância a esses fatores, pode-se dizer que as mulheres entrevistadas nessa pesquisa conferem múltiplos sentidos e significados ao trabalho que desenvolvem na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Esses sentidos são vivenciados de forma

objetiva e concreta mediante a busca pelo sustento financeiro de si e de suas famílias, subjetivamente ressignificados a partir do momento em que essa atividade assume importância fundamental no processo de sociabilidade dessas trabalhadoras.

Já dizia Antunes (1995) que a ação do trabalho consiste na transformação de algum aspecto da realidade. Ao ser transformado a parte material, o mundo subjetivo também se constrói e reconstrói. Estas realidades permitem às mulheres entrevistadas impulsionarem novos projetos, ideias e novas objetivações. Em suma, o trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio se apresenta complexo e contraditório, uma vez que possibilita o desenvolvimento de (novas) relações sociais nesse espaço de produção e, concomitantemente, resulta em consequências que não se limitam à sua finalidade imediata – o reconhecimento social e profissional.

No âmbito da reprodução social, as novas necessidades e possibilidades geradas pelo exercício do trabalho vão dar origem a novas relações que se estruturam sob a forma de complexos ou teias sociais. Nas palavras de Martins (2000) esse fenômeno é caracterizado por um processo de sociabilidade, mediado pela presença de um significado compartilhado em momentos de interação entre as pessoas de um determinado grupo. Em outras palavras, a sociabilidade também pode ser concebida como um processo ligado à solidariedade. Ao refletir sobre essa temática, Menegat ressalta que o espaço gerado pela solidariedade permite estabelecer “[...] uma relação com o outro, ter espaço e tempo para conhecer o outro” (MENEGAT, 2009b, p. 88).

Assim, durante essa pesquisa, foram percebidos laços de sociabilidade no trabalho desenvolvido por homens e mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Em momentos variados das entrevistas, as sócias e os sócios relataram as suas preocupações com os/as companheiros/as de trabalho, bem como, sabiam informar não somente quem eram seus parceiros/as de atividades como também ressaltavam aspectos referentes à trajetória de vida do grupo, em suas particularidades e totalidades:

Com o decorrer e com as dificuldades que a gente passou a ter que se preocupar pelo grupo e não a olhar para si próprio, eu aprendi a olhar no geral, as necessidades de cada um. Você sentir a necessidade, as dificuldades deles, faz a gente arrumar um jeito de tentar resolver o problema de todos eles. Então, isso hoje pra mim, não tem o que dizer: é algo muito bom. Você aprende a amar a Associação, a brigar pela Associação (M.R.P, 43 anos. Sócia, líder de barracão e tesoureira da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada no dia 08 de março de 2010).

Em consonância à narrativa da entrevistada, pode-se perceber a presença de laços de solidariedade mediante a contemplação do trabalho como meio de manifestação real de vida

dessas mulheres. Logo, esse espaço de trabalho se apresenta não somente como um meio para se conseguir viver, mas passa a ser um local de revelação de vida delas, ambiente onde compartilham experiências, comungam desejos e lutam coletivamente por melhores condições de trabalho e vida.

Em outras palavras, pode-se dizer que, o processo de sociabilidade, encontrado na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, faz referência às palavras de Bauman (2003) sobre o conceito de Comunidade. Segundo o autor, estar em comunidade permite ao indivíduo o compartilhamento de ideias, a troca de experiências e aspirações contrastantes. Proporciona ainda, “[...] à procura de soluções coletivas para problemas individuais” (BAUMAN, 2003, p. 60). Assim, estar em comunidade, possibilita às mulheres entrevistadas, compartilhar experiências e novas formas de vivenciar a vida.

Sob outro prisma, há que se considerar a questão de classe como elemento essencial para o direcionamento, organização e estruturação de grupos de catadores/as. Nessa pesquisa, esses conceitos tomam forma sob o contingente do desemprego, que culmina na dificuldade desses/as trabalhadores/as em ingressarem no mercado de trabalho formal, com direitos e garantias propostos em lei e de qualquer outra forma de proteção social.

Esses fatores foram evidenciados em momentos variados desse estudo, quando as sócias e os sócios descreveram os muitos entraves para a obtenção de um trabalho em outro setor de produção. Assim, um ponto específico e alusivo à Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio refere-se também ao acolhimento de pessoas em estado de marginalização e vulnerabilidade social, vinculadas ao tráfico ou ao consumo anterior/atual de drogas, à vivência de relações homossexuais, à presença de pessoas portadoras de algum tipo de distúrbio mental ou/e psíquico, de histórico anterior ou atual de alcoolismo e de detenção policial precedente à entrada na Associação. Em relação a esses fatores, eis que declarou um dos entrevistados:

Por mais que a gente queira mudar, se regenerar, aqui em Epitácio é difícil. Procurei serviço em todo o lugar e a opção que eu tive foi essa [...] Por mais que a pessoa queira mudar, o preconceito, eles não acreditam mais na capacidade da pessoa mudar. Achar que porque fez isso, pra sempre vai fazer. Mas, eu quero mudar. Se eu não quisesse mudar, eu estaria aqui num lugar desses? Correndo risco e trabalhando com o lixo? (C.J, 26 anos. Sócio da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

O entrevistado assinala os fatores que levaram o seu direcionamento para o trabalho com os recicláveis, após ter enfrentado seis anos de detenção em um presídio da região. Nesse sentido, constata-se que, a mesma sociedade que tem dirigido uma parcela significativa da

população ao crime ou a atos socialmente desqualificados, tem agregado posteriormente essas pessoas em precárias condições de atuação profissional, de forma a dar continuidade ao processo de marginalização social, sob a configuração mascarada de inclusão.

Em consonância a esses fatores, o Artigo 80 do Estatuto da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, afirma uma posição contrária a qualquer forma de discriminação dentro do ambiente de trabalho, conforme pode ser observado na análise do documento: “Dentro das atividades da ARPE, ficam proibidos qualquer tipo de discriminação, seja por: raça, idade, sexo, etnia ou religião” (Artigo 80 do Estatuto da ARPE, de 21 de março de 2003. p. 11).

Nessa linha de raciocínio, Martins (1997) assinala que a exclusão seria um momento constitutivo das formas de inclusão do capitalismo. Dessa forma, o autor vem lançar a seguinte pergunta: Por que a exclusão torna-se mais visível socialmente? A resposta a esta questão está relacionada ao fato de se encontrar na sociedade capitalista e monopolista a raiz que exclui, que marginaliza e desagrega indivíduos de sua condição humana e social, ao incluí-los, de maneira fragmentada e unilateral, ao próprio mundo excludente.

A esse respeito, afirma ainda Martins que:

O Capitalismo, na verdade desenraíza e brutaliza a todos, exclui a todos. Na sociedade capitalista essa é a regra estruturante: todos nós, em vários momentos de nossa vida, e de diferentes modos, dolorosos ou não, fomos desenraizados e excluídos. É próprio dessa lógica de exclusão, a inclusão. A sociedade capitalista desenraíza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica (MARTINS, 1997, p.32).

O termo exclusão é, para o autor, a extensão de formas cada vez mais precárias de inclusão. Portanto, para ele, a questão fundamental continua sendo a das desigualdades produzidas pelo capital, sendo elas as marcas da disparidade vivenciada pela sociedade contemporânea. Esses aspectos podem ser percebidos a partir do momento em que um dos sócios respondeu sobre o significado do trabalho em sua vida, enquanto:

[...] uma forma de sobrevivência, sem serviço você não faz nada: não come, não vive. Então, a gente trabalha, não porque a gente gosta, mas pela necessidade, pela obrigação [...] É a necessidade mesmo, para não fazer coisas erradas, a gente procura trabalhar. Se você está trabalhando, não vai matar, não vai roubar (W.D.T, 26 anos. Sócio da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

Nas palavras do entrevistado, o trabalho se apresenta mediante duas posições distintas de análise: a primeira, como sinônimo de sofrimento e de pesar, ao atuar como meio de sobrevivência e sustento financeiro, sem demonstrar o fator positivo do prazer em tê-lo

como atividade para a sua vida; segundo, enquanto mecanismo que lhe possibilita gerir a sua própria vida e de sua família, a partir de uma atividade validada socialmente como honesta. Ao relatar que “estar trabalhando, não vai matar, não roubar”, o entrevistado passa a sublimar possíveis comportamentos que ele considera “coisas erradas” para responder positivamente e por meio de seu trabalho, as adversidades que enfrenta cotidianamente em sua vida.

Ao levar em consideração esses fatores, pode-se dizer que, o trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio representa para os homens e, sobretudo para as mulheres entrevistadas, um meio de sociabilidade, de catarse na elaboração de seus conflitos, de sustento financeiro frente as suas atuações em uma atividade considerada honesta e, sobretudo de participação na vida social enquanto mulheres/homens e profissionais. Alude, ainda, um ambiente que acolhe o que/quem a sociedade discrimina, ao possibilitar a construção de novas relações sociais e o pertencimento ao que Bauman (2003) definiu por comunidade.

Ademais, durante as entrevistas e observações da prática cotidiana das sócias e dos sócios na Associação, evidenciou-se que as mulheres conseguem minimizar os efeitos negativos gerados pela elaboração e o compartilhar das falsas percepções do real, socialmente construídas sobre o trabalho com os recicláveis. Em momentos variados das entrevistas, era comum, as sócias afirmarem que: “o trabalho na Associação representa parte de suas vidas”. Destarte, o fator financeiro, apesar de essencial, não tem atuado isoladamente no trabalho local da reciclagem. Outro ponto importante refere-se à concepção que as mulheres entrevistadas conferem a esse espaço, não somente como meio de produção e de sobrevivência, como também de manifestação real de vida de pessoas e do grupo organizado em torno do trabalho com os resíduos sólidos, com suas nuances, particularidades e contradições.

Em relação aos homens, o trabalho na Associação se apresenta como uma barreira difícil de ser rompida, uma vez que esbarra nas adversidades pautadas na baixa remuneração, na falta de reconhecimento profissional e, sobretudo no processo voltado à desconstrução das representações e significados estabelecidos social e historicamente acerca da figura do catador. Nessa perspectiva, eis que ressaltou um dos entrevistados:

Hoje, eu gosto. Nas primeiras vezes que eu entrei para trabalhar com a reciclagem eu vim para o barracão. Depois que me mandaram para a rua, para trabalhar no caminhão, eu fiquei louco da vida. Queria até sair. Tinha vergonha: as pessoas me verem catar lixo! (E.R.F, 39 anos. Sócio da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

No depoimento do entrevistado, o “catar lixo” está associado à vergonha diante da execução de uma atividade que histórica e socialmente foi e ainda continua a ser desprestigiada, visto a sua situação de descarte utilitário e invisibilidade social para quem faz uso do que culturalmente se considerou/a obsoleto. Nesse contexto, as representações atuam de modo a estabelecer relações de poder entre as pessoas: de um lado, os ricos com o seu consumismo e desperdício desenfreado; de outro, os pobres que, sem melhores oportunidades de emprego, buscam naquilo que a sociedade considera o fim, estabelecer o início de tudo – a sobrevivência, a possibilidade de participação na vida pública e sua escrita social – nesse mundo fortemente recortado pela diferenciação de classe, gênero e etnia.

Esses processos, descritos anteriormente e enfatizados na fala do entrevistado, fazem referência às metamorfoses geradas no mundo do trabalho, a qual remete a toda uma discussão sobre a sociedade globalizada, tecnificada e intelectualizada, onde o trabalho manual deixa de ser essencial. Por isso, a negação do lixo. Isso porque, há um movimento da sociedade que abandona o trabalho braçal, conferindo à atividade intelectual maior prestígio social e importância salarial.

Na sociedade de consumo – flexível, líquida, globalizada – tem-se um colapso entre o que realmente importa e o que não importa, do produto útil e do refugo, da ordem e da desordem. Diante de tudo isso, pergunta-se: O que é lixo, diante de tantas formas de transformação de objetos mortos? Como resposta, pode-se afirmar que, são transformações da matéria, até então, considerada morta e sem valor, associada às mudanças manuais e simbólicas geradas a partir de sua manipulação, o que faz com que essa matéria, aparentemente morta, não seja apenas sinônimo de descarte, mas possibilidade de sobrevivência e visibilidade para as mulheres, com as quais dialoga essa pesquisa.

Logo, abordar o tema trabalho e sua interação com os conceitos de gênero requer uma análise mais aprofundada. Para tanto, torna-se necessário destacar o papel do Movimento Feminista e conseqüentemente, o advento dos estudos das Relações de Gênero como categoria de análise na histografia e fenômeno relacional. Só a partir deles, poderá se chegar à compreensão de pontos importantes que se referem aos espaços demarcados pela divisão social e sexual do trabalho no contexto da sociedade capitalista e, em um âmbito particular, refletida nas práticas cotidianas das sócias e dos sócios da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

3.2 Gênero e Trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio: novas práticas e velhas continuidades

É preciso destacar que as contribuições geradas pelo Movimento Feminista da segunda metade do século XX foram essenciais para a elaboração de um novo olhar sobre a História das Mulheres e para o advento dos estudos das relações de gênero. Tal Movimento se propôs a conhecer e a desmistificar as raízes naturais e históricas que se tornaram determinantes para a elaboração de uma visão fragmentada e funcionalista sobre homens e mulheres no contexto social.

O Movimento Feminista buscou questionar os mitos, tabus e exigências atribuídas às mulheres tanto no espaço público quanto no privado. Questionador não só da opressão machista como também dos códigos da sexualidade feminina e dos modelos de comportamento impostos pela sociedade de consumo, tal Movimento se propôs contrapor os padrões universais de mulher e de família, historicamente construídos.

Ao possibilitar uma reflexão aprofundada sobre o lugar social e histórico dado às mulheres e ao questionar, de diferentes maneiras, a condição feminina nos espaços da vida privada e pública, o Movimento Feminista objetivou ainda discutir sobre as identidades de gênero, de forma a contemplar um entendimento das relações entre homens e mulheres e das significações que envolvem os conceitos de feminino e masculino na sociedade.

De acordo com Scott (1992) o termo gênero surgiu na tentativa de designar as relações sociais entre os sexos. Salieta a autora que:

No seu uso mais recente, o termo gênero parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual' [...] Nos Estados Unidos, o termo gênero é extraído tanto da gramática, do uso da linguística, quanto dos estudos de sociologia dos papéis sociais designados às mulheres e aos homens. Embora os usos sociológicos de 'gênero' possam incorporar tônicas funcionalistas ou essencialistas, as feministas escolheram enfatizar as conotações sociais de gênero em contraste com as conotações físicas de sexo (SCOTT, 1992, p. 86).

Todo esse arcabouço teórico-político vai cunhar o que no campo das Ciências Sociais e da Historiografia se denominou de Questões de Gênero e esta passou a ser atrelada aos estudos de classes e outras hierarquias transversais como as de etnia e geração. Estes aspectos são evidenciados nos estudos de Saffioti, ao ressaltar o termo gênero como sendo:

[...] tanto um construtor sociocultural quanto um aparelho semiótico, um sistema de representações que atribui significado a indivíduos dentro da sociedade. Ora o devir das representações vai modelando homens e mulheres, produzindo, assim, diferenças de gêneros (SAFFIOTI, 1994, p. 153).

Portanto, as relações de gênero são norteadas pelas diferenças sociais entre homens e mulheres, caracterizadas, ao longo dos anos, por desigualdades e suas decorrentes violências. Este universo, pautado na fragmentação e na diferença sexual, passou a ser questionado, tanto no que se refere à participação feminina no espaço público quanto àquele inerente ao lar.

Visto como um conceito plural e fundamentado nas relações históricas e sociais, as relações de gênero se estabelecem mediante três principais características: a dimensão relacional, como construção social da diferença entre os sexos e, por fim, como um campo primordial onde se articula as relações de poder. Este novo ângulo de análise, sustentado por Scott (1992), se vê reforçado nas ideias de Foucault sobre as noções de poder. Nas palavras de Foucault (2000) o poder se apresenta não localizado em termos de estrutura fixa. Ao ser concebido como um poder *in fluxu*, que se organiza e se orienta segundo um campo de forças, marcadas por hierarquias e desigualdades, ele, o poder, se mostra um fenômeno complexo que institui e cria significados de domínio entre as pessoas.

É nesse ínterim que os estudos de gênero assumem relevância especial, uma vez que se relacionam com importantes conceitos ligados a participação feminina no mundo do trabalho e das continuidades e rupturas que permeiam a trajetória das mulheres no espaço da vida pública. Nessa perspectiva, a História das Mulheres e a sua participação no mundo do trabalho têm consistido em temas centrais de discussões acadêmicas, como aquelas enfatizadas nos estudos de Bruschini e Lombardi (2002) e Hirata e Kergoat (2007) e, por conseguinte, tem merecido atenção especial nessa pesquisa.

Nessa perspectiva, faz-se importante destacar que, apesar das adversidades, gradualmente, as mulheres estão a ampliar o seu espaço na economia nacional. Esse fenômeno ainda é lento, mas constante e progressivo. Em 1973, 30,9% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil eram do sexo feminino. Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), em 1999, elas representavam 41,4% do total da força de trabalho, correspondendo, aproximadamente, 33 milhões de pessoas no Brasil. Em 2000, os dados assinalaram um percentual de mais de 62 mil mulheres que ingressaram pela primeira vez no mercado de trabalho no país.

Ao analisar este fenômeno deve-se levar em conta duas posições distintas de análise. A primeira é que as mulheres deixaram de ser apenas uma parte da família para comandá-la em algumas situações, conforme evidenciado no primeiro capítulo desse estudo, quando

apresentado o número considerável de sócias que são co-provedoras, ou ainda, as únicas responsáveis pelo sustento financeiro doméstico. A segunda posição é que, mesmo ocupando números mais significativos de participação no mercado de trabalho no país, suas atuações ainda acontecem de forma precária e informal, de acordo com o que foi demonstrado nessa pesquisa, em relação à falta de possibilidades de emprego no setor formal e, conseqüentemente o direcionamento das mulheres entrevistadas para as atividades com os recicláveis.

Em consonância a esses fatores, há que se destacar a presença de uma velada divisão sexual do trabalho entre as sócias e os sócios da ARPE. Assim, as atividades entendidas como “tipicamente masculinas na Associação” estão representadas pelos trabalhos de prensa, montagem de fardos, carregamento dos materiais e direção do caminhão pelas ruas da cidade durante o momento de coleta dos resíduos nas residências. Já os trabalhos desempenhados pelas mulheres estão vinculados às atividades de limpeza, de cozinha – café e preparação de marmitas – triagem dos resíduos, lavagem e separação dos materiais provenientes de indústrias e coleta dos recicláveis, realizada de porta em porta, pelas ruas de Presidente Epitácio.

A divisão de trabalho na Associação é estabelecida pelas sócias/os responsáveis pela direção geral e pelas lideranças de barracão e de rua. No momento em que começam a fazer parte do quadro de associadas/os da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, homens e mulheres são dirigidos/as para as atividades, anteriormente relatadas. Tais trabalhos não são cristalizados, isto é, pode haver a rotatividade de pessoas em outras atividades, desde que haja a necessidade de remanejamento para outros trabalhos não ligados a sua área de execução. Outro ponto significativo é que, não foram encontradas resistências, tanto da parte dos homens quanto das mulheres em desempenhar as atividades que lhes foram confiadas. Elas somente acontecem quando as sócias e os sócios são dirigidas/os para trabalhos opostos ao que executam em relação ao fator sexo, expressos pela divisão de atividades “consideradas de homens e de mulheres” dentro dos limites físicos de trabalho local com os recicláveis.

A esse respeito, eis que assinalou a Presidente da Associação durante entrevista:

A gente tenta deixar o trabalho mais pesado para os homens: o trabalho de caminhão, a carga de 1.500 kg [...] o trabalho de prensa a gente tenta deixar para os homens [...] A coleta de porta em porta, a gente acha que o relacionamento da mulher com a dona de casa é melhor, pra conseguir convencer a dona de casa a estar separando o material. Quando acontece algum problema, elas se sentem mais a vontade com as mulheres (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem der Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 outubro de 2010).

Um aspecto a ser ressaltado é que a divisão sexual do trabalho continua a sustentar uma multiplicidade de formas de convívio social e, em especial, encontram-se refletidas entre as sócias e os sócios da Associação estudada. Portanto, as relações de gênero tornam-se um referencial essencial quando se trata de aferir igualdade a homens e mulheres na sociedade, sobretudo no mundo do trabalho – doméstico ou remunerado – local onde as relações de poder assumem maior força na perpetuação de antigas desigualdades sociais.

Nessa pesquisa, esses conceitos encontram-se refletidos nas práticas e nos comportamentos diários das sócias e dos sócios, mediante as atividades “tidas como masculinas – ligadas ao esforço e ao vigor físico” – e aquelas desempenhadas exclusivamente pelas mulheres – relacionadas à imagem do lar, às práticas domésticas e, sobretudo de identificação às condições de/com as “donas-de casa” – no momento em que realizam a coleta dos resíduos nas residências epitacianas.

Dentre as atividades desempenhadas pela Associação, o trabalho de coleta de resíduos nas ruas da cidade é o que confere o maior estigma as/os sócias/os da ARPE. Este fato, conforme já salientado anteriormente, estabelece um espaço de fronteira que demarca o positivo e o negativo, a valorização e desvalorização do/a catador/a. É, pois, nesse contexto que se concentra um número maior de mulheres no espaço estudado, uma vez que ele é concebido, tanto pelos sócios quanto pelas sócias como “uma atividade tipicamente feminina”, por estar vinculada ao contato direto com “as donas-de-casa do Município” e também por não estar ligada ao trabalho físico forçado.

Porém, é preciso destacar que o direcionamento feminino para a atividade de coleta nas residências não está intimamente relacionado ao fato desse trabalho “ser considerado mais leve fisicamente, ou ainda, conexo ao maior poder de convencimento das mulheres em relação às donas-de-casa”. Ao contrário, tais pressupostos se fundamentam na ideia de que ele propicia uma maior exposição das catadoras em relação à população do Município, momento em que são percebidas como “trabalhadoras e guerreiras”, como também passam a receber as denominações de “lixeiros e de pessoas sem valor”, por estarem em contato diário com o material, até então, descartado pela sociedade.

É no momento da coleta dos resíduos que as mulheres mostram-se fortes para o trabalho na catação e em especial, passam a dar novos significados às atividades que desenvolvem no âmbito local dos recicláveis, ao desconstruírem os sentidos sociais conferidos pelas representações. Os homens, por sua vez, permanecem, em sua totalidade, nas

atividades de barracão, local onde o acesso a população do Município é quase nulo e, conseqüentemente, a atuação e expressão das representações são menores.

Esse entrecruzamento de representações sobre o feminino e o masculino, anteriormente descrito, evidencia a questão proposta nas ideias de Bordieu, que fundamenta o esquema teórico do que ele denominou de *habitus*. Segundo o autor, o *habitus* caracteriza-se por:

Um sistema de disposições duráveis e transferíveis que integram todas as experiências passadas, que funciona a todo o momento como matriz de preocupações, apreciações e ações. O *habitus* torna possível o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas, da mesma forma, graças às correções incessantes dos resultados obtidos e dialeticamente produzidos por estes resultados (BORDIEU, 1972/2003, p. 178).

Embora, seja possível localizar a presença do conceito de *habitus* em obras mais antigas do autor, o texto selecionado acima, escrito em 1972, refere-se a um dos primeiros momentos de sistematização e formalização do conceito. Segundo Bordieu (2003), o *habitus* gera as práticas e, por conseguinte, as representações, sendo elas, muitas vezes, deturpadoras de sentido. Nesse contexto, acaba por existir um sistema de disposições que confere significado às ações e às falsas percepções do real. Enfim, trata-se de um aparato que adentra as consciências e perpassa as práticas e estruturas sociais e individuais, ao conferir papéis e espaços a homens e a mulheres, em desacordo às concepções sustentadas pelo gênero.

Nesse sentido, destaca-se que o acesso das mulheres ao trabalho remunerado mostra-se ainda condicionado ao que Araújo e Scalon (2005) denominaram de “domesticidade das relações de trabalho”. Sob essa perspectiva, um dos sócios descreveu o trabalho das mulheres na Associação de Reciclagem como: “Pra mim é bom, que ajuda em casa. É bom que as mulheres se ‘ferram’ trabalhando um pouco. Só os homens?” (E.R.F, 39 anos. Sócio da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

No depoimento do entrevistado, o trabalho feminino na Associação de Reciclagem atua como ajuda financeira em casa. De fato, as representações polarizam o termo “ajuda como conceito próprio às mulheres”, ao obedecer a uma hierarquia de poder, historicamente estabelecida entre os sexos. Logo, o caráter de “não trabalho”, vinculado a esfera privada e culturalmente atribuído às mulheres, propicia sentido à divisão sexual do trabalho, a qual demarca fronteiras imprecisas entre o feminino e o masculino na sociedade. Esses aspectos são analisados por Tedeschi, ao afirmar que:

A divisão sexual do trabalho condiciona formas diferenciadas de inserção social para homens e mulheres, existindo uma identificação cultural entre atividades e papéis para cada um dos sexos. Às mulheres correspondem atividades de reprodução social da família; aos homens corresponde a função de provedor das necessidades materiais do grupo. Numa sociedade onde prevalecem a ordem mercantil e a cultura patriarcal definidora dos papéis de gênero, a identidade feminina supõe uma posição subordinada e dependente em relação ao homem, obedecendo à hierarquia de poder estabelecida (TEDESCHI, 2009, p. 149).

Nessa perspectiva, há que se fazer referência ao caráter sádico conferido pelo entrevistado em relação ao trabalho feminino. Ao dizer que “só os homens trabalham”, sua fala vem remeter a um importante questionamento sobre o papel desempenhado pelas mulheres ao longo da história, marcado pelo contexto da vida privada e sua decorrente concepção de “não trabalho social”, uma vez que, durante muito tempo, ele foi marcado pela indiferença social e desprovido de qualquer remuneração salarial.

A percepção masculina em relação às atividades desempenhadas pelas mulheres no ambiente doméstico ainda encontra-se relacionada à concepção de “trabalho auxiliar”. Este fato não se mostra como algo novo. Pesquisas como aquelas enfatizadas por Araújo e Scalon (2005), Oliveira (2005) e Menegat (2009a) assinalam para o caráter secundário atribuído pelos homens em relação ao trabalho doméstico. Esses aspectos foram evidenciados na fala anterior do entrevistado e em outros momentos desse estudo, quando os sócios ressaltaram as seguintes frases que fazem referência à participação feminina e masculina na Associação: “É bom que elas ajudam em casa”; “Eu gosto é do trabalho de macho”; “Esse serviço é coisa de mulher”; “Elas não vão dar essa moleza pra gente”. Tais aspectos evidenciam a manifestação das representações sobre o que seria tido como “tipicamente feminino e masculino” de forma a estabelecer e a perpetuar antigas práticas de divisão sexual do trabalho na Associação estudada.

De acordo com os dados analisados nesse estudo, os homens acreditam realizar mais atividades e estarem vinculados, em sua maioria, aos trabalhos mais pesados do que aqueles desempenhados pelas mulheres dentro do espaço local de manuseio dos recicláveis. Ao relatarem as atividades que exigem maior esforço físico – prensa, montagem de fardos e carregamento dos materiais – como “coisas de macho” e aquelas vinculadas ao plano doméstico e de menor esforço físico – limpeza, preparação dos alimentos, triagem e lavagem dos resíduos – como “trabalhos femininos”, homens e mulheres continuam a perpetuar a adesão polarizada e hierarquizada de fragmentação dos espaços sociais de acordo com o fator sexo.

Esses aspectos encontram-se também interligados à questão salarial das sócias e dos sócios da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Exemplo disso foram os resultados obtidos pelos homens, quando os seus rendimentos se concentraram no valor de R\$ 600,00 reais, ao passo que a renda salarial, apresentada pelas mulheres, variou de R\$ 430,00 a 500,00 reais ao mês, durante o momento de pesquisa. Esse fato, sustentado pelas diferenças salariais, encontra-se alicerçado na ideia de que os sócios realizam atividades “mais desgastantes e que exigem maior esforço físico” do que aquelas desempenhadas pelas sócias na Associação.

Quando questionados a esse respeito, os homens e, sobretudo as mulheres entrevistados/as acreditaram “ser justa e correta a divisão de trabalho” e, por conseguinte, a discrepância de remuneração mensal entre eles/as. Logo, esses aspectos passam a ser internalizados socialmente de uma forma sutil e naturalizada, conforme assinalou Tedeschi:

Portanto, o que está em evidência não é força física necessária para executá-lo, e sim quem o realiza: trabalhos realizados por mulheres e crianças são considerados leves; trabalhos realizados por homens são considerados pesados. A essa classificação estão associadas diferentes remunerações, sendo maiores para o trabalho pesado (TEDESCHI, 2007, p. 168).

Em contraponto, foi percebido que, durante os momentos de crise financeira vivenciada pela Associação, as mulheres passaram a ocupar, unanimemente, os cargos e postos de trabalhos, até então, desempenhados somente pelos homens. Tal fato demonstra, dentre outras particularidades, que a força física, ou ainda, os traços anatômicos apregoados como essenciais na delimitação de papéis pelas teorias sexistas são passíveis de questionamentos sobre a posição ocupada pelas mulheres na sociedade e, em um âmbito mais particular, nas próprias formas de divisão de papéis dentro dos limites de trabalho da Associação estudada.

Para tanto, faz-se necessário desconstruir os arraigados valores identitários, marcados por formas sutis de exercício de poder da autoridade masculina. Esses valores, por serem apropriados de uma maneira perspicaz e, por sua vez, efetivados nas relações sociais, conferem sentidos que, muitas vezes, passam a serem aceitos pela própria mulher. Dessa forma, os papéis socialmente construídos, tendo como base a constituição de valores e comportamentos dominantes do poder androcêntrico são, em alguns momentos, incorporados pelas sócias da Associação mediante o que Chartier denominou de consentimento. Para ele:

Reconhecer assim os mecanismos, os limites e, sobretudo, os usos do consentimento é uma boa estratégia para corrigir o privilégio longamente concedido pela história às “vítimas ou rebeldes”, ativas ou atrizes de seu destino, em detrimento das mulheres

passivas, consideradas com demasiada facilidade como aquiescentes à sua condição, embora juntamente com a questão do consentimento seja totalmente central no funcionamento de um sistema de poder, quer seja social e/ou sexual. Nem todas as fissuras que fendem a dominação masculina assumem a forma de rupturas espetaculares nem se expressam sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Elas nascem frequentemente dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão (CHARTIER, 2002, p. 96).

Esses aspectos fazem referência à construção social e cultural sobre as ações normatizadoras que têm regido as relações entre homens e mulheres na história. No caso estudado, tais aspectos encontram-se refletidos nas ideias atribuídas pelas mulheres em relação ao trabalho que desenvolvem na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Quando indagadas a respeito da divisão de papéis e execução diária das atividades de limpeza e de cozinha na Associação e, sobretudo do fato de os homens sócios terem ou não compartilhado tais trabalhos, uma das entrevistadas respondeu:

Só uma vez que, as mulheres estavam irritadas, que eles entravam com a bota e sujavam tudo. Então, para eles largarem de serem bestas, pra ver o quanto é duro lavar essa cozinha, vocês, cada dia, um de vocês, vai lavar a cozinha. Aí, eles aprenderam a tirar a bota para entrar (M.R.P, 43 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

No depoimento da entrevistada, o trabalho voltado às características domésticas e, por sua vez, executado na Associação, denota aparentar uma espécie de “castigo dirigido aos homens”. Em outras palavras, pode-se dizer que não existe um compartilhar de atividades, mas sim, uma hierarquização delas, atribuídas de acordo a cada sexo. Ao dizer que, apenas uma vez, os homens desempenharam “os trabalhos considerados femininos na Associação” não por via de negociação, mas “como punição por terem sujado o que estava limpo”, as mulheres continuam a perpetuar antigas práticas de poder masculino no espaço de trabalho em que estão inseridas.

Nessa perspectiva, é preciso destacar que, se as antigas continuidades de divisão sexual de papéis se fazem presentes na Associação estudada, outros fatores importantes surgem na tentativa de demonstrar que as mulheres estão a criar resistências em relação ao processo de dominação masculina. O principal deles está caracterizado pela considerável participação feminina em número de associados/as e em cargos de liderança na Associação, representados pelas seguintes estruturas administrativas: as Assembleias, o Conselho de Administração, o Conselho Fiscal e a Secretaria Executiva.

A Assembleia é composta pelo grupo total de associadas/os e tem como principal finalidade a discussão de pontos relevantes nas tomadas de decisões sobre as formas de trabalho desenvolvidas na Associação. Os Conselhos de Administração e Fiscal são formados

por cinco sócias/os eleitos/as pelo grupo durante as Assembleias. Por fim, a Secretaria Executiva é composta por uma sócia que realiza as atividades voltadas à organização do trabalho local, oferecendo suporte ao Conselho Administrativo mediante o cadastro e o segmento de documentações sobre a Associação.

Nessa perspectiva, o Estatuto de Constituição da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, de 21 de março de 2003, prevê os cargos de presidente, secretário, tesoureira e suplente ao Conselho de Administração. Já o Conselho Fiscal está representado pelos cargos de presidente, duas sócias e dois suplentes. A partir disso, salienta-se que, dentre todas as funções de trabalho previstas no Estatuto da ARPE, as mulheres ocupam, em unanimidade, todos os postos de liderança das atividades de grupo. Somente um homem participa, como suplente, em um dos cargos ligado ao Conselho Fiscal da Associação. Ademais, destaca-se que a escolha das pessoas para ocupar os cargos supracitados advém das decisões ocorridas em assembleias, momento onde todo o grupo escolhe, fazendo uso do voto individual, as pessoas que representarão a Associação da qual fazem parte. Em consonância a esses aspectos, relatou a Presidente da Associação:

O próprio grupo apontou: nós queremos você como Presidente. Eu falei: eu não sou capaz! Eu sempre tive aquela coisa de pensar pra trás. Que eu tinha um mundo muito restrito, eu não tinha noção se eu poderia fazer alguma coisa maior (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

O afastamento do lar e a participação da entrevistada no mercado de trabalho, representado por sua nomeação ao maior cargo de liderança na Associação, trouxe-lhe, de início, angústias e conflitos. Ser apontada pelo grupo para ocupar a presidência da Associação implicou expandir fronteiras, além daquelas vivenciadas no âmbito da vida privada. É a partir desse momento, que elas começam a se questionar sobre as relações desiguais de poder entre homens e mulheres, dando início ao processo de empoderamento feminino no espaço de trabalho local dos recicláveis. Todavia, esse processo não se apresenta de maneira tranquila e fácil, uma vez que, na própria fala da entrevistada, existe a resistência e o “estranhamento” diante das situações, antes não vivenciadas por elas.

Esse empoderamento feminino se dá mediante a participação considerável das mulheres em cargos de lideranças das atividades de grupo e trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, ocorrida desde o ano de 2003, período em que ela foi instituída juridicamente. Os homens foram os primeiros líderes de atividades, permanecendo somente os nove primeiros meses de formação da Associação. Após esse período, as mulheres

passaram a liderar todos os postos de trabalho referendados nas decisões provenientes das Assembleias. Na prática, em especial, nos encaminhamentos e trabalhos de gestão da Associação, essa liderança feminina também se faz presente, uma vez que as mulheres conduzem as atividades de gerência no trabalho local dos recicláveis, estabelecendo diretrizes e assumindo as responsabilidades conferidas pelos postos de trabalho.

Nessa perspectiva, o empoderamento permite às mulheres entrevistadas impulsionar os processos de assimilação de poder, procurando obter maior controle sobre as fontes que os determinam socialmente. Logo, na experiência feminina da Associação, o empoderamento atua como meio de emancipação dessas mulheres, implicando em mudanças não apenas no cotidiano das pessoas empoderadas, mas também nas experiências de todo o grupo.

Quando questionados a respeito das mulheres serem, majoritariamente, as pessoas a ocuparem os cargos de lideranças da Associação, os homens sócios ressaltaram as seguintes palavras e/ou frases: “Normal”; “Sei lá”; “Nunca pensei nisso antes”; “Eu não sou machista”, ou ainda, “Só as mulheres que mandam aqui?” – tais expressões denotam, por conseguinte, a negação masculina em ter as mulheres como as líderes de atividades do grupo. Embora, o trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio esteja pautado no princípio da democracia e da coletividade ³⁴, a ideia advinda da lógica capitalista – “chefes de trabalho” – presenciada em muitos momentos desse estudo, continua a permear as atividades e, sobretudo as relações entre os homens e as mulheres entrevistados, uma vez que o poder de decisão no grupo passa a ser centralizado majoritariamente pelas mulheres.

Diante dessa perspectiva, pode-se dizer que, embora permaneçam visíveis as desigualdades de gênero na sociedade e refletidas, por sua vez, no contexto pesquisado, há evidências de que o trabalho feminino vem se transformando, de forma a ocupar progressivamente mais espaço e maior importância social. Isto acontece a partir do momento em que se compreende que, nas atividades de manuseio diário dos recicláveis, as mulheres passam a gerir sobrevivências e a transformar vidas, tornando-se elas próprias personagens centrais de um novo (re) fazer histórico, voltado ao processo de desconstrução das velhas práticas sociais que visam, por sua vez, a construção de relações mais democráticas de gênero no ambiente em que estão inseridas.

³⁴ Princípios da Economia Solidária, apontados no capítulo anterior.

3.3. Trabalho Doméstico e Vida Familiar das Mulheres Catadoras: redefinição ou manutenção de antigos papéis?

Um dos elementos mais importantes para explicar a manutenção ou a redefinição das assimetrias históricas e sociais entre homens e mulheres são as relações de poder. A partir delas, pode-se verificar que a trajetória feminina no mundo do trabalho – remunerado ou doméstico – sempre foi permeada por constantes descompassos, uma vez que, para as mulheres, essa vivência representou a combinação das esferas privada e pública, mediante a sua articulação ou superposição.

Nesse sentido, cumpre destacar que a significativa inserção das mulheres no mercado profissional e as melhores oportunidades de participação feminina na vida pública não foram suficientes para que se pudesse falar em igualdade de gênero, ou ainda, em relações mais democráticas entre homens e mulheres. Ao contrário, muitas dessas tendências, apresentadas de maneira intensa na sociedade atual, continuaram a definir a natureza das relações familiares e as práticas domésticas de acordo com os sexos.

Em se tratando das mulheres pobres, essa situação se apresenta ainda mais difícil de ser rompida, uma vez que as possibilidades de emprego que lhes foram/são oferecidas estavam/estão relacionadas às precárias condições de trabalho, renda salarial inferior e limitada visibilidade social. Somando-se a isso, há que se enfatizar que a dupla jornada de trabalho, representada pelo ser mãe, esposa e dona-de-casa, contribuiu para o difícil acesso delas as melhores condições de vida e igualdade de participação social.

O resultado dessas práticas sociais mostra-se refletido no cotidiano das mulheres entrevistadas nessa pesquisa, mediado pelo desejo de independência econômica, necessidade de auto-sustento, provisão da família e, ao mesmo tempo, a preservação de seu antigo papel de mãe, esposa e vinculada ao lar. A articulação desses tradicionais e novos papéis se dá, muitas vezes, de forma conflituosa, na medida em que a construção de uma nova identidade torna-se para mulheres fonte de poder e autonomia, como também passa a representar a sua dupla jornada com relação aos afazeres domésticos e maternos. Tais aspectos mostram-se difíceis de serem desconstruídos socialmente, visto que, homens e mulheres trazem consigo modelos internalizados historicamente e, conseqüentemente incompatíveis com as novas exigências dos padrões conquistados, atualmente.

Sustentado por princípios religiosos, médicos e históricos, tais construções, instituídas de maneira sutil no imaginário social, conferem sentidos à vida de muitas mulheres e, por sua vez, passam a estabelecer importantes significados às relações entre os sexos. Assim, o não-reconhecimento da sobrecarga de trabalho feminino propicia o estabelecimento de práticas sociais baseadas em princípios de desigualdade de gênero, conforme pode ser analisado no depoimento de uma das entrevistadas:

É complicado, porque, ao mesmo tempo em que eu trabalho aqui, eu chego em casa e tenho que separar a roupa dos meus meninos e dar banho neles. Dali a pouco, tenho que colocar comida pra eles [...] Quando eu chego em casa, vou fazer a janta. Quando ele vê que eu estou muito cansada, aí eu vou fazendo uma carne e ele, o arroz. Ele cozinha, mas ele deixa mais para mim. Quando ele vê que eu estou cansada, ele faz (E.S.P, 27 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

A partir do depoimento da entrevistada, pode-se afirmar que a sua dupla jornada de trabalho, representada pelos papéis de mãe, esposa, dona-de-casa e trabalhadora remunerada não acontece de forma igualitária dentro dos limites físicos do lar. Ao contrário, ela se dá numa hierarquização dessas atividades. Nesse caso em particular, é preciso destacar que somente a entrevistada exerce um trabalho remunerado, de forma a atuar como a única provedora da família. Estes aspectos conferem-lhe a não articulação das tarefas do lar e do cuidado aos filhos com o companheiro, mas a superposição de antigos e novos papéis vivenciados por ela a partir do momento em que passa a fazer parte do mercado de trabalho e, por conseguinte, quando se apresenta como a única responsável pelo sustento familiar.

Segundo Saffioti (1976) este fato tem levado as mulheres a assumirem, muitas vezes, novos espaços por via da negociação com os homens e não um partilhar nas posições que ambos ocupam. Em suma, esse acontecimento acena para a constituição de posições desiguais de poder, enquanto que o partilhar pressupõe uma divisão mais justa.

Na trajetória de pesquisa na Associação, mais precisamente, quando questionados a respeito da divisão de papéis no lar, os quatro sócios entrevistados se referiram ao trabalho doméstico como importante elemento para a manutenção da família e da vida humana. Contudo, esses aspectos se limitam somente à teoria. O que se observou na prática é que os homens, em sua unanimidade, não conciliam as atividades ligadas à esfera doméstica e de cuidado dos filhos com suas parceiras. Em contrapartida, as mulheres entrevistadas apontaram não haver o compartilhamento das atividades do lar com os seus companheiros. Assim, pode-se dizer que, ao ingressar no âmbito do trabalho assalariado, as mulheres tornam-se

sobrecarregadas, pois “suas obrigações domésticas” não lhes são afastadas socialmente em decorrência da divisão sexual de papéis.

Para Hirata e Kergoat (2007) as razões dessas permanências, mesmo no contexto da reconfiguração das representações sociais a que se assiste hoje, continuam sendo um dos problemas mais importantes na análise das relações sociais de sexo/gênero. Isso porque, mesmo com os avanços conquistados pelas mulheres, permanecem as co-existências de tensões e contradições que evidenciam fundamentalmente a conflituosa incumbência das responsabilidades profissionais e familiares como sinônimos do feminino.

Assim, um importante fator que chamou atenção durante as entrevistas faz referência à negação masculina em relação à presença de ideias machistas no lar. Embora, os quatro entrevistados relataram não apresentarem princípios sexistas no que se referem às atividades domésticas e de cuidado aos filhos, seus depoimentos assinalaram uma importante contradição, conforme se pode verificar: “Em casa, ela comanda [...] o fogão, a vassoura.” (E.R.F, 39 anos. Sócio da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

O descompasso entre as práticas culturais e os valores calcados na tradição patriarcal dificulta a identificação de novas identidades sociais a partir da perspectiva de gênero. No depoimento do entrevistado, esses aspectos encontram-se vinculados à concepção de mulheres confinadas à vida privada, que, apoiada na biologia dos sexos, possibilitou o estabelecimento e a incorporação de posições sociais definidas ao feminino e ao masculino na sociedade, sendo elas, por sua vez, refletidas também no contexto pesquisado.

Nesse sentido, Harvey (1992) comenta que, nas últimas décadas, a sociedade passou por um reordenamento dos papéis sociais de gênero. Valores tradicionais de família, sexualidade e maternidade passaram a ser reformulados, alterando práticas cotidianas e mentalidades. Entretanto, tais transformações não representaram uma mudança revolucionária na vida das mulheres. Ao contrário, muitas delas, conforme se evidenciou na entrevista, ainda continuam a permear as relações entre homens e mulheres no contexto público e, sobretudo no doméstico do lar e da família.

É preciso destacar que esta equivocada “subalternidade feminina” é fruto das relações estabelecidas entre os sexos. A partir dela, a sociedade constrói mulheres e homens como sujeitos bipolares, opostos e assimétricos, levando a uma hierarquização de poderes entre eles, expresso pelo “espaço de produção – voltado aos homens – e o da reprodução – pertencente às mulheres”.

Tais construções, efetivadas nas relações sociais, encontram-se apoiadas no plano simbólico, criando sentidos que são aceitos, muitas vezes, pelas próprias mulheres. Ao incorporarem tais papéis, elas passam a compartilhar desses pressupostos, de forma a consentir e a perpetuar as velhas desigualdades e assimetrias de poder. A esse respeito, ressaltou uma das entrevistadas: “Eu acho que é uma grande responsabilidade que não deveria estar nas minhas costas, deveria estar nas costas dele [...]. Eu creio desse jeito: a família, quem tem que sustentar é o homem” (A.S.O, 27 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

Na concepção da entrevistada, o sustento financeiro da família encontra-se ligado a antigas práticas sociais que, historicamente, conferiram aos homens o papel de provedor do lar. Em seu depoimento pode ser evidenciado traços do modelo cultural que advoga aos homens o papel de responsável pelo sustento familiar. Embora, as mulheres entrevistadas estão a criar novas formas práticas e maior participação na vida pública, o contexto doméstico continua a ser o lugar onde as assimetrias de poder sobre os sexos parecem ganhar contornos mais nítidos.

Quando questionadas a respeito do cuidado aos filhos, no momento em que estão desenvolvendo seus trabalhos na Associação, as respostas das entrevistadas foram divididas em quatro grupos. O primeiro, advindo de um total de 5 (cinco) mulheres que apresentam filhos/as adolescentes e/ou com idade suficiente para permanecerem sozinhos em casa, de forma a administrarem os cuidados ou companhia aos irmãos menores; o segundo grupo referente ao número de 10 (dez) sócias que contam com a colaboração de algum familiar para a atenção e cuidado aos filhos/as, em sua maioria, realizado ou pelas avós ou pelos membros ligados à família materna. O terceiro, composto por um grupo reduzido de 3 (três) de mulheres que apontou deixar os filhos/as com seus companheiros durante o momento de trabalho na Associação. Esse último fato foi evidenciado em relação às sócias, cujos parceiros encontram-se afastados do mercado de trabalho formal devido aos problemas de saúde e/ou desemprego. Por fim, as mulheres que constituíram famílias com companheiras³⁵ e que, apresentam filhos de outros relacionamentos, estes se encontram sob os cuidados de familiares durante o momento em que elas realizam os trabalhos diários na Associação.

Em linhas gerais, um dos motivos que leva as mulheres a procurarem e a permanecerem na Associação refere-se à possibilidade de oferecer o sustento financeiro à

³⁵ Das 6 (seis) mulheres que relataram terem vivenciado ou vivenciar relacionamentos afetivos ou união estável com parceiras, somente 2 delas apresentam filhos/a.

família, quando co-provedoras ou únicas responsáveis pelo sustento do lar, bem como proporcionar uma vida mais digna aos filhos. Esses aspectos podem ser analisados nos dois depoimentos a seguir:

A primeira coisa que eu penso quando recebo o meu dinheiro é na minha filha. Eu gasto com o que ela precisa: material escolar, roupa, sapato. A gente sempre pensa nos filhos e acaba ficando um pouco para trás. Não costumo comprar muita coisa pra mim não. Só quando sobra. Eu fico de escanteio. Eu tendo dinheiro e comprando o que ela precisa, pra mim, está bom (D.G.G.M, 26 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

Eu sempre trabalhei para comprar roupa, sair à noite, pra mim mesma. Hoje não. Antes, eu trabalhava para ter as minhas coisas, não tinha necessidade, porque meu pai e minha mãe me davam de tudo. Hoje, eu trabalho para minha filha (D.G.M, 21 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010)

Portanto, os motivos relacionados ao “dar uma vida melhor aos filhos”, mencionados em momentos variados das entrevistas e expressos nos depoimentos anteriores, evidenciam que as mulheres estão, cada vez mais, adentrando os espaços do mercado de trabalho. Porém, ao mesmo tempo em que ingressam no contexto da vida pública, suas participações permanecem, consideravelmente, centradas em trabalhos informais e precários. Tal fato sustenta a ideia de que as mulheres, integrantes dessa pesquisa, se submetem mais às condições desgastantes e com menor remuneração salarial como primeira e importante saída para o sustento de suas famílias e como meio essencial de oferecer aos filhos possibilidades que, segundo muitas delas, “não puderam ter acesso durante a vida”.

Em relação à remuneração advinda do trabalho que exercem na Associação, 17 (dezessete) mulheres apontaram “não gastar o dinheiro mensal consigo mesmas” e apenas 1 (uma) delas relatou utilizar também parte de seu pagamento com os “cuidados de beleza ou do corpo” – cabelo, unhas, cosméticos e roupa. As demais mulheres enfatizaram realizar isso somente quando “sobra dinheiro”, conforme evidenciado nas falas anteriores das duas entrevistadas. Esses dados fazem referência somente às sócias – mães, co-provedoras ou as únicas responsáveis pelo sustento da casa – o que equivale um total de 18 (dezoito) das 33 (trinta e três) mulheres que fazem parte do quadro de associadas à Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. As 15 (quinze) sócias que não apresentam filho/as ou que não necessitam contribuir diretamente nas despesas do lar, relataram utilizar o dinheiro recebido em suas próprias despesas, como: roupas, passeios, alimentação e outros investimentos na família.

Sob outro prisma, é preciso enfatizar que, a ausência feminina do espaço doméstico e a possibilidade de conciliação com o espaço público se apresentam de maneira problemática

para a maioria das entrevistadas, uma vez que este fato lhes propicia gerir sobrevivências como também se torna uma forma de conflito entre o trabalho profissional e doméstico e o seu lugar nas relações sociais. Tais aspectos podem ser verificados no depoimento a seguir: “Foi muito difícil deixar as minhas filhas. Essa parte de adaptação no serviço da Associação foi difícil, mas, o mais difícil, foi ver como as minhas filhas estavam ficando” (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

A fala da entrevistada reflete a sua dificuldade em se desligar dos padrões tradicionais de divisão de papéis no lar. Nele, o cuidado das filhas aparece como importante elemento ligado à concepção biológica, a qual tem colaborado na determinação histórica das funções femininas na sociedade. Enfim, pode-se falar em diversas representações que se articulam em um eixo mais forte e definidor que é a representação das Mulheres na categoria do “ser mãe”.

Tais representações, como afirma Farias (2005) em um estudo sobre as Representações Sociais e a Participação Feminina nos Assentamentos de Reforma Agrária, coloca em questão o ponto mais definidor da ideia construída para a figura das mulheres na sociedade, que é o ser mãe, objetivada na condição do cuidado.

Diante disso, acredita-se que as mulheres dessa pesquisa apresentam dificuldades para desconstruírem os sentidos conferidos pelas representações domésticas e maternas em suas vidas. Nessa perspectiva, Menegat (2010) destaca que tais reproduções sociais consistem em artimanhas estabelecidas no seio familiar, local onde são tecidas teias e significados a homens e, em especial, às mulheres, concebidas como “pessoas fundamentais no espaço da casa e daqueles inerentes à maternidade”. Portanto, desconstruir essas teias e desatar esses “velados nós sociais” tem sido uma tarefa constante na vida dessas mulheres.

Entretanto, esse processo não consiste em uma tarefa fácil, uma vez que:

O soltar de teias em relação aos/as filhos/as não ocorre livre de dilemas porque são atribuições históricas que fazem parte do universo feminino, muitas vezes naturalizadas como funções delas, responsabilizando-as para com essa atuação, o que denota a ideia de que os/as filhos/as são, antes de tudo, filhos/as das mulheres. Essa situação por vezes é mantida por elas próprias, na medida em que potencializam suas atuações nessa posição, como se fossem figuras centrais e fundamentais. Com isso, colocam as atuações dos companheiros numa escala de capacidade inferior no desempenho de ações com o cuidado com filhos/as (MENEGAT, 2010, p. 12).

Esta perspectiva, apontada pela autora, penetra os campos de saber sobre o sexo, o corpo e o gênero, na medida em que a categorização binária do ser humano passa a ser uma

identidade passível de dissolução, de forma a possibilitar o estabelecimento das desigualdades sociais entre as pessoas. Constituídas em práticas discursivas e históricas, tais desigualdades, que marcam a condição social das mulheres, passam a ser contempladas na naturalização das diferenças dos sexos, construídas historicamente.

No entanto, faz-se necessário destacar que, apesar das adversidades relatadas, as mulheres estão a criar novas ações, remodeladas por certo dinamismo e possibilidade de transformação e ressignificação de papéis históricos e culturais que lhes foram destinados. Nessa pesquisa, esses aspectos estão representados pelo considerável número de sócias co-provedoras, ou ainda, as únicas responsáveis pelo sustento financeiro familiar.

Como outrora fora dito, durante muito tempo da história, foi conferido aos homens o exercício das atividades voltadas ao espaço público. O trabalho remunerado, a provisão financeira do lar e o papel de destaque na família eram considerados importantes atribuições masculinas. Já às mulheres, caberia o exercício das atividades afetivas e domésticas, voltadas ao âmago da vida privada. Esse modelo de família-padrão vigorou até meados do século XX, mais precisamente até as décadas de 1950 e 1960, período em que as barreiras culturais e sociais, voltadas à discussão das categorias sexo/gênero, começaram a ser questionadas e desconstruídas pelas mulheres.

A partir desse momento, elas começaram a adentrar e a participar do espaço público e a ocupar significativamente o mercado de trabalho não restrito ao lar. Essas transformações refletiram o processo de subjetivação feminina e, por conseguinte a desestruturação dos modelos patriarcais que conferiram aos homens o papel de únicos provedores financeiros das famílias.

Não obstante, esses aspectos encontram-se refletidos no contexto pesquisado. Conforme já relatado, das 33 (trinta e três) mulheres que compõe o quadro de sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, 14 (quatorze) se apresentam como co-provedoras e 10 (dez) mulheres como as únicas responsáveis pelo sustento do lar. Esses dados assinalam para uma redefinição de papéis sociais em relação à situação feminina no contexto histórico e, em especial, acenam para uma mudança considerável nos padrões de família das mulheres entrevistadas. Portanto, essas mulheres estão a revelar novas práticas, suscitadas pela reestruturação e pelas permanências de papéis sociais de gênero em seus lares.

O que, de fato, elas demonstraram durante toda essa pesquisa é que, mesmo com ou sem a presença da figura masculina no lar, o trabalho na Associação, apesar das contradições nele existentes, se apresenta como elemento essencial na relação entre provisão familiar e

condições de melhor sobrevivência e manutenção de seus lares. Logo, a análise das fontes apontou que as mulheres integrantes dessa pesquisa – cônjuge ou solteira, com ou sem filhos – não são categorias homogêneas e universais, mas se fazem Mulheres, construídas em meio às pluralidades da vida cotidiana e do trabalho que desenvolvem diariamente na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, em busca de melhores oportunidades de participação na vida pública e possibilidades de constituírem elas próprias, sujeitos de suas próprias histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa foram analisadas questões teóricas e práticas referentes ao cotidiano de trabalho e vida de mulheres sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. O levantamento de dados foi realizado através da metodologia em História Oral, mediante entrevistas temáticas com pessoas envolvidas indireta e diretamente ao contexto analisado – Poder Público Municipal, homens e mulheres sócias/os da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio – além da produção e análise de imagens e utilização de documentos de arquivos ligados à temática abordada.

As referências inicialmente propostas nessa discussão contemplaram, dentre outras peculiaridades, uma crítica aos fatores e acontecimentos explicitados pela História Tradicional, que atribuiu importância significativa aos grandes feitos históricos protagonizados pelos homens. As reivindicações, conquistas, desejos, sofrimentos e lutas femininas não foram, por muito tempo, temas merecedores de abordagens históricas e tampouco passaram a ser investidos enquanto pontos primordiais de análise na historiografia, uma vez que tais fatos foram vividos e produzidos pelas mulheres.

O isolamento entre os tempos passado e presente e as competências exigidas para trabalho com os períodos recuados garantiram o monopólio do saber histórico tradicional, voltado ao destaque dos grandes feitos econômicos, políticos e militares de alguns poucos privilegiados. Em contrapartida, iniciativas foram suscitadas no sentido de romper essa barreira e ampliar o espaço temporal das abordagens historiográficas, observadas nessa pesquisa pelo viés da História do Tempo Presente e nos pressupostos teórico-metodológicos apregoados pela História Cultural.

Foi evidenciado, durante o primeiro capítulo, que o Movimento dos Annales (1929-1969) representou um marco essencial na transformação das abordagens historiográficas. Em nome de uma história totalizante, essa nova geração de historiadores/as, liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre, passou a questionar a hegemonia da História Tradicional, imputando-lhe características de uma história elitista, anedótica, factual e individualista. Ancorada em princípios que sustentavam a necessidade de renovação dos métodos e objetos de abordagem historiográfica, o Movimento dos Annales muito contribuiu para importantes transformações nos diferentes campos da pesquisa histórica, sobretudo para o estudo da História das Mulheres.

A incorporação de análises que enfatizam acontecimentos ligados ao tempo presente e os depoimentos diretos de pessoas vinculadas a um determinado período e contexto têm possibilitado uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações elaboradas e/ou dirigidas a grupos e indivíduos em diferentes sociedades. Nessa pesquisa, esses aspectos ganharam forma a partir da análise do trabalho no âmbito dos recicláveis, desenvolvido por homens e, sobretudo, pelas mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Diante desse contexto de crescente desperdício do qual o lixo é símbolo marcante, percebeu-se uma reestruturação das formas de trabalho pelas quais é fundamentado o sistema de atividades no circuito local da reciclagem. Esse espaço de trabalho, ainda que, marginalizado em diversos muitos contextos da sociedade, se apresenta como caminho para a mudança de vida das mulheres entrevistadas, a partir do momento em que elas buscam romper com os paradigmas sexistas que as destinaram exclusivamente ao privado do lar para adentrar ao espaço público da Associação, transformando a matéria considerada morta e obsoleta e, por sua vez, modificando e atribuindo novas funções e direções às suas vidas.

Para tanto, considerou-se relevante nessa pesquisa o estudo da categoria Trabalho, uma vez que a evidente desigualdade entre homens e mulheres na esfera de produção do capital trouxe à tona discussões proeminentes sobre o papel feminino nos contextos da vida pública e privada. Assim, quando se traçou um panorama das questões pertinentes ao trabalho feminino ao longo dos tempos e das sociedades, verificou-se que a participação das mulheres nesse espaço de produção sempre foi permeada por constantes descompassos e ambiguidades.

Inicialmente, se observou que a luta feminina se estruturou em prol do rompimento da visão sexista que atribuía aos homens os papéis de referência no âmbito da vida pública e social e, por conseguinte, às mulheres o espaço da vida privada do lar e o cuidado dos/as filhos/as. Posteriormente, com a maior participação feminina no mundo do trabalho, surgiram debates que fizeram alusão às condições enfrentadas pelas mulheres em suas jornadas laborais, dentre as principais: o baixo salário pago a elas, a menor participação em cargos de chefia e o número crescente de mulheres ligadas a trabalhos precários e vulneráveis.

Se a intensificação da participação feminina no mercado profissional ainda não tem garantido às mulheres entrevistadas igualdade de inserção e qualidade de trabalho, conforme se observou em muitos momentos dessa pesquisa, a luta ativa delas pela conquista de direitos que apontem para a reversão desse quadro pode traduzir-se no aumento da negociação de garantias relativas à busca pela igualdade de gênero.

Assim, os estudos de Gênero se fizeram imprescindíveis na análise de importantes pontos suscitados durante esse estudo. O primeiro deles fez referência à sua articulação com a categoria Trabalho – remunerado e aquele ligado ao âmbito privado do lar. Em relação às atividades desempenhadas pelas mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio foi avaliado o seguinte ponto: esse espaço de atuação profissional, historicamente ocupado por homens, tem se tornado, gradualmente, território de maior representatividade feminina, de modo a tornar-se o principal meio de sustento financeiro das mulheres entrevistadas e das famílias a elas vinculadas.

Esse aspecto assinala uma ruptura das marcas geradas pelas representações que, por muito tempo, conferiram o ambiente doméstico e o cuidado dos/as filhos/as como atividades fundamentais voltadas aos sujeitos femininos. Por outro lado, o trabalho local na reciclagem, ao mesmo tempo em que tem permitido a essas mulheres uma maior participação na vida pública, ainda as têm envolvido nas esferas pautadas na divisão sexual do trabalho, uma vez que foram constatados durante a pesquisa, os seus direcionamentos para a atividade com os recicláveis devido às poucas possibilidades de emprego com melhores garantias de estabilidade e remuneração social, oferecidas em outros setores laborais do Município.

A categoria Gênero, além de sua articulação com as demais categorias, permitiu ainda uma análise mais individualizada de importantes pontos desse estudo. Em consonância a esses fatores, foram percebidas novas identidades de gênero em relação às mulheres da Associação, bem como foi evidenciado um número significativo de sócias que atuam como co-provedoras ou como as únicas provedoras de seus lares. Se antes, os papéis sociais destinados às mulheres centravam-se na permanência delas na família e na submissão ao marido, agora, elas passam a responder de maneira crítica a essas suposições, mostrando-se fortes para o trabalho no âmbito dos recicláveis e para prover financeiramente os seus lares.

Apesar desse avanço, é preciso lembrar que, em momentos variados das entrevistas, as sócias entrevistadas atribuíram, consciente ou inconscientemente, o papel de referência no lar à figura masculina, ainda que elas fossem as únicas ou parte das responsáveis pelo sustento da casa. Esses aspectos assinalam a incorporação sutil e naturalizada, tanto de homens quanto de mulheres, dos conceitos que fazem referência à divisão sexual do trabalho, determinante na delimitação de papéis, ao longo dos tempos históricos e das sociedades, aos sujeitos sociais.

As representações atreladas ao viés da análise das relações de gênero funcionam, nesse caso, como um sistema de interpretação da realidade, de forma a regular as analogias entre as pessoas, orientando as suas práticas cotidianas. Partindo desse pressuposto, cabe

destacar que a dicotomia natureza/cultura foi, ao longo dos tempos, tomada pelo discurso social para manter contendas relacionadas à delimitação de espaços e papéis de acordo com os sexos. Esse fenômeno, que tem raízes históricas e sociais e não naturais, teve início remoto e ainda continua a permear em menor ou maior grau, a vida de homens e mulheres, conforme se observou em um dos momentos das entrevistas, quando as sócias externaram o fato do Município em que residem apresentar um número considerável de trabalhos voltados exclusivamente aos homens.

Em relação a esse aspecto, pode-se afirmar que foram evidenciados indícios de divisão sexual do trabalho no Município de Presidente Epitácio, fator que tem colaborado para o direcionamento das mulheres, principalmente pobres e majoritariamente negras, às atividades mais precárias e pouco reconhecidas social e remuneradamente. Em contrapartida, foi percebido que, para os homens, o mercado de trabalho formal, com direitos e garantias previstos em lei, mostra-se mais acessível, se comparado às possibilidades oferecidas às mulheres epitacianas.

Entretanto, foram destacados em diversos momentos dessa pesquisa e agora, volta-se a afirmar que, a visão reducionista baseada na incorporação dos conceitos formulados pelas teorias sexistas não é/foi um fator isolado para esse direcionamento majoritariamente feminino ao contexto analisado. Outro fator preponderante se refere aos conceitos de etnia e, sobretudo de classe que, embora não tenham sido os objetivos centrais dessa pesquisa, permitiram, em alguns momentos, desenvolver uma análise mais completa e rica sobre a temática abordada.

Nessa perspectiva, os estudos de gênero e das representações tornam-se categorias importantes para o entendimento de como as sociedades e os grupos sociais construíram e interpretaram as diferenças entre os sexos. Todavia, como bem lembrou Sorj “nem tudo é uma questão de gênero” (SORJ, 1993, p.06). Mesmo quando o objeto de estudo tem como eixo principal as relações de gênero, faz-se ainda necessário trabalhar com outros conceitos como de etnicidade e classe, que, em momentos variados, alertaram e conduziram importantes debates suscitados durante esse estudo.

Ainda que o trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio represente um espaço de trocas dialógicas, de catarse na elaboração de conflitos, de um lugar que promove a sociabilidade entre os/as catadores/as e de um ambiente onde, principalmente as mulheres entrevistadas perpassam da esfera doméstica à vida pública, potencializando distintas visões de mundo e novas aprendizagens, ele atua também como um lugar que

demarca atividades pouco reconhecidas históricas e socialmente, principalmente às mulheres, aos pobres, aos negros e às pessoas que, por um motivo ou outro, se encontravam à margem de melhores possibilidades de participação social.

Esse estudo mostrou que o espaço de trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio tem se apresentado como um local de fronteira, que delimita tanto os fatores positivos – possibilidade de sobrevivência mediante a prática diária em um trabalho considerado honesto e a partir dele, a obtenção do sustento financeiro – quanto os fatores negativos – condições inadequadas de trabalho, baixa remuneração salarial e estigma social. Tais aspectos encontram-se relacionados ao papel conferido pelas representações que, nesse caso, funcionam como a falsa percepção do real de vida e trabalho de homens e mulheres catadores/as, sendo elas elaboradas socialmente, apresentando funções específicas e, ao mesmo tempo, ambíguas nos contextos em que foram produzidas.

Nesse sentido, o diálogo com outras fontes – os documentos e as imagens – possibilitou afirmar que o núcleo das representações que conferem essa falsa percepção do real está ligado, principalmente, ao lugar onde as/os sócias/os realizam os seus trabalhos com os recicláveis, caracterizado pelo mesmo espaço físico onde está situado o aterro controlado do Município, o qual determina uma distância de quatro metros do barracão da Associação das últimas valas que funcionam como depositário dos resíduos impróprios para serem reciclados.

A partir das análises de importantes leis ambientais, verificou-se que o aterro de Presidente Epitácio deveria receber a denominação “controlado” e não “sanitário”, apontado, equivocadamente, tanto pelo Poder Público local, quanto pelas sócias/os durante as entrevistas. Esse empreendimento deveria permitir o cumprimento dos padrões mínimos de não exposição de resíduos, a contenção de inúmeras consequências desencadeadas pelo lixo e, sobretudo, a proibição de pessoas transitando e/ou trabalhando próximas a esse lugar de descarte de insumos. Todavia, foram observados que tais aspectos não vêm sendo cumpridos pelo Poder Público local, o que além de propiciar grandes danos à saúde desses/as trabalhadores/as, tem colaborado para o estabelecimento e a propagação das denominações “lixeiros, candangos e trabalhadoras do lixo” a homens e mulheres da ARPE.

Assim, um dos aspectos que permitiram entender a convergência e a divergência das histórias analisadas são, justamente, os estudos que contemplam a abordagem histórica do cotidiano. Entendido nessa pesquisa não como sinônimo da cotidianidade – repetição e rotina – mas como um lugar onde são tecidas as relações sociais, ele, o cotidiano, pôde ser percebido

como um espaço de múltiplas ambiguidades, onde se produzem e reproduzem constantemente as diversas representações sobre o trabalho e a vida de mulheres que atuam na cartografia local dos recicláveis.

Inserido na dinâmica das transformações, segundo bem definiu Michel de Certeau (1994), o cotidiano pode ser entendido, ainda, como um local onde são mantidas e/ou subvertidas relações de poder entre os homens e as mulheres entrevistados/as. Definido pelo autor como um espaço multifacetado, plural e como lugar de criação e reduto de resistências, sua análise possibilitou um melhor entendimento sobre os processos que fazem referência às mudanças e às continuidades percebidas em relação ao contexto de trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio e daquele inerente ao lar das pessoas envolvidas durante esse estudo.

Destarte, foi observado que a condição de líderes de atividades na Associação tem possibilitado às mulheres entrevistadas uma expressão de empoderamento em seu local de trabalho. Ao se verificar a participação delas tanto em número de associados quanto em cargos relativos aos postos de trabalhos, constatou-se um crescimento bastante expressivo das mulheres no ambiente de manuseio dos recicláveis que, historicamente foi considerado um reduto de trabalho masculino, por estar ligado ao vigor corporal e à agilidade física. Em contraponto, as sócias passaram a desconstruir tais conceitos, pautados na compreensão de um corpo “frágil, histérico e docilizado”, para atribuir a ele um caráter de força, de maneira a não limitar o corpo social à zona erógena dos sexos, mas de torná-lo o principal instrumento de trabalho com os recicláveis e meio pelo qual as mulheres perpassam de coadjuvantes da história para líderes de atividades em seu espaço de trabalho.

A partir desses dados, foram observados que as pessoas que ocupam cargos de liderança na Associação estão intimamente relacionadas ao fato de apresentarem um grau de conhecimento mais elevado. Assim, o grupo identifica, principalmente nas mulheres, a importância da escolaridade como forma de melhor gerir a Associação da qual participam. Porém, esse aspecto não foi percebido como um requisito determinante para a ocupação feminina em cargos de liderança dentro do ambiente estudado. Outro fator preponderante para essas escolhas está relacionado à postura das mulheres em suas atividades diárias com os recicláveis – iniciativa de trabalho, ideias que apresentam e, sobretudo a capacidade de resolução de problemas que demonstram tanto em relação à família quanto àqueles inerentes aos espaços internos da Associação.

Assim, o fato de se apresentarem, majoritariamente, como líderes de atividades pode ser entendido, em parte, como a ação de um empoderamento feminino. Trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aquire poder, um artifício pelo qual as mulheres entrevistadas alcançam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão na Associação da qual fazem parte.

Porém, é preciso destacar que, apesar dos avanços relatados, é inegável a persistência de fortes indícios de divisão sexual do trabalho no espaço da Associação. Levando em conta esses aspectos, foi observada uma cisão entre as atividades consideradas “tipicamente masculinas” – voltadas ao esforço e ao vigor físico – e “aquelas percebidas como femininas” – atividades de limpeza e cozinha – a homens e mulheres, respectivamente. Mesmo estando a ocupar os cargos mais significativos de trabalho na Associação, o que lhes permite, por um lado, a concepção de empoderamento, as mulheres ainda continuam a perpetuar as velhas desigualdades sociais pautadas no fator sexo, a partir do momento em que realizam as “atividades reprodutivas” com forte sentimento de normalidade e obrigação dentro do ambiente em que estão inseridas.

Em vários depoimentos, as mulheres expressaram as contradições existentes em relação ao contexto privado do lar e o público da Associação. Ao mesmo tempo em que se consideraram vitoriosas por serem, muitas vezes, as únicas a proverem o sustento de suas famílias ou por levarem o trabalho na ARPE adiante, mesmo em tempos de crise financeira, a sobrecarga conferida pela dupla jornada da casa e da Associação ainda as têm levado a uma multiplicidade de responsabilidades, que assinalam não para um compartilhar, mas para um acúmulo de funções e papéis sociais desempenhados e, principalmente, perpetuados por elas dentro e fora de seus lares.

Assim, o aspecto mais fortemente destacado pelas entrevistadas nas experiências de fazerem parte da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio é justamente os/as filhos/as. Nessa direção, pôde-se constatar que a necessidade de sustento financeiro da família, em especial a questão vinculada ao fato de oferecer aos/as seus filhos/as uma vida mais digna colaborou para a entrada e a permanência delas no contexto estudado. Portanto, para as mulheres, ainda que, enfrentando dificuldades econômicas e duplas jornadas de trabalho, estar com os/as filhos/as e proporcionar a eles/as melhores possibilidades de vida passa a representar maiores dimensões em suas trajetórias cotidianas.

Esse processo de reconstrução de seus papéis na sociedade, com a participação ativa das mulheres na Associação implicou, para muitas delas, a oportunidade de melhorarem de

vida. Logo, a busca por uma maior aproximação das experiências vividas e externadas por essas mulheres, além da observação de seus cotidianos e das narrativas por elas construídas permitiram afirmar que, mesmo em meio a grandes impasses, esse espaço de trabalho tem se apresentado um caminho de transformação pessoal e profissional às sócias entrevistadas nessa pesquisa.

Em suma, tais aspectos encontram-se representados no seguinte ponto que permeou e agora sintetiza a discussão final dessa pesquisa: lixo é todo o objeto que perde sua função de uso, e assim é lançado para fora, porque chegou ao final de sua utilidade. No entanto, para muitas dessas mulheres, o fim significa o começo de tudo, porque é por meio do aproveitamento do lixo, do manuseio da matéria considerada morta e acabada, que se transformam e atribuem novas funções e direções às suas vidas. Com isso, produzem, especialmente, condições para que elas próprias tenham vida, gerem seus sustentos e, mais, se constituam trabalhadoras e sujeitos sociais, mesmo em meio às adversidades diárias que marcam os seus trabalhos e as suas vidas.

A partir disso, afirma-se que os objetivos propostos nessa pesquisa foram alcançados e espera-se ter, de alguma forma, contribuído para a compreensão das experiências e trajetórias trilhadas pelas mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, em suas buscas cotidianas por melhores oportunidades de participação social e de vivências mais igualitárias de gênero nas esferas que circunscrevem as suas histórias de trabalho e vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas: Cortez, 1995.

_____. *O Avesso do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e Profissão*. v.22, n.22. Jun. 2002.

_____. Gênero e família na construção de relações democráticas. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. v.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. v. 2, n.1(3), jan-jul/2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em 05 de março de 2010.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico (1972)*. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2003.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos Pagu: desafios da equidade*. v.17/18. 2002.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*. v.37. n.132. Set/Dez. 2007.

BURKE Peter. (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. v.1. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1985.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Ogs). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Forense, 1970.

FALCON, F.J.C. História e Representação. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. As representações sociais: algumas reflexões sobre a participação feminina nos assentamentos de reforma agrária. In: *Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História: História: Guerra e Paz*. Londrina: 2005.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: GRAAL, 2000.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 2008.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. *O trabalho no lixo*. 2006. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

HIRATA, Helena. Reestruturação produtiva e relações de gênero. *Revista Latino-Americana de Estudos sobre o Trabalho*. v.7. Ano 4. 1998.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. v. 37. Ano 132. Set/Dez. 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

JOUTARD, Phillipe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEFEBVRE, Henry. *Metafilosofia – Prolongamentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história da modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MASSI, Marina. *Cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MEDEIROS, Luíza Ferreira Rezende de; Mâcedo, Kátia Barbosa. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia e Sociedade*. v.18. Maio/Agost. 2006.

MENEGAT, Alzira Salete. Mulheres assentadas abrem novas portas. Quais as portas? In: MENEGAT, Alzira Salete; TEDESCHI, Losandro Antonio; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. *Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário*. Dourados: Editora da UFGD, 2009a.

_____. *No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia: as contradições entre os projetos do Estado e dos assentados no assentamento Taquaral - MS*. Dourados: Editora da UEMS/UFGD, 2009b.

_____. *Mulheres assentadas e acadêmicas construindo novos pertencimentos sociais*. 2010. [Mimeo].

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas à representação social: elementos para uma História. In: JODELET, Denise. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE RECICLAGEM – MNCR. Disponível em: <http://www.mnccr.org.br>. Acesso em 12 de março de 2010.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. A provisão da família: redefinição ou manutenção de papéis? In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda de; SOIHET, Rachel (Org.). *O Corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. *As Mulheres e os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

_____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional de amostra por domicílio*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 14 de março de 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n. 3. 1989.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURINI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli de (Org.). *A Mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

RIBEIRO, Matilde. Relações sociais nas pesquisas e processos sociais: em busca de visibilidade para as mulheres negras. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli de (Org.). *A Mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. São Paulo: Rocco, 1994.

SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entram em Cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. Conceituando gênero: violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, Heleith. & MUNHOZ-VARGAS, Monica. (Org.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro/Brasília: Rosa dos Tempos/UNICEF, 1994.

SARTI, Cynthia Andersen. *A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, Demerval (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. São Paulo: Autores Associados, 2002.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da história*. São Paulo: Novas Perspectivas/UNESP, 1992.

_____. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v.20, Jul/Dez. 1995.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. In: *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: IEA/USP. n.51, 2004.

_____. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda de (Org.). *O Corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

SORJ, Bila. Relações de gênero e teoria social. In: *Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu (MG), 1993. [Mimeo].

SOUZA, Daniela Neves de. Reestruturação capitalista e trabalho: notas críticas acerca da economia solidária. In: *Revista Katál*. v.11. n.1. Jan/Jun. 2008.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A Classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *Mulheres camponesas da região noroeste do Rio Grande do Sul: identidades e representações (1970-1990)*. 2006. 245f. Tese (Doutorado em História) Estudos Históricos Latino-Americanos – UNISINOS. São Leopoldo.

_____. O Uso da Categoria Gênero na História das Mulheres Camponesas: uma ferramenta necessária. In: MENEGAT, Alzira Salete; TEDESCHI, Losandro Antonio; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba. *Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário*. Dourados: UFGD, 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WHITAKER, Dulce. *A sociologia rural: questões metodológicas emergente*. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

FONTES

Documentos de Arquivo:

Aplicação dos Termos de Ajuste de Condutas – TACs. In: CETESB, São Paulo (Estado). *Inventário Estadual de Resíduos Sólidos Domiciliares: Relatório de 2002.* São Paulo: CETESB, 2002.

Código Sanitário do Estado de São Paulo. Título I. Seção II. Dos resíduos sólidos. (Disponível em <http://www.cetesb.sp.gov.br>). Acesso em 20 de dezembro de 2010.

Definição dos termos: lixão, aterro controlado e aterro sanitário. Site da Organização Não Governamental Lixo.com. (Disponível em http://www.lixo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&jd=144&Itemid=251). Acesso em 19 de dezembro de 2010.

Estatuto de Constituição da Associação dos Recicladores de Presidente Epitácio - ARPE. Elaborado em 21 de Março de 2003. 13p. Documento Cedido pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. (Disponível nos arquivos da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio).

Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. (Disponível em http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei12.305-2010?OpenDocument). Acesso em 18 de dezembro de 2010.

Lei Municipal nº 2.023/2006, de 14 de Junho de 2006. 01p. Documento Cedido pela Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio - SP. (Disponível nos arquivos da Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio).

Minuta do Termo de Convênio Firmado Entre a Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio e a Associação dos Recicladores de Presidente Epitácio - ARPE. (Lei nº 2.023/2006). 05p. Documento Cedido pela Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio. (Disponível nos arquivos da Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio).

Parecer sobre a Disposição de Resíduos Sólidos nos Municípios do Estado de São Paulo – SP. Secretaria de Estado de Meio Ambiente de São Paulo. (Disponível <http://www.cetesb.sp.gov.br/Solo/residuos/historico.asp>). Acesso em 19 de dezembro de 2010.

Entrevistas Realizadas:

Poder Público Municipal de Presidente Epitácio:

- Antonio Domingos Dal Más, antigo secretário de Planejamento e atual Coordenador do “Projeto Coleta Seletiva” do Município de Presidente Epitácio. Entrevistas realizadas em 08/01/2010 e em 01/12/2010, no Complexo Administrativo Municipal de Presidente Epitácio. Duração: 52 min e 50 min.

Mulheres Sócias da ARPE:

- A.S.O, 27 anos, sócia da ARPE. Entrevista realizada em 01/12/2010 no barracão da Associação. Duração: 12 min.
- D.G.G.M, 26 anos, sócia da ARPE. Entrevista realizada em 08/03/2010 no barracão da Associação. Duração: 74 min.
- D.G.M, 21 anos, sócia da ARPE. Entrevista realizada 22/04/2010 no barracão da Associação. Duração: 25 min.
- E.H.P, 33 anos, sócia e Presidente da ARPE. Entrevista realizada em 08/03/2010 – 100 min; 28/05/2010 – 55 min; 08/10/2010 – 30 min e 01/12/2010 – 56 min, no barracão e no Complexo Administrativo Municipal de Presidente Epitácio.
- E.S.P, 27 anos, sócia e secretaria da ARPE. Entrevista realizada em 22/04/2010 no barracão da Associação. Duração: 26 min.
- L.F.S, 37 anos, sócia da ARPE. Entrevista realizada em 22/04/2010 no barracão da Associação. Duração: 49 min.
- M.A.S, 34 anos, sócia da ARPE. Entrevista realizada em 23/04/2010 no barracão da Associação. Duração: 39 min.
- M.A.T, 55 anos, sócia da ARPE. Entrevista realizada em 08/10/2010 no barracão da Associação. Duração: 35 min.
- M.R.P, 43 anos, sócia, líder de atividades e tesoureira da ARPE. Entrevista realizada em 08/03/2010 no barracão da Associação. Duração: 89 min.

- P.S.F, 24 anos, sócia e segunda secretária da ARPE. Entrevista realizada em 28/05/2010 no barracão da Associação. Duração: 19 min.
- S.S.R, 31 anos, sócia da ARPE. Entrevista realizada em 28/05/2010 no barracão da Associação. Duração: 25 min.

Homens Sócios da ARPE:

- C.J, 26 anos, sócio da ARPE. Entrevista realizada em 01/12/2010 no barracão da Associação. Duração: 107 min.
- E.R.F, 39 anos, sócio da ARPE. Entrevista realizada em 08/10/2010 no barracão da Associação. Duração: 18 min.
- R.S.B, 26 anos, sócio da ARPE. Entrevista realizada em 08/10/2010 no barracão da Associação. Duração: 19 min.
- W.D.T, 26 anos, sócio da ARPE. Entrevista realizada em 01/12/2010 no barracão da Associação. Duração: 18 min.

Imagens

Fotografia 1 – Antigo lixão a céu aberto do Município de Presidente Epitácio. Fonte: In: DAL MÁ S, Antonio Domingos. *Lixo Sob a Ótica do Direito*. Trabalho de Conclusão de Graduação em Direito. Presidente Prudente: UNOESTE, 2003, p.73.

Fotografia 2 – Trabalho na catação no antigo lixão a céu aberto do Município de Presidente Epitácio. Fonte: In: DAL MÁ S, Antonio Domingos. *Lixo Sob a Ótica do Direito*. Trabalho de Conclusão de Graduação em Direito. Presidente Prudente: UNOESTE, 2003, p.73.

Fotografia 3 – Aterro controlado do Município de Presidente Epitácio. Fonte: Produzida por Luciana Codognoto da Silva em 28 de março de 2010 no barracão da ARPE.

Fotografia 4 – Aterro controlado do Município de Presidente Epitácio. Fonte: Produzida por Luciana Codognoto da Silva em 28 de março de 2010 no barracão da ARPE.

Fotografia 5 – Quadro confeccionado pelas sócias/os contendo os princípios norteadores do trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Fonte: Produzida por Luciana Codognoto da Silva em 23 de abril de 2010 no refeitório da ARPE.

Imagem 1 – Localização via satélite do Município e da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Fonte: Disponível em: Google Maps http://maps.google.com/maps?f=q&source=s_q&hl=pt-. (Acesso em 20 de maio de 2010).

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS I

ROTEIRO DE ENTREVISTAS I

Pontos que direcionaram as entrevistas com o representante do Poder Público Municipal de Presidente Epitácio:

- Preocupação que motivou o Poder Público a desativar as antigas formas de gerenciamento de lixo (lixão a céu aberto no ano de 1999) e a criação de um aterro controlado para a deposição atual dos resíduos sólidos no Município.
- As diretrizes que impulsionaram a formação da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio no Município.
- Experiências anteriores e atuais com outras Associações e Cooperativas de Reciclagem no processo de implantação e estruturação da Associação em Presidente Epitácio.
- Pressupostos da Economia Solidária e a sua aplicabilidade na ARPE.
- Sobre o termo de parceria/convênio entre Prefeitura e ARPE: como foi pensado e articulado esse movimento.
- Sobre a manutenção de insumos da ARPE: verbas e recursos aplicados nesse empreendimento.
- Apoio de ONGs, recursos federais e/ou estaduais e aspectos condizentes a “autogestão da ARPE” e a participação do Poder Público Municipal nesse processo.
- Perspectivas de (re) estruturação das formas de gerenciamento do lixo (reciclável e não-reciclável) no Município.
- Campanha de Educação Ambiental em Presidente Epitácio: segmentos que participam ou participaram e como foi estruturada.
- Destino das pessoas que desenvolviam a atividade de catação no lixão, após a sua desativação.
- Aspectos condizentes à construção, localização e distância do aterro controlado e do barracão da ARPE em relação ao centro da cidade.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS II

ROTEIRO DE ENTREVISTAS II

Pontos que dirigiram os questionamentos aos homens e às mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Em relação ao âmbito privado do lar:

- Participação feminina e masculina na definição e execução das tarefas domésticas. Há divisão de trabalhos? Como eles acontecem? Ocorrem resistências em desempenhar determinados trabalhos?
- Trabalhos da casa que os homens preferem fazer e os que não gostam de fazer.
- Trabalhos da casa que são mais atribuídas às mulheres. Há contestação e/ou aceitação?
- Cuidado dos filhos/as no momento de trabalho na Associação.
- Tempo livre para o lazer. Quando e como ele acontece?
- Quanto à remuneração advinda do trabalho com os recicláveis, para onde ela é dirigida? O dinheiro é canalizado somente para os gastos com a família, contas e manutenção do lar ou há gastos consigo próprio (roupas, passeios, diversão)?
- Problemas de relacionamentos na família.
- Igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.
- Concepções de homens e mulheres sobre o machismo.
- Considerações de homens e mulheres sobre a participação feminina no mercado de trabalho. Aspectos positivos e/ou negativos.
- Quem contribui na manutenção financeira da família? Quantas pessoas? Em que trabalham?
- Expectativas de vida de homens e mulheres em relação aos filhos/as. Desejam que os filhos/as exerçam as mesmas atividades?
- Grau de satisfação feminina em relação à imagem corporal.
- Sexualidade: vivência; número de parceiros/as; experiências hetero e homossexuais.
- As tarefas domésticas e de cuidados dos filhos/as podem ser consideradas formas de Trabalho?
- Perspectivas em relação à vida pessoal e profissional.

- Idade; Escolaridade; Estado Civil; Número de filhos/as; Posição que ocupam dentro da Associação; Auto-percepção em relação à etnia/cor.

Em relação ao espaço público de trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio:

- Motivos que os/as levaram a procurar o trabalho na ARPE.
- Trajetória Profissional anterior ao trabalho na Associação: empregos precedentes a entrada na ARPE. Experiência e/ou conhecimento anterior sobre o trabalho no âmbito dos recicláveis ou na catação.
- Renda salarial mensal.
- Significado do trabalho na vida das pessoas entrevistadas.
- Significado que o trabalho na ARPE representa às pessoas entrevistadas.
- Há divisão de papéis a “homens e mulheres na ARPE”? A quem são atribuídos e quais os motivos dessas atribuições?
- Quanto de tempo de atuação na ARPE? Participou da implantação e/ou dos primeiros passos da estruturação do trabalho da Associação no Município?
- Aspectos voltados ao momento de crise financeira, vivenciado no mercado global da reciclagem durante os anos de 2008 e 2009 e seus reflexos na ARPE.
- Setores de trabalho na Associação: quem realiza essa divisão? Há contestação e/ou aceitação?
- Cargos de liderança da ARPE: Quais? Quem participa? Como é realizada a escolha das lideranças?
- O papel do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem - MNCR e do Comitê Regional do Oeste Paulista nas atividades realizadas pela ARPE.
- A primeira vez que ouviram falar do termo Economia Solidária: Quanto tempo faz? Onde? Como tiveram acesso aos pressupostos solidários?
- Consideram a ARPE alicerçada nos princípios do trabalho solidário?
- Realizam ou realizaram cursos ligados à SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária?
- Atividades que preferem realizar na Associação. Quais e Por quê?
- Motivos que os/as fazem prosseguir no trabalho na ARPE.

- As formas pelas quais são recebidos no momento de coleta dos recicláveis pelas ruas da cidade. Quem as realiza? Quem os/as recebe?
- Relacionamentos com parceiros de trabalho (amizade, vínculos afetivos).
- Visão masculina e feminina sobre a maior participação de mulheres na liderança e em número de associados/as na ARPE.
- Visão de homens e mulheres sobre a permanência feminina mais duradoura na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.
- Possibilidades de trabalho formal no Município a homens e mulheres.
- Aspectos condizentes à localização e às condições de trabalho na ARPE.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados (MS), 27 de junho de 2011.

Luciana Codognoto da Silva